

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

OSMAR ROBERTO PEREIRA

**NASCIDOS NO SILÊNCIO:
AS RELAÇÕES ENTRE FILHOS OUVINTES E PAIS SURDOS NA
EDUCAÇÃO**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2013

OSMAR ROBERTO PEREIRA

**NASCIDOS NO SILÊNCIO:
AS RELAÇÕES ENTRE FILHOS OUVINTES E PAIS SURDOS NA
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metodista de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientação: Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2013

A dissertação de mestrado sob o título “**Nascidos no silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação**”, elaborada por **Osmar Roberto Pereira** foi apresentada e aprovada em 13 de dezembro de 2012, perante banca examinadora composta pela **Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini** (Presidente/UMESP), **Profa. Dra. Elizabete Cristina da Costa Renders** (Titular/UMESP) e **Profa. Dra. Maria Cecília de Moura** (Titular/Pontifícia Universidade Católica).

Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Roseli Fischmann
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Formação de Educadores

*Dedico este trabalho ao Senhor,
Aos meus pais, Vavá e Alice, surdos,
À minha esposa Elaine, também surda
Ao meu filho Miguel, que já sinaliza as primeiras palavras em LIBRAS
À tia Maria, que foi muito especial para mim*

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui.

Ao meu primeiro orientador, Prof. Dr. Danilo Di Manno de Almeida, que o Senhor recolheu para si.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Zeila Demartini, pela orientação, carinho e preocupação.

A profa. Dra. Maria Leila Alves, por ler o meu trabalho com muito zelo.

À Profa. Dra. Elizabete Renders, pelo incentivo.

Aos meus pais, Vavá e Alice, pela minha educação e formação.

À minha esposa Elaine, pela paciência.

Ao meu filho Miguel, pela falta de paciência.

Aos meus familiares, em especial, à tia Maria, que nos deixou enquanto eu escrevia esta dissertação.

À Universidade Metodista de São Paulo, pela bolsa concedida.

“Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”

(Bíblia Sagrada, Livro de Lucas, Cap. 15, vs. 31)

RESUMO

Este trabalho busca apresentar as vivências de três pessoas ouvintes, além do próprio autor, filhas de pais surdos, discutindo as relações familiares entre pais e filhos, mostrando as diferenças em relação às famílias que não possuem pessoas surdas no seu âmago, desmistificando preconceitos e pré-conceitos. Devido as barreiras comunicacionais e pelo preconceito, muitos surdos acabavam sendo privados do direito de serem pais. Nos relatos apresentados nesta dissertação, houve momentos em que isso quase aconteceu na vida dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa. Porém, com força e consciência dos direitos adquiridos, esses pais surdos não permitiram que tal coisa acontecesse. O texto inicia com a trajetória formativa e profissional do autor para, em seguida, trazer os autores que abordam temas como surdez (Wrigley, 1996; Lacerda, 1998; Perlin, 1998; Moura, 2000; Sá, 2002; Quadros, 2004; Sacks, 2007), antropologia (Hall, 1992; Gomes, 2008), relações familiares (Lacan, 1987) e autobiografia (Ferraroti, 1991; Pineau, 2006; demartini, 2008). A língua de sinais e a história educacional dos surdos também são discutidas neste trabalho. Por último, são apresentados os relatos de história de vida feitos na pesquisa de campo de forma literária, com as análises dos depoimentos colhidos pelos sujeitos entrevistados (filhos ouvintes e pais surdos) os quais evidenciam que ser filho de pais surdos pode ser tão normal quanto ser filho de pais ouvintes.

Palavras-chave: surdez; língua de sinais; LIBRAS; surdo; CODA; filho de pais surdos.

ABSTRACT

This paper seeks to present the experiences of three listeners, besides the author, children of deaf parents, discussing family relationships between parents and children, showing the differences in relation to families who have no deaf people at its core, demystifying prejudices and pre-concepts. Due to communication barriers and prejudice, many deaf people ended up being deprived of the right to be parents. In the reports presented in this thesis, there were times when it almost happened in the lives of the subjects interviewed for this research, but with strength and awareness of rights they had, these deaf parents would not allow such a thing to happen. The text begins with the history and formation of the author to then bring the authors covering topics such as deafness (Wrigley, 1996; Lacerda, 1998; Perlin, 1998; Moura, 2000; Sá, 2002; Quadros, 2004; Sacks, 2007), anthropology (Hall, 1992; Gomes, 2008), family relationships (Lacan, 1987) and autobiography (Ferraroti, 1991; Pineau, 2006; Demartini, 2008). The sign language of the deaf and educational history are also discussed in this paper. At the end are presented reports of life history made in the research field of literary form, with analyzes of testimonies collected by interviewees (deaf parents and hearing children) which showed to be son of deaf parents can be as normal as being the child of hearing parents.

Key words: Deafness, sign language; ASL; Deaf, CODA, son of deaf parents.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
....	
1 – NASCIDO NO SILÊNCIO	14
1.1 EU, UM CODA.....	14
1.2 EU, INTÉRPRETE DE LIBRAS.....	27
2 – SOU FILHO DE SURDOS: RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS	37
2.1 A HISTÓRIA EDUCACIONAL DA COMUNIDADE SURDA.....	37
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS PARA OS SURDOS.....	42
2.3 A CULTURA SURDA: UMA ABORDAGEM MULTICULTURAL.....	45
2.4 A IDENTIDADE SURDA NA RELAÇÃO ENTRE PAIS SURDOS E FILHOS OUVINTES.....	55
....	
3 – NÃO ESTOU SOZINHO: OS OUTROS FILHOS DE SURDOS	63
3.1 HERMIONE.....	64
3.2 COLIN.....	72
3.3 SIMAS.....	76
4 – FILHOS DE SURDOS LADO A LADO: ESTRATÉGIAS ENVOLVIDAS E DIREITOS REIVINDICADOS	81
4.1 O RELATO AUTOBIOGRÁFICO E HISTÓRIA DE VIDA.....	81
4.2 AS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS.....	83
4.3 OS SURDOS E O DIREITO DE SEREM PAIS.....	86
4.4 O FILHO COMO “INTÉRPRETE” DOS	92

PAIS.....	
4.5 OS FILHOS DE SURDO NA ESCOLA.....	94
4.6 TUTOR DOS PAIS.....	97
4.7 A RESPONSABILIDADE PRECOCE.....	99
4.8 SER OU NÃO SER INTÉRPRETE DE LIBRAS.....	10 1
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10 5
REFERÊNCIAS.....	10
...	8
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	11 2
APÊNDICES.....	11
.....	3
ANEXOS.....	13
.....	8
INTRODUÇÃO	

Quando era criança, e até mesmo hoje em dia, as pessoas ao saberem que sou filho de surdos ficam muito surpresas em notar que não sou também um surdo. Esse aspecto me intrigava muito e, ao adentrar o espaço acadêmico, notei que muito se falava sobre os surdos. Em uma rápida pesquisa na *web*, há uma infinidade de trabalhos falando sobre vários aspectos da surdez, desde a causa, informações de como lidar com a criança surda, maneiras de como educá-la, discussões sobre o ensino bilingue ser eficaz ou não etc. Porém pouco se fala sobre o filho de pais surdos. Sendo assim, optei por desenvolver um trabalho de pesquisa sobre pessoas que, como eu, tem o pai e a mãe surdos e que comunicam-se através das mãos.

A família é a primeira instituição onde se aprende a cultura. É o espaço em que são transmitidos valores, códigos de ética e moral, e principalmente a língua. É

comum vermos casais oriundos de outros países que mantêm em casa a cultura e o idioma de seus países de origem, mesmo vivendo no Brasil. (LACAN, 1987)

Com as famílias em que os pais são surdos e comunicam-se através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) o processo de transmissão de língua e valores aos filhos não é diferente, só que neste caso o viés será pela língua de sinais. Os dados estatísticos apresentam que cerca de 90% dos casais surdos têm filhos ouvintes (WRIGLEY, 1996).

Os surdos são um grupo de pessoas que compartilham uma mesma língua e identidade surdas, pautadas em valores e códigos morais construídos nas relações entre essas pessoas. É um grupo que não reivindica um espaço físico, mas sim, o seu direito de ser surdo, de usar a sua língua de sinais e que os espaços públicos e privados sejam acessíveis a eles (WRIGLEY, 1996).

Nesse contexto, este trabalho buscou entender as relações que existem entre os filhos ouvintes de pais surdos e seus progenitores, levando em conta as semelhanças e diferenças que poderiam existir se estes mesmos filhos fossem criados por pais ouvintes. Procurei discutir a questão da identidade surda, tão presente nos grupos de surdos que vivem no Brasil, na perspectiva de que esta diferença dos surdos em relação aos ouvintes permeia a educação dos filhos de pais surdos.

A hipótese apresentada nesta pesquisa aborda a questão em que os casais surdos, através de seus valores e costumes compartilhados entre si e na Comunidade Surda, influenciam de certa forma seus filhos ouvintes, principalmente no uso da língua de sinais, sendo possível que estas pessoas passem entre a Cultura Surda e a cultura da sociedade ouvinte. Outro fator que também pode aparecer é a necessidade de os filhos serem ajudadores dos pais quando existe a necessidade de comunicação com as pessoas ouvintes.

O ponto de partida é o meu relato de vida, pois sou filho de surdos e conheço de perto as relações e os conflitos que existem nesse processo, aspectos que são apresentados no primeiro capítulo. No segundo capítulo abordo a história da educação de surdos no Brasil e no mundo, o que é a língua de sinais e em seguida a Cultura Surda na perspectiva da identidade surda (PERLIN, 1998). No terceiro

capítulo apresento os relatos dos outros sujeitos da pesquisa, três filhos de surdos. Neste capítulo a opção foi por escrever esses relatos de forma literária. No quarto e último capítulo fiz uma discussão teórica, baseada no método de relatos de autobiografia e história de vida (FERRAROTTI, 1991), além de apresentar as análises dos discursos feitos sujeitos da pesquisa.

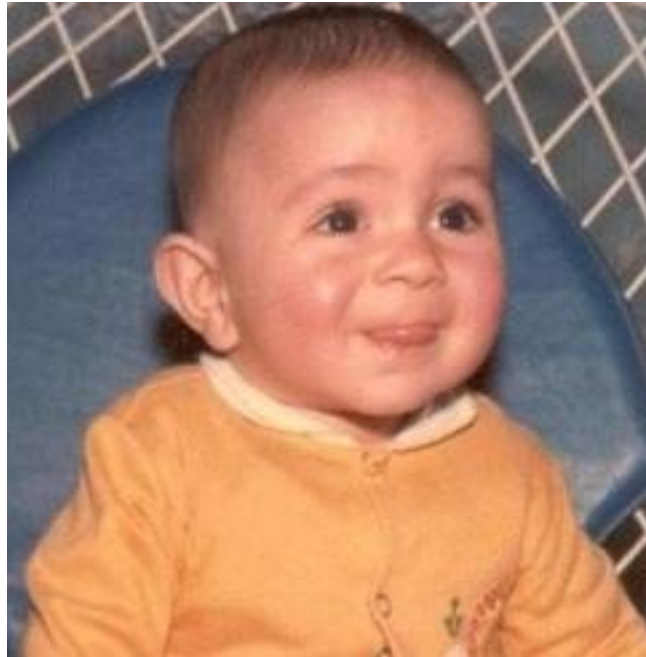
Para o desenvolvimento do tema, realizei uma pesquisa bibliográfica e também de campo. Iniciei este estudo por meio da leitura e análise das bibliografias a fim de investigar as questões relativas à cultura na perspectiva da multiculturalidade, as políticas de inclusão voltadas para pessoas surdas. Em seguida fiz um levantamento da história das comunidades surdas no Brasil e no mundo, bem como o que é LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Uma das dificuldades que enfrentei foi justamente a escassez de trabalhos que abordem as questões pertinentes aos filhos de pais surdos no Brasil. Por isso, a pesquisa procurou trazer informações sobre a identidade surda para depois comentar os processos educacionais entre os pais surdos e os filhos ouvintes.

O objetivo foi pesquisar como ocorreu a educação entre os pais surdos e seus filhos ouvintes com idades entre 21 e 30 anos, se houve influência dos parentes ouvintes nesse processo e como era o dia a dia na escola em que estudavam, além das relações que ocorrem no cotidiano dessas famílias. Não entrevistei apenas os filhos, mas também os pais, para poder ter um panorama completo das relações e conflitos que permearam o processo educacional, tanto no âmbito familiar quanto no institucional.

Os sujeitos pesquisados pertencem à Comunidade Surda, sendo encontrados em diversos locais como associações de surdos, em Igrejas em que há a presença de pessoas surdas, entre outros locais. E eu, como membro desta comunidade, pude ter acesso a essas pessoas, que pertencem ao meu círculo social.

Capítulo 1





Eu, com oito meses de vida.

1 – NASCIDO NO SILÊNCIO

1.1 EU, UM CODA¹

No ano internacional da pessoa com deficiência (1981), mais precisamente no

¹ CODA (Children of Deaf Adults) é a abreviatura que identifica filhos de pais surdos. Pode ser traduzida tanto para filhos de pais surdos quanto filhos de adultos surdos. (QUADROS, 2007)

dia 18 de dezembro, nascia um menino com 3 quilos e quatrocentos gramas, medindo 48 cm. Era mais um entre tantos que nasceram naquele ano. Mas esta não é uma informação relevante. A diferença não estava na criança, mas sim em seus pais. Um casal de surdos. Assim começa a minha história, um intérprete de LIBRAS, hoje professor, nascido em um lar de pais surdos.

Meus pais se conheceram em um baile numa escola de surdos em São Bernardo do Campo – SP. Meu pai já estava com 39 anos e com muita vontade de encontrar alguém para se casar. Minha mãe, com 33, trabalhava como metalúrgica em uma fábrica em Diadema – SP e fora convidada por uma amiga, também surda, para ir a esse baile. Lá a “paquera” aconteceu e os dois começaram a namorar. Era 1979 e no ano seguinte os dois já estavam casados. Segundo a minha mãe, “não podiam perder tempo”.

Nossos pais são os nossos primeiros educadores. É através deles que temos o nosso primeiro contato com o mundo externo. São eles que nos dizem o que é certo e errado e também com eles balbuciamos as primeiras palavras, mas como mencionei, os meus pais são surdos.

Certa vez uma tia me disse que quando eu era criança conversava com as pessoas de maneira diferente. Com meu pai eu falava apenas mexendo os lábios, sem pronunciar nenhum som. Isso ocorria porque meu pai é considerado um surdo oralizado, ou seja, alguém que é incapacitado de ouvir sons, porém possui habilidades de leitura orofacial². Já com a minha mãe eu usava as mãos, porém utilizava gestos caseiros. Com as pessoas que não tinham surdez, eu falava oralmente.

A minha família preocupou-se com a minha educação. Por isso, quando eu tinha três anos e meio de idade, um tio perguntou ao meu pai se era possível eu morar com ele durante a semana para estudar em uma escola próxima da casa dele, em São Caetano do Sul – SP. Nos finais de semana, esse tio me levaria até os meus pais para matarem a saudade. Pensando no meu futuro, o meu pai concordou. Lembro até hoje da minha mãe me dando banho, com o semblante muito triste e eu, ainda uma criança, não entendia porque ela estava tão angustiada. Meus tios

² Também conhecida como “leitura labial”, a orofacial permite, a percepção visual não só da movimentação dos lábios, mas também a interpretação dos movimentos da face, melhorando o desempenho comunicativo.

chegaram com os dois filhos, adolescentes na época, pegaram as minhas coisas, puseram-me no carro e levaram-me para casa deles. Logo quando cheguei perguntei “cadê a minha mãe?”. Em seguida comecei a chorar. Minha tia me pegou no colo, levou para conhecer o resto da casa, dizendo para que ficasse calmo, que logo eu veria a minha mãe. Eu fui muito bem recebido por essa “nova família”, porém, faltava algo dentro de mim: a presença de meus pais em casa.

Meus pais não haviam percebido qual era, de fato, a intenção que estava por trás dessa situação. Na verdade, a minha família, como tantas na época, achava que um casal de surdos não era capaz de criar um filho, muito menos de lhe dar educação. Segundo o neurologista Oliver Sacks, a língua de sinais para a maioria das pessoas é algo feio, que deve ser evitado.

... por mais bem-intencionadas que possam ser, consideram a língua de sinais como algo rudimentar, primitivo, pantomímico, confrangedor. De l'Épée tinha essa ilusão e ela permanece hoje como uma ilusão quase universal dos ouvintes. Deve-se entender que, pelo contrário, a língua de sinais equipara-se à língua falada, prestando-se igualmente ao rigoroso e ao poético – à análise filosófica e ao namoro e, na verdade, com uma facilidade que às vezes é maior do que a da língua falada. (De fato, se aprendida como primeira língua, a língua de sinais pode ser usada e mantida pelos ouvintes como uma alternativa permanente e por vezes preferida à língua falada.) (SACKS, 2007, p. 33-34)

Eu estava na casa desses meus tios já há algum tempo. Acredito que a minha estadia foi de apenas um mês (uma eternidade para os meus pais e para mim). Não me recordo muito bem, mas meus pais sentiram saudades e foram me visitar em um dia na semana. Meus tios haviam estabelecido que os meus pais teriam contato comigo somente nos finais de semana, mas naquele dia meus pais foram até a casa onde eu estava, tocaram a campainha e quando a minha tia os viu disse “o que vocês estão fazendo aqui? Hoje não é dia de vocês verem o Osmar”. Mesmo assim, meus pais adentraram a casa, e lembro-me que fiquei muito feliz. No momento em que eles foram embora eu chorei muito, pois não queria mais ficar ali. Foi nesta hora que meu pai percebeu a real intenção de meus parentes. Voltou para casa com raiva e mobilizou toda a família para me levar de volta para casa. Tempos depois descobri que ele e minha mãe sempre perguntavam se eu já estava na escola e porque eu não havia sido matriculado ainda.

Todos os dias, enquanto estava na casa dos meus tios, quem me acordava era a minha tia. Recordo-me que ela acendia a luz e adentrava o quarto. Era a primeira pessoa que eu via quando começava o dia. Entretanto, quando meus pais foram me buscar, a pessoa que entrou no quarto para me acordar foi minha mãe. Eu me lembro de ter pulado no colo dela. Foi o dia mais feliz da minha vida. Eu sou capaz de descrever a roupa que ela usava, uma blusa branca com uma palavra escrita na frente, calça jeans e o cabelo amarrado para trás, em “rabo de cavalo”. Até os meus seis anos de idade, a minha mãe sempre me fazia a mesma pergunta de tempos em tempos: “quem é a sua mãe? Eu ou a sua tia?” “É você, mamãe”, respondia eu. Naquele dia voltamos para casa e passamos a ser uma família novamente.

Não tenho raiva nem rancor dos meus familiares, porque o código civil que estava em vigor na época datava de 1916 (Lei Federal nº 3.071/1916) e no artigo 5º afirmava que “São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil: (...) os surdos-mudos, que não puderem exprimir a sua vontade”. (BRASIL, 1916). A pessoa surda podia até exprimir a sua vontade, mas nem todos a entendiam.

De volta para casa e já estabelecido em casa, meus pais começaram a me mostrar o que era o mundo. Também me recordo que questionava muito meu pai sobre o porquê de as pessoas que moravam nos Estados Unidos falarem outra língua. Na época eu traduzia o Jornal Nacional para meus pais. Era mais ou menos assim: sentávamos na sala, assistíamos à novela das sete e logo em seguida, começava o Jornal. Quando alguma notícia interessava ao meu pai, ele perguntava “o que ele falou?”. Explicava, do meu jeito é claro, o que o locutor havia dito. Isso acontecia desde os meus cinco anos de idade.

Sempre havia notícias sobre o governo. Achava engraçado um ministro ter nome de animal. Jarbas Passarinho. Perguntei ao meu pai por que ele se chamava ‘passarinho. Meu pai explicou que provavelmente havia sido um erro no cartório...

Eu não me lembro de ser uma criança difícil para se alimentar, mas às vezes a minha mãe fazia algo que eu não gostava de comer. Quando isso acontecia era comum eu deixar no prato e levar uma bronca dos meus pais. Um dia, estávamos à mesa almoçando, e meus pais não paravam de conversar. Em língua de sinais

falavam sobre diversos assuntos, mas estes eram sempre sobre alguém da família. Eu não estava com muita vontade de comer, então fui prestando atenção na conversa dos dois e deixando a comida no prato. Quando terminaram de almoçar, meu pai perguntou “por que você não comeu?”. A minha resposta (na verdade, minha desculpa) foi “...é que vocês não paravam de falar com as mãos, então eu fiquei prestando atenção em vocês e esqueci de comer...”. É claro que minha mãe emendou “você pode muito bem olhar para nós dois falando e comer ao mesmo tempo”.

Quando eu estava com seis anos de idade, minha mãe e minha tia levaram-me para ser matriculado em uma pré-escola em Santo André. Nunca havia vagas e meus pais não tinham condições pagar uma instituição particular. Então, para suprir esta necessidade, minha mãe comprou um caderno e escreveu as vogais. Eu tinha que copiar na folha até o final. Não entendia o porquê daquilo, mas fazia. Essa tia sempre esteve presente em muitos momentos importantes de minha vida. Muitas vezes era ela quem tomava a frente em algumas reuniões de pais e mestres na escola em que estudei. Era ela também quem acompanhava meus pais ao médico quando eu não podia ir. Infelizmente, ela faleceu durante o desenvolvimento deste trabalho. Ela representou tanto para nós que minha mãe sofreu muito mais com a morte dela do que com a da minha avó materna.

Com sete anos fui para a escola. Foi muito bom poder ter contato com outras crianças, aprender a ler e a escrever. Estava muito ansioso, mas tinha um pré-conceito de que a professora era severa. Pensava isso porque a minha mãe contava sobre uma professora de sua infância. Se nos anos 1960 os professores ainda usavam a palmatória com alunos ouvintes, é possível imaginar como era com os surdos. Minha mãe contou que certa vez essa professora bateu de forma agressiva em um colega, que até machucou o garoto. Meus pais chegaram a frequentar a escola. Meu pai fez uma espécie de supletivo em uma escola especial em São Bernardo do Campo, em São Paulo - SP, anos antes de se casar. Minha mãe foi aluna de uma classe especial para surdos em 1957 no mesmo município, quando tinha nove anos de idade. Hoje é uma escola especial chamada Neuza Basseto. Quando essa escola completou 50 anos, fui com minha mãe e alguns amigos surdos e lá pude ver uma foto com uma classe com seis alunos, entre eles estava minha mãe, com um vestido branco e um laço na cabeça, olhando para o lado.

Na escola deparei-me com uma professora bondosa e atenciosa. O nome dela era Magali. Eu ri comigo mesmo, porque era o mesmo nome da personagem da turma da Mônica. Meu pai já me comprava gibis quando eu, ainda criança, não sabia ler, mas gostava de olhar para as figuras e imaginar as histórias.

Naquela época, 1989, ainda se usava a cartilha. A minha turma usava “O Reino da Alegria”. A primeira lição era a letra L. Os “textos” eram engraçados: A lata é do Lulu. Lala ficou lelé. Lila leu o livro. Ficava maravilhado em ler aquelas palavras. Quando chegava em casa, ficava lendo a cartilha. A diagramação era assim: em cima a palavra era disposta junto com uma figura que representava a lição. Por exemplo: **G**riilo. A lição se referia à sílaba gri. Então havia várias palavras com *gr*. Eu ficava lendo e aprendendo todos os vocábulos, mesmo antes de a professora nos ensinar. Consegui ler quase todas as lições da cartilha, menos a última em que não possível identificar a figura. Parecia uma janela iluminada, e não dava para saber o que significava aquela palavra. Tinha um L e um U, mas não sabia o som que a última letra representava, era a letra Z. A lição era sobre o som dessa letra ao final das palavras. No exemplo, havia a palavra “luz”. Todas as palavras nessa lição estavam escritas com a letra z ao final.

Quando tinha dúvidas em relação a isso, eu perguntava para minha prima. Ela sempre me respondia, até o dia em que a minha tia me deu uma bronca: “não é para você saber, só quando chegar na escola é que você vai aprender!” Fiquei muito triste e não peguei mais a cartilha em casa.

Eu não perguntava muitas coisas aos meus pais nessa época. Havia uma presença significativa de minha família ouvinte, que morava próxima de nós. Em muitas decisões que caberiam aos meus pais, havia uma intervenção forte e maciça por parte dos meus avós e de uma tia. Isso acontecia porque morávamos no mesmo quintal. Lembro-me da minha mãe ficar por vezes irritada com essa intromissão. Nesse contexto, levo em consideração que havia uma boa intenção em ajudar, porém, os limites e a autonomia de meus pais não eram respeitados.

Havia o conceito nas escolas de classe mais “forte” ou mais “fraca”. Eu vivi isso naquele ano. Como não tinha feito pré-escola, estava em uma classe considerada “fraca”. No entanto, um colega e eu, nos sobressaíamos em relação aos outros e fomos transferidos para outra sala, considerada mais forte. Nesta

mesma sala ainda havia uma separação. A professora dividia a lousa em duas partes. Do lado direito de quem olhava para o quadro, estava a lição mais adiantada. No esquerdo, a professora passava lições do começo da cartilha para alunos que estavam mais “atrasados”. Todas as crianças que ficavam do lado mais “fraco” eram de baixa renda, vindas das favelas próximas da escola.

Confesso que na época achava o máximo pertencer ao grupo que era considerado mais desenvolvido. Mas olhando para trás e como educador que sou hoje, vi que isso foi um “crime institucionalizado”, não só com os que eram considerados fracos, mas também com aqueles que estavam na “ala mais forte”. Ali já havia uma segregação dentro da própria escola e incentivada pelos professores. Éramos ensinados desde muito cedo que a oportunidade não era igual para todos.

O tempo foi passando e a minha responsabilidade em relação aos meus pais foi crescendo. Quando meu pai precisava ir ao banco e resolver algum assunto que ele precisaria conversar com o atendente, ele me levava para fazer a “interpretação”. O mesmo acontecia quando ele precisava ir ao médico. Embora uma tia minha assumisse esse papel, muitas vezes eu acabava ajudando.

Como já mencionei, sempre fazia a tradução do jornal ou de filmes que interessassem aos meus pais. “O que ele falou”, era a pergunta frequente dos meus pais. Acho que gostei muito disso, porque hoje eu faço isso com a minha esposa, que também é surda. Só que neste caso o objeto são as novelas. Com oito anos pedi para o meu pai comprar uma lousa de brinquedo. Queria muito brincar de escola em casa. Minha primeira aluna: minha mãe. Com direito à bronca e tudo (depois deste dia, meu pai me proibiu de dar aulas à minha mãe). Anos depois, com a mesma lousa, eu continuava brincando de escolinha em casa. Meus alunos imaginários colavam, faziam bagunça e perguntas inteligentes. Eu era o professor de Geografia e Ciências. Gostava da sensação de estar à frente, sendo “ouvido” e sendo detentor do conhecimento, em uma concepção bancária na maneira de lidar com os alunos da minha imaginação.

Ainda com oito anos de idade, nós nos mudamos de casa, longe da minha família ouvinte. Nesta época, meus pais haviam conseguido um terreno e eles puderam finalmente me educar sozinhos. Meu pai já era aposentado nessa época. Lembro que alguns anos depois, quando eu tinha dez anos, ganhei uma bicicleta. Eu

precisava ir até a casa de minha tia para lhe enviar um documento e resolvi ir de bicicleta. A distância era de treze quilômetros. Quando cheguei na casa da minha tia, ela tomou um susto e me deu um sermão, que “era perigoso, e eu poderia me acidentiar”. Meu avô, pai do meu pai, ouviu a conversa e disse “também, não há quem o oriente”. Neste dia, eu percebi qual era a real concepção que possuíam em relação aos meus pais.

Não tínhamos telefone em casa, então quando meus pais precisavam dar algum recado para um parente que morasse mais longe me pediam para fazer esta comunicação. Várias vezes precisei acompanhar meu pai até um orelhão para fazer ligações para meus tios para pedir algo, ou para avisar sobre algum assunto. Meu pai sofria de úlcera gástrica, porém gostava de beber com os amigos no bar. Quando eu estava com nove anos de idade, meu pai sofreu uma crise aguda e precisei chamar meus tios para socorrê-lo. Eram oito horas da noite, peguei as fichas (naquela época não havia orelhões de cartão magnético) e liguei para a minha tia (aquela que sempre nos acompanhava ao médico). Avisei que meu pai não estava passando bem. Imediatamente ela veio com uma outra irmã de meu pai, que nos levaram até o hospital. Meu pai precisou ficar internado durante alguns dias. Depois que ele teve alta, pudemos voltar para nossa casa.

Durante a adolescência, continuei a fazer o papel de intérprete junto aos meus pais. Em alguns locais em que os acompanhava, as pessoas ficavam admiradas com a minha disposição em estar servindo de intérprete. Ao mesmo tempo que me constrangia, sentia-me uma pessoa importante, que deveria estar ali com eles para ajudá-los.

Quando meu pai começou a usar um cartão de crédito, fornecido por um supermercado no qual ele costumava fazer compras, era necessário ligar para o desbloqueio, só que apenas o titular poderia fazer isso. Eu mesmo ligava, mas dizia que o titular era o meu pai, mas que poderia fazer o trâmite porque possuía os dados. A atendente dizia que eu não poderia, que teria que ser apenas o titular. Perguntei se não haveria uma outra forma de fazer o desbloqueio, pois por telefone seria impossível. A moça disse que só poderia ser via fone. Então eu disse “moça, o meu pai é surdo, como ele vai desbloquear o cartão?”. Silêncio do outro lado da linha. “Realmente senhor só o seu pai pode desbloquear o cartão e tem que ser por telefone”. Desliguei, irritadíssimo. Mas tive uma ideia. Peguei os documentos de meu

pai, liguei novamente e me fiz passar por meu pai. E finalmente o cartão foi desbloqueado e meu pai pôde usufruir do crédito.

Quando cheguei no ensino médio, fui para uma escola técnica. Eletrônica era a minha opção. Não gostava nem um pouco do curso, embora tenha tentado encontrar alguma coisa que me desse ânimo para estudar aqueles cálculos indecifráveis postados na lousa. Até cálculo de derivada e integral cheguei a ter contato (evidente que não aprendi absolutamente nada). Mas era nítido perceber o descaso de alguns docentes e o desânimo de outros. Era 1997 e a nova LDB/EN (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/96) havia mudado no ano anterior. O ensino médio passou a ser oferecido separado do ensino técnico. Estudava na ETEC (Escola Técnica Estadual) Júlio de Mesquita, em Santo André – SP, e lá a formação era de quatro anos. Em função da mudança, fiz parte da última turma nesses moldes.

O ensino era fundamentalmente tecnicista. Eu já tinha dificuldades com cálculos, mas um professor que ministrava a disciplina de física insistia em dar aula para a lousa. Era ela que “ouvia” os conceitos dados pelo professor, que não se dava ao trabalho de olhar para a turma para saber se alguém tinha dúvidas ou não.

Havia algumas piadas direcionadas aos estudantes que moravam fora do ABC e da capital. Os alunos que residiam em Mauá eram motivo de piada, porque os colegas insinuavam que eles moravam em ocas e conviviam com índios em sua cidade (como se isso fosse algo ruim). Era engraçado, mas estava implícito ali uma discriminação, muito parecida com a que eu tinha vivido na primeira série do ensino fundamental. O *bulling* era muito frequente nesta escola. Eu mesmo fui vítima, por ser um rapaz mais “sensível”. Tudo foi superado graças a uma personalidade forte, presença de espírito, e claro, uma visita à diretoria para reclamar, só para garantir uma boa estada nos anos que se seguiriam.

Após me formar no Ensino Médio, não tinha recursos para estudar em uma faculdade. Já estava no mercado de trabalho. Fui digitador em uma rede de lojas de móveis e eletrodomésticos e logo em seguida auxiliar administrativo em uma construtora de pequeno porte. O meu chefe, na ocasião, um homem muito severo na forma de lidar com os funcionários, disse-me certa vez, quando lhe manifestei o

desejo de ser professor: “Você seria um péssimo docente, porque não é muito claro no que fala”.

Saí dessa empresa, consegui um trabalho de intérprete de LIBRAS na UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). O interessante é que, mesmo tendo os pais surdos, fiz o curso para me aprimorar na tradução e interpretação dessa língua, em uma Igreja Batista em Santo André-SP. O meu objetivo não era fazer disso uma profissão, mas atuar apenas na igreja (por fazer parte da Igreja Metodista). Contudo, tive a benção de ser chamado para trabalhar na universidade. Depois disso, minha vida nunca mais foi a mesma.

Foi nessa igreja que conheci minha esposa Elaine, que é surda profunda. Eu fazia estágio de interpretação em LIBRAS durante os cultos e ela estava ali participando. Percebia que ela me observava, cheguei até a me interessar por ela, mas logo ela começou a namorar um outro rapaz, ouvinte. Um belo dia de verão, estava me preparando para sair, pois havia combinado com um tio que levaria minha mãe para viajar com ele. Quando estava saindo com o carro, minha mãe chegou com uma carta endereçada a mim. Olhei o remetente e vi escrito “Elaine Borges de França”. “Quem é esta pessoa, meu Deus!”. Abri a carta e ali havia um cartão de Natal (era dezembro de 2003) com uma foto. Mostrei para a minha mãe, que sorriu. “Será que ela está interessada em mim?”. Eu não era muito bom nas questões sentimentais, pois namorei muito pouco.

Deixei minha mãe na casa do meu tio e fui à praia, na casa de parentes. Durante um mês fiquei refletindo sobre os prós e contras de namorar uma mulher surda. “Eu já tenho meus pais surdos, será que vai dar certo?”. Respondi à carta e nela coloquei meu telefone. Uma semana depois recebi uma ligação de uma “amiga” de minha esposa. Combinamos de nos encontrar, fomos ao cinema e começamos a namorar. Era dia 14 de fevereiro de 2004, o celebrado *Valentine Day*, o dia dos namorados no resto do mundo. A tal “amiga” de minha atual esposa era na verdade a minha sogra. “Não queria que você pensasse que eu estava oferecendo a minha filha para você”, disse-me ela alguns anos depois.

Fui o primeiro intérprete e instrutor de LIBRAS da Universidade Metodista de São Paulo. O trabalho que iria desenvolver era dentro da sala de aula no curso de Ciências Biológicas com uma aluna surda. Ali, eu não seria um professor, mas sim

um intermediador entre o professor e o aluno. Uma das dificuldades que enfrentei foi a escassez de termos em LIBRAS para as palavras do curso. Muitas vezes precisava recorrer a soletração das palavras utilizando o alfabeto manual para que a aluna pudesse compreender o que estava sendo falado pelos professores.

Entretanto, tínhamos um problema. Nos meses de janeiro e julho, alunos e professores estavam de férias. Se não havia aula, o que fazer com os intérpretes, que tinham que cumprir horário administrativo nestes meses? Daí surgiu a ideia de criar o Programa de Difusão de LIBRAS. O projeto visa a ensinar a língua de sinais para alunos, professores e funcionários. Nesse local eu exercia a função de instrutor de LIBRAS. Ainda, por causa deste programa, o curso passou a ser oferecido no Centro de Línguas da universidade, onde comecei atuar como professor de LIBRAS.

Neste ínterim estava cursando jornalismo. Queria fazer o curso de Letras, mas os meus horários não coincidiam com o do curso. Todavia, foi muito bom aprender essa profissão, porque me possibilitou aprender a escrever melhor (eu acho).

O ano de 2009 foi de fortes emoções para a minha vida. Ainda na faculdade, quando estava no sexto semestre, ou seja, no meio do curso (que era de oito semestres) recebi a notícia de que minha noiva, Elaine, estava grávida. Fiquei ao mesmo tempo feliz e preocupado. Estávamos planejando casar naquele ano, mas ter um filho seria uma mudança muito significativa. Então, nesse mesmo ano nos casamos em abril, e em setembro, nasceu o Miguel. Depois do seu nascimento ocorreu algo interessante. Atualmente, já é possível saber se a criança tem algum problema de audição ainda na maternidade. Então, uma fonoaudióloga foi até o quarto onde estávamos a Elaine, o Miguel e eu, e fizeram o teste da orelhinha³. Foi constatado que meu filho era ouvinte. Minha esposa ficou triste, ela disse: “Ele ouve? E agora? Como ele vai me entender?”. Fiquei surpreso com a reação dela diante do fato de o nosso filho ser ouvinte. É possível dizer que foi um “luto ao contrário”. Procurei tranquilizá-la, dizendo que eu também tinha uma mãe surda e a minha relação com ela era natural. Assim, a Elaine se acalmou e pôde usufruir do momento de ser mãe.

³ Teste realizado no segundo ou terceiro dia de vida. Consiste na colocação de um fone na orelha do bebê acoplado a um computador que emite sons e recolhe as respostas que a cóclea (orelha interna) do bebê produz. Disponível em < <http://guiadobebe.uol.com.br/o-teste-da-orelhinha-enfim-virou-lei/>> acesso em 29 de novembro de 2012.

Neste mesmo ano, com o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – encaminhado e definido, meus colegas e eu elaboramos um documentário jornalístico sobre filhos de surdos. Era o final do ano e o Natal se aproximava a passos largos. Lembro-me de brincar muito com meus colegas de faculdade para se interessarem do assunto porque dizia “eu posso não estar aqui o semestre que vem”. Incrível como isto realmente quase aconteceu.

Dois anos antes eu havia ido ao médico e recebido um diagnóstico de que sofria de hipoglicemia. Isso significava que se eu demorasse muito para comer, passaria mal, fato que acontecia com uma certa frequência. Mas não imaginava o real problema de minha saúde, ou seja, as crises de dor abdominal que me acometiam eram, na verdade pedras na vesícula biliar que poderiam me trazer problemas sérios. E esse dia chegou.

Estava fazendo compras de Natal com a Elaine e o Miguel, então com três meses de idade. De repente, comecei a passar muito mal e fui levado às pressas para o hospital. Fui internado com um quadro grave de pneumonia e em seguida já estava na UTI, em coma induzido, com uma infecção generalizada e com poucas chances de sobreviver. Os médicos não sabiam exatamente o que eu tinha. Como gosto de praticar musculação, acreditaram que eu havia tomado anabolizantes (essas substâncias podem afetar o fígado, que era o que estava acontecendo comigo naquele momento).

Minha família toda foi para o hospital e receberam a notícia dos médicos de que eu poderia morrer a qualquer momento. “Ele pode morrer hoje, amanhã, ou daqui a meia hora”, disse o médico à minha tia. O detalhe interessante é que não havia nenhuma pessoa que sabia LIBRAS naquele momento para dar a notícia para a minha esposa e para meus pais. O hospital não dispunha de ninguém com alguma habilidade em língua de sinais para avisar aos três que eu estava morrendo. Muitas das decisões que deveriam ter sido tomadas pela minha esposa, Elaine, ficaram a cargo de meus tios devido a uma barreira comunicacional. Mas isso foi logo sanado, porque minha esposa entrou em contato, através de mensagem pelo celular, com uma amiga intérprete que pôde fazer a intermediação. É claro que meus pais e a Elaine sabem ler (a Elaine é formada em Pedagogia), porém, algumas palavras da Língua Portuguesa, principalmente, os termos médicos, poderiam não ser compreendidos por eles.

Os procedimentos médicos e as preces da família (minha tia me contou que cerca de 20 igrejas estavam orando pela minha recuperação) começaram a surtir efeito sobre a minha saúde. Logo descobriram que foram os cálculos na vesícula que haviam causado todo aquele transtorno e não o uso de drogas ilícitas. Fizemos a cirurgia da retirada do órgão e pude ir para casa. Na semana seguinte já estava na universidade dando aula de LIBRAS em uma oficina de férias.

Meses depois retornei à faculdade, recuperado e terminamos o Trabalho de Conclusão de Curso. Depois de formado veio a conquista. Fui agraciado a dar aulas para turmas de Letras, de Educação Física e Pedagogia. Importa dizer que eu já tinha tido a experiência em sala de aula quando ensinava LIBRAS nos cursos de férias.

Além de ver os meus alunos “balbuciando” as primeiras palavras em LIBRAS, agora estou vendo meu filho Miguel viver o mesmo processo, inclusive observo a repetição de todo desenvolvimento pelo qual passei. Ele já sabe que a mãe é surda e que eu sou ouvinte. A primeira vez que percebi que ele já havia notado essa diferença foi quando ele precisou chamar pela mãe e agitou as mãos na direção do olhar dela para chamá-la, isso com apenas um ano de idade. Uma vez eu cheguei em casa e gritei pelo seu nome, ficando escondido, olhando pela janela. Observei o Miguel sorrir, ir até onde a mãe estava, puxá-la e apontar para a porta dizendo em voz baixa “papai” e apontar para a porta. Hoje, com três anos, ele já sinaliza “papai”, que consiste em colocar o dedo indicador embaixo do nariz, simulando um bigode.

Houve outra ocasião em que pude notar que meu filho está tendo um desenvolvimento bilíngue. Eu pus o Miguel no meu colo e comecei a fazer sinais simples como "cachorro", "gato", "pato", "galinha", "passarinho", todos eles sem falar uma palavra. Para cada sinal que eu fazia, ele reproduzia o som desses animais. Por exemplo, quando eu sinalizava "cachorro" sem falar a palavra, Miguel dizia "au, au". Para o sinal de gato, ele fazia "miau". Isso me remete à Sacks (2007), ao relatar um processo parecido em seus estudos sobre surdez.

Conheci recentemente uma jovem, Deborah H, ouvinte filha de pai e mãe surdos que aprendeu a língua de sinais como primeira língua. Ela me contou que com frequência retorna à língua de sinais e que “pensa em sinais”, sempre que precisa resolver um problema intelectual complexo. A

língua tem uma função tanto intelectual como social e, para Deborah, ouvinte que hoje vive num mundo de ouvintes, a função social relaciona-se muito naturalmente à fala, mas a função intelectual, ao que parece, ainda se apresenta a ela na língua de sinais. (p. 47, nota de rodapé).

Quando li este trecho do livro *Vendo Vozes* me perguntei se em algum momento usei a língua sinalizada para expressar algo do meu pensamento. Não consegui me lembrar, mas posso dizer que quando estou em sala de aula e tenho a oportunidade de ministrar os conteúdos em LIBRAS, sinto-me muito mais à vontade e as ideias surgem com muito mais clareza. Certa vez fui prestar um concurso em uma universidade para ser docente e um dos requisitos era dar parte de uma aula apenas em LIBRAS. Não fui chamado por uma questão de titulação, mas uma das avaliadoras disse-me que eu era muito mais desenvolvido em LIBRAS do que em português. Entretanto, isso não acontece com todos os CODAs. Cito o exemplo de meu filho. Percebo que ele usa muito mais a língua oral do que a de sinais, mas sei que quando ele está sozinho com minha esposa, ele se comunica com as mãos, entende tudo que ela lhe comunica, inclusive as broncas. Desta forma, fica evidente que o ser humano cria estratégias de comunicação, quando esta se faz necessária.

Olhando para trás, em minha trajetória formativa é interessante notar que o maior medo da minha família ouvinte era de que ter os pais surdos seria prejudicial para o meu desenvolvimento e que isso poderia acarretar em um atraso no meu aprendizado de fala e por consequência no processo de alfabetização. Mas a vida nos prega peças. Hoje estou aqui, professor universitário e intérprete de LIBRAS, concluinte de um Programa de Mestrado em Educação, podendo mostrar para a sociedade que o surdo não está limitado por não poder ouvir e que ele pode ser um bom pai, uma boa mãe, um bom profissional e ser protagonista de sua própria vida. Outro ponto positivo é que, como pesquisador, especificamente neste trabalho, pude observar de “dentro” a trajetória que os CODAs percorrem dentro das famílias nas quais estão inseridos. Afinal, também sou sujeito de minha própria pesquisa.

1.2 EU, INTÉRPRETE DE LIBRAS

No ano de 2005 fiquei desempregado, ao me desligar da construtora na qual trabalhava. Como tive muitos problemas em exercer uma função que não me agradava, decidi que atuaria em algo que me desse prazer. Na ocasião possuía

apenas o Ensino Médio e já havia terminado um curso de LIBRAS. Então procurei uma professora de minha namorada, uma surda oralizada, que trabalhava em uma faculdade em São Paulo e era coordenadora da área de surdez nesta instituição. Assim que um de seus intérpretes pediu para se desligar da empresa, fui contratado. No semestre seguinte passei a trabalhar na Universidade Metodista de São Paulo, a convite da assessoria de inclusão, por intermédio da professora Elizabete Cristina da Costa Renders.

A obrigatoriedade da inserção de intérpretes de LIBRAS em sala de aula só foi possível devido ao Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, o qual em seu Artigo 14 estabelece:

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (BRASIL, 2005)

Diante deste fato, as universidades passaram a receber os surdos sinalizados⁴, e desta forma percebeu-se a necessidade de adaptações para acolher estes alunos. Porém, foi possível notar que apenas a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula não era a solução de todos os problemas. Seria necessário haver uma conscientização da comunidade universitária, incluindo os professores, funcionários e alunos, em particular os docentes, que teriam que utilizar métodos diferentes de avaliação para esses alunos.

A Declaração de Salamanca (1994) estabeleceu como meta a inclusão de todos os alunos no ensino regular, independente de sua cor, etnia, condição física e cognitiva. Essa troca de experiências que é vivida no modelo de inclusão deveria permitir a todos os alunos e professores a oportunidade de enriquecimento e conhecimento do outro. (LACERDA, 2000, p. 52). Porém, tantos séculos de exclusão e segregação das pessoas com deficiência, no caso específico deste estudo, das pessoas surdas, não fizeram deste processo algo tranquilo ou fácil.

Como já mencionei, fui o primeiro intérprete de LIBRAS contratado pela Universidade Metodista de São Paulo no ano de 2006. Antes de fazer parte do

⁴ Surdos que usam a língua de sinais para se comunicar.

quadro funcional, já havia realizado algumas interpretações em língua de sinais em eventos dessa universidade. Um deles foi o Fórum de Inclusão, em que funcionários, professores e alunos discutiam as questões de acessibilidade nos espaços dos campi da Universidade Metodista de São Paulo.

No ano anterior, quatro alunas surdas haviam passado no vestibular e já estavam estudando, todas sem intérprete de LIBRAS. Uma delas era uma jovem moça, usuária da língua de sinais que estava tendo muitos problemas para adaptar-se na sala de aula por conta da ausência de um profissional que soubesse LIBRAS. Quando fui contratado, foi com essa aluna que trabalhei durante dois anos e meio, no curso de Ciências Biológicas. Logo ficou claro que apenas a presença de um intérprete de LIBRAS não sana todas as dificuldades e os problemas que um surdo necessita para ser, de fato, incluído na sala de aula.

Cabe destacar aqui o caso dessa aluna com a qual eu trabalhava, que por motivos de privacidade, chamarei de Isadora. Como ela ficou um ano sem intérprete, acabou tendo muitas dependências e reprovações. Por isso ela me recebeu com muita desconfiança. Afinal, eu era um profissional novo neste contexto e muitos conflitos ocorreram por não haver uma compreensão clara do papel que eu estava exercendo ali naquele momento. Muitos surdos não compreendem que esta pessoa que está diante deles é um colaborador da instituição na qual estão inseridos, o qual deve obedecer às regras e normas regidas pela universidade em que trabalham.

Outra questão que pode ocorrer na relação entre o intérprete e o aluno surdo é a afinidade.

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas Surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula. Muitas vezes, o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. (QUADROS, 2004, p. 60)

Essa proximidade entre esses dois sujeitos é intensificada pela rotina. O intérprete está diariamente em contato com o aluno surdo, participando de todas as

aulas e das atividades em que está inserido. É evidente que esta relação poderá trazer conflitos.

No caso da universidade em que trabalho atualmente, há uma rotatividade dos intérpretes de LIBRAS que acontece anualmente. Alguns alunos surdos não concordam com essa medida, pois acabam se afeiçoando ao intérprete com o qual conviveram no semestre.

Estabelece-se então, a possibilidade de um conflito ético. Muitos intérpretes convivem com a Comunidade Surda, e isso é bom, pois é desta forma que se aprende novos sinais e não se perde a fluência da língua. Mas uma questão que costuma ocorrer é que o surdo, ao ingressar no curso universitário, tem como intérprete um amigo que conheceu fora deste ambiente.

Durante os oito primeiros meses em que trabalhei com Isadora, muitos conflitos aconteceram, o que é natural entre dois sujeitos que convivem intensamente, todos os dias. O primeiro deles foi a sua desconfiança se, de fato, todos os conteúdos ministrados pelos professores estavam sendo interpretados e traduzidos por mim. Uma prática que estabeleci para mim mesmo de forma a facilitar o entendimento por parte dos surdos durante a interpretação é balbuciar (sem som) as palavras que estou sinalizando. As questões sobre língua de sinais e a diferença que existe entre Língua Portuguesa e LIBRAS são abordadas no próximo capítulo, entretanto, cabe aqui uma pequena explicação a respeito: a língua de sinais obedece a uma outra estrutura, como por exemplo a frase: “Daqui dois meses farei vinte anos”. Um surdo fará esta mesma construção dizendo “Vinte idade dois mês⁵ fazer daqui”, e essas palavras serão sinalizadas desta forma. Então, durante a interpretação, eu sinalizava os sinais e dizia (sem som) estas palavras, para o caso de ela não compreender o sinal e poder fazer a leitura orofacial. Mas duas colegas de Isadora, muito próximas a ela, não compreendiam essa estrutura e jamais haviam conhecido algum surdo antes. Desta forma, elas interferiam dizendo para a aluna surda que eu não havia interpretado todos os conteúdos, o que gerou ainda mais desconfiança. Depois de muitas reuniões com a coordenação e a assessoria de inclusão da universidade, Isadora ficou mais calma, compreendeu de fato qual eram os papéis de aluno e do intérprete de LIBRAS, e o trabalho pôde ser feito de forma um pouco mais tranquila. Foi emocionante vê-la concluir o curso, entregar o trabalho

⁵ Na LIBRAS não existe flexão de gênero, nem de número em alguns casos.

de conclusão e ser aprovada como bióloga. Atualmente, Isadora é professora de Ciências em uma escola para pessoas surdas.

Uma prática desenvolvida na Universidade Metodista de São Paulo consiste na troca do intérprete em relação ao aluno surdo para, como já foi mencionado, evitar o vínculo, uma vez que a proposta da assessoria de inclusão é a autonomia do aluno com deficiência. Então, durante um semestre atuei com um outro aluno, na faculdade de Ciências Exatas. Esse aluno era um jovem que desde o início do curso possuía um intérprete, o que facilitou muito o andamento do meu trabalho, porém, desta vez, alguns conflitos ocorreram com alguns professores.

Muitos de nós quando nos deparamos com uma situação à qual não estamos acostumados, temos a tendência de fugir ou outorgar a responsabilidade para outra pessoa. Um professor, que nunca teve a oportunidade de ter contato com pessoas com deficiência e no caso, com uma pessoa surda, sente-se despreparado para exercer o seu papel.

O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete, por sua vez, se assumir todos os papéis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também, acaba por confundir o seu papel dentro do processo educacional, um papel que está sendo constituído. (QUADROS, 2004, p. 60)

Cada pessoa tem a sua função dentro da sala de aula. Se outrora havia dois atores neste espaço (professor e aluno) surge um “terceiro” que é o intérprete de LIBRAS. De um lado, o aluno deverá ter clareza de quem é o intérprete e que este é apenas um intermediador da comunicação e que, em tese, não tem competência para esclarecer as dúvidas deste aluno. De outro, o professor deve assumir a sua responsabilidade de que todos os alunos, surdos e ouvintes, são de fato seus alunos e não delegar a responsabilidade pedagógica ao intérprete.

São poucos os docentes que se enxergam como educadores de seus alunos surdos. Uma série de questões que envolvem o ambiente universitário contribuem para isso. Há um grande número de alunos dentro da sala de aula, chegando mesmo a ter turmas com cem alunos. Isso acaba trazendo uma carga excessiva em que o professor se vê diante de um grande número de pessoas e fica inviável um acompanhamento mais direto no relacionamento aluno/professor.

Assim, acaba ocorrendo o distanciamento, e conseqüentemente a responsabilidade de acompanhar o aluno surdo recai sobre o intérprete. Este por sua vez, se comprometido com o trabalho, acaba assumindo esta responsabilidade. Diante deste fato surge um conflito: raramente o intérprete é especialista na área em que está atuando. No meu caso, a minha formação é jornalismo, então conhecia poucos termos da área de informática.

Atualmente é difícil encontrar um intérprete de LIBRAS que atue especificamente em determinada área como informática, por exemplo. No caso de um tradutor intérprete de Língua Inglesa, este terá uma formação específica para atuar na área médica. Isso não acontece com frequência com os intérpretes e tradutores de língua de sinais no Brasil. É comum ver um profissional que tem a formação na área das Ciências Humanas atuando em outra, como por exemplo nas Ciências Exatas. Porém, há uma tendência de mudança neste cenário.

Na educação, o intérprete de língua de sinais será altamente requisitado, uma vez que na grande parte do país, as escolas não são escolas para Surdos. A atuação do intérprete em sala de aula será objeto de estudo de várias pesquisas, pois implicará em revisão constante de seu papel nos diferentes níveis de ensino. (QUADROS, 2004, p. 82)

Por estarmos vivendo em um momento de transição histórica, a presença dessas pessoas no ambiente acadêmico ainda traz alguns equívocos por parte dos profissionais envolvidos. A não compreensão da atuação do intérprete e do aluno surdo na sala de aula provoca em alguns docentes um certo desconforto e ,em certos casos, desconfiança na competência profissional do intérprete.

Em uma ocasião em que eu atuava em um curso na faculdade de Ciências Exatas, um professor estava orientando os alunos no uso e na construção de banco de dados. Esta aula estava sendo realizada no laboratório de informática e, conforme ele apresentava os exercícios, os alunos executavam a tarefa.

Como havia um aluno surdo presente, em língua de sinais, eu apresentava o exercício e ele o executava. Porém, o professor não se atentava à velocidade que o aluno em questão estava operando e em seguida apresentava outro exercício. Neste processo eu não interpretava, pois poderia atrapalhar o aluno no andamento da atividade. O professor, vendo que eu não estava interpretando, questionou-me

diante da sala porque eu não estava interpretando e que isso prejudicaria o aluno no desenvolvimento da aula.

Neste caso, o professor acabou chamando a atenção do intérprete. É possível afirmar neste episódio novamente a confusão de papéis. Se o docente está diante de uma situação em que considere que o aluno não está prestando a atenção, o correto é chamar a atenção para que este se atente à aula, e não do intérprete que é um profissional que também está atuando na sala de aula. Outro problema é a não compreensão de que o tempo de aprendizagem do aluno surdo é diferente do aluno ouvinte, não por algum atraso cognitivo, e sim por conta do tempo de tradução. Neste episódio, o surdo estava compenetrado no computador, tentando executar a tarefa que foi proposta pelo professor.

É evidente que há intérpretes que não exercem seu papel como deveriam. Há diversos relatos por parte da Comunidade Surda de que muitos não interpretam da forma correta, omitindo informações, e utilizam o horário em que deveriam estar trabalhando para irem em ambientes como shoppings, bares, entre outros locais que não são o da universidade. Porém a própria pessoa surda que atua e usa as habilidades desse profissional torna-se o fiscalizador do processo de tradução e interpretação, levando os problemas e os descontentamentos para a coordenação.

Novamente, em relação à Isadora, ela não apresentava problemas com a Língua Portuguesa, algo que não é comum entre a maioria dos surdos. Isso acontece porque muitos deles que estão hoje na universidade estiveram no Ensino Fundamental e Médio em período anterior ao Decreto no. 5626/2005, que estabelece as normativas para a inclusão do surdo nos ambientes educacionais e o reconhecimento da LIBRAS como língua. Conforme o Artigo 15:

Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:
I – atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e
II – áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior. (BRASIL, 2005)

Ainda há muito que fazer no que diz respeito à inclusão do surdo na escola, desde o ensino infantil ao superior. Hoje a discussão está no entorno da

transformação das antigas escolas especiais para surdos em escolas bilíngues, mas até o conceito de escola bilíngue ainda não está totalmente definido de forma clara. Há experiências que estão acontecendo neste exato momento e que só após alguns anos será possível mensurar a eficácia ou não desse modelo.

Como já foi mencionado, os alunos surdos apresentam uma série de dificuldades com a Língua Portuguesa. Quando estão diante dos textos e da linguagem utilizada no ambiente acadêmico, se veem aquém deste sistema.

O conhecimento de mundo adquirido pelo ser humano está na relação cultural que este possui com a comunidade em que está inserido. Muitos conceitos que são facilmente adquiridos pelo aluno ouvinte pelo simples fato de ouvir, podem não ocorrer com o aluno surdo se este não é exposto a este conhecimento em sua língua materna. Isso é apresentado quando a questão perpassa pelo campo linguístico.

Wallon, Koffka, Piaget, Delacroix e muitos outros, nos seus estudos com crianças normais, e K. Buehler, em seu estudo com crianças surdas-mudas, constataram: (1) que a descoberta da criança quanto à ligação entre palavra e objeto não leva imediatamente a uma clara percepção da relação simbólica entre signo e referente, característica do pensamento bem desenvolvido; que, por muito tempo, a criança considera a palavra como um atributo ou propriedade do objeto, e não um mero signo e o referente; e que a descoberta feita pela criança não é, na verdade, repentina da qual se possa precisar o instante exato em que ocorre. (VYGOTSKI, 1999, p. 34)

Desta forma, algum conceito que o professor traz para a sala de aula e que o aluno surdo não conhece, o intérprete acaba tendo que, além de interpretar o que está sendo falado para o aluno, terá que parafrasear⁶ explicando o conceito para que a compreensão não seja prejudicada.

Optei por apresentar minha trajetória profissional porque muitos de nós CODAs nos tornamos intérpretes de LIBRAS, pois desde cedo acabamos exercendo este papel. É evidente que conhecer uma língua e nela ser fluente não dá condições de ser um intérprete dessa língua. Existe uma técnica que se faz necessária para o exercício pleno desta profissão (QUADROS, 2004), mas devido à escassez de profissionais na área e a crescente necessidade de intérpretes de LIBRAS em sala de aula e outros espaços, os filhos de pais surdos acabam abraçando essa oportunidade.

⁶ Este ato na interpretação consiste na explicação do conceito no momento da interpretação, dependendo do nível de conhecimento apresentado pelo aluno Surdo. (QUADROS, 2004)

No segundo semestre de 2010, já formado em jornalismo, tornei-me professor de LIBRAS e Educação Inclusiva na Universidade Metodista de São Paulo. Como relatei, já atuava como professor no Centro de Línguas na mesma instituição como instrutor, porém só poderia entrar no quadro docente depois de formado. Continuei exercendo as duas funções (intérprete e professor) até o final do primeiro semestre de 2012. No semestre seguinte, por conta da demanda de LIBRAS na universidade, passei a fazer parte exclusivamente do quadro docente, deixando de ser intérprete na universidade para ser professor.

Agora, a língua que meus pais, minha esposa, meus amigos usam está sendo disseminada entre vários alunos de diversos cursos, uma vez que o Decreto 5626/2005 estabelece que a disciplina de LIBRAS deve ser oferecida a todos os cursos de licenciatura e fonoaudiologia de forma obrigatória e nos demais como optativa. É interessante observar velhos paradigmas sendo substituídos pelo paradigma da inclusão, do olhar para o outro que é diferente de mim e poder ser um canal de mudança deste olhar. Tive a experiência de ver duas ex-alunas tornando-se intérpretes de LIBRAS, atuando profissionalmente. Esta é a melhor parte de ser professor.

Fazendo uma retrospectiva percebi que tanto eu, como outros filhos de surdos, vivemos na fronteira entre dois mundos culturais, ou seja, das comunidades surdas e da sociedade ouvinte. Somos nativos do mundo dos surdos porque compartilhamos da mesma língua e vivências de nossos pais, porém também somos ouvintes, e recebemos a influência da sociedade ouvinte através de nossos parentes que ouvem e dos diversos estímulos auditivos que recebemos. Então, o que pesa mais na balança na vida dos filhos de surdos? De que lado eles recebem maior influência, dos ouvintes ou dos surdos? Como é a sua conduta, eles são mais parecidos com um surdo ou com um ouvinte?

Não pretendo responder todas as perguntas que permeiam a questão da condição do CODA em meio a sociedade, mas sim trazer luz à discussão de como vivemos. Olhando para trás me fiz tais questionamentos. Por fim, até que ponto o mundo dos surdos está presente na minha vida e nas minhas decisões de hoje? A resposta: está muito presente. Se eu não fosse professor e tivesse seguido a carreira de jornalista, certamente estaria envolvido em alguma causa que

envolvesse os surdos e/ou as pessoas com deficiência. De fato, os dois mundos estão dentro de mim. Sinto-me bem entre os surdos e entre os ouvintes. Tenho o privilégio de transitar entre esses dois mundos graças à LIBRAS, mas ainda vejo uma dicotomia que se estabelece entre surdos e ouvintes, uma barreira comunicacional que ainda persiste.

Estabelece-se, com isso, uma mesma forma de separação entre os indivíduos: não apenas aqueles que estão “dentro” ou “fora” de espaços definidos em termos lingüísticos, “normal” ou “diferente”, mas também entre aqueles que podem ou não ser incluídos nesses espaços. É uma exclusão que se faz de forma mais silenciosa, distinguindo aqueles que poderão ou não estar nos espaços antes mesmo de cruzar a linha que separa os que estão dentro dos que estão fora. São, portanto, pólos opostos da mesma forma de dominação e, por isso, homólogos. (SANTANA, 2007, p. 52)

Como “cidadão” destes dois mundos, busco sempre uma ponte entre eles, tanto como intérprete de LIBRAS, quanto como professor. Como pesquisador, tenho o privilégio de ter elementos que me permitem escolher um caminho a traçar ao investigar o processo educacional dos CODAs, bem como as particularidades dos surdos, por conviver desde tenra idade com eles. É evidente que cada pessoa é única e cada indivíduo tem a própria trajetória formativa, porém naquilo que nos é comum é possível discutir.

Capítulo 2





Eu, com cinco anos

2 – SOU FILHO DE SURDOS: RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS

Neste capítulo procurei trabalhar as questões teóricas que envolvem as relações entre pais surdos e filhos ouvintes. Antes porém, de refletir sobre as questões mais profundas como família e a cultura surda na abordagem do multiculturalismo, apresento primeiramente a trajetória histórica educacional das pessoas surdas.

2.1 A HISTÓRIA EDUCACIONAL DA COMUNIDADE SURDA

Quem assiste ao filme *300*, produzido pelos estúdios da *Warner Bros* percebe logo no início um ancião espartano segurando um bebê (no caso o futuro rei Leônidas) no cume de um penhasco. Ele observa com atenção os braços, as pernas, os olhos, os ouvidos etc., para ver se havia algum problema. Logo depois a imagem que se vê é um vale cheio de ossos, em sua maioria de crianças. O narrador explica que, caso a criança fosse “deformada, fraca ou pequena”, seria descartada, ou seja, jogada do alto da montanha.

Este pequeno trecho no começo do filme remonta à forma como as pessoas consideravam a deficiência na Antiguidade. Na sociedade grega buscava-se o corpo perfeito, sem defeito. Não ver, não ouvir ou ser de algum tipo que não se enquadrava no padrão da época, não permitia que se fizesse parte da sociedade.

As pessoas surdas não estavam fora desse contexto. Nos tempos antigos os surdos não tinham direitos a bens herdados, não podiam se casar e chegavam a ser sacrificados em nome de alguma divindade por parecerem loucos (MOURA, 2000, p. 16).

Os surdos sempre foram marcados como sendo cognitivamente inferiores às pessoas ouvintes. Esse pensamento influenciou na maneira que os educadores tratavam essa população. No século XVI na Espanha, o médico Girolamo Cardano elaborou um método de ensino para surdos, mas não deixou registro de como os aplicava em seu trabalho. Cardano foi substituído pelo espanhol Pedro Ponce de Leon, no ensino de crianças surdas, vindas de famílias de nobres da Espanha. Pelo que se sabe, Ponce de Leon ensinava-as a ler e a escrever. No século seguinte surgiu o primeiro livro contendo o alfabeto manual por Juan Pablo de Bonet, no ano de 1620. (CAMP, s/d)

Em 1755, a primeira escola pública de surdos foi fundada na França pelo abade Charles de L'Épée, considerado o pai da Língua de Sinais Francesa, da qual a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) deriva. L'Eppe considerava que a língua de sinais era natural das pessoas surdas, mas a considerava inferior para o uso educacional. (CAMP, s/d).

No Brasil, por ordem do imperador Dom Pedro II, foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Imperial de Surdos Mudos, conhecido atualmente como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Apoiado pelo imperador, o professor francês Hernest Huet, surdo, criou o órgão em 26 de setembro de 1857.

...o professor francês Hernest Huet (surdo e partidário de L'Épée, que usava o método combinado) veio para o Brasil a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de surdos (INES). Mantido pelo Governo Federal, atende, em seu Colégio de Aplicação, crianças, jovens e adultos surdos. A partir de então, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação e tiveram a oportunidade de criar a língua brasileira de sinais (LIBRAS), misturando a língua de sinais francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades. (BRASIL, 1997, p. 284)

Porém, em 6 de novembro de 1880 ocorreu na cidade de Milão na Itália, o Segundo Congresso Internacional de Educação de Pessoas Surdas. Nesse evento os congressistas, professores de surdos, decidiram que todos os alunos com deficiência auditiva deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro⁷. Com isso, a língua de sinais deixou de ter o *status* de língua e os surdos enfrentaram um período de cem anos sem poder utilizar sua forma de comunicação natural no ambiente escolar.

Com o passar do tempo os educadores começaram a perceber que os surdos, por não estarem habituados com a língua falada, não conseguiam dar significação às palavras que aprendiam na escola, as quais eram obrigados a reproduzir oralmente. Sacks (2007) explica esse procedimento citando o abade Charles De L'Épée, que já percebera a condição dos surdos na França Pré-Revolucionista.

O sistema de sinais "metódicos" de De L'Épée – uma combinação da língua de sinais nativa com a gramática francesa traduzida em sinais – permitia aos alunos surdos escrever o que lhes era dito por meio de um intérprete que se comunicava por sinais, um método tão bem-sucedido que, pela primeira vez, permitiu que alunos surdos comuns lessem e escrevessem em francês e, assim, adquirissem educação. (p. 30, grifos do autor)

⁷ Ensino da língua falada para pessoas surdas, de modo que passem a fazer a leitura labial e treinamento da fala.

Embora os ouvintes tentassem ditar as regras, os surdos por si mesmos começaram a se organizar de alguma forma. Em 1930 surgiu a primeira associação de surdos no Brasil, porém ela foi extinta devido à falta de um estatuto para regulamentar a sua atividade. No ano de 1953, ex-estudantes do INES reuniram-se para formar uma associação, com a ajuda de uma professora da área, Dona Ivete Vasconcelos. O objetivo era desenvolver competições esportivas e de lazer para a confraternização da Comunidade Surda, na cidade do Rio de Janeiro (MONTEIRO, 2006, p. 296).

Como o INES atendia aos surdos⁸ de todo o país (devido ao seu sistema de internato no início de sua fundação), quando retornaram às suas cidades de origem, muitos formaram uma associação para a Comunidade Surda da região em que estavam inseridos. Desta forma foi fundada em 1954, a Associação de Surdos-Mudos de São Paulo, atual ASSP (Associação de Surdos de São Paulo). Em 1956, foi a vez de Minas Gerais ter também uma associação, na cidade de Belo Horizonte.

Há também no Brasil a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, as chamadas FENEIS. Fundada em 1987, este órgão objetiva tratar das questões dos surdos no Brasil. Outra organização da Comunidade Surda é a Confederação Brasileira de Surdos (CBS), fundada em 2004. Estas organizações são filantrópicas, sem fins lucrativos que visam o reconhecimento dos direitos dos Surdos no país (MONTEIRO, 2006, p. 297).

Os movimentos surdos no Brasil acontecem sempre no dia 26 de setembro de cada ano. Essa data foi escolhida em decorrência do aniversário da fundação do INÊS, porém há pouca participação dos surdos nas manifestações, uma vez que muitos membros da comunidade surda desconhecem os seus direitos. As reivindicações que mais aparecem entre eles é pelo não fechamento das escolas especiais, que vai de encontro com a política de inclusão estabelecida no Brasil. Desde 2002, as crianças surdas em idade escolar são encaminhadas para o ensino regular (*ibid.*, p. 298).

⁸ Meu pai conta que quando era criança, uma professora o viu brincando na rua e, compadecida por ele ser surdo, o levou para a escola em que trabalhava e lhe ensinou algumas lições para que aprendesse a ler. Chegou até a procurar os meus avós para que ele fosse matriculado no INÊS, mas minha avó, quando soube que o meu pai teria que ficar no Rio de Janeiro durante todo o ano letivo e que só voltaria nas férias, não permitiu que ele estudasse lá.

As lutas das Comunidades Surdas do país levaram para o reconhecimento da língua de sinais. Em 2002 foi criada uma lei com vista a transformar o Brasil numa nação bilíngue, a Lei 10.436, que em seu Artigo 1º determina que:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000 apontavam que cerca de 14% da população têm algum tipo de deficiência, em maior ou menor grau. Alguns teóricos sobre o assunto questionam este número devido à forma como a pesquisa do Censo foi conduzida. Costa-Renders (2009) afirma que o questionário feito pelo IBGE possuía alguns equívocos:

Percebe-se que a pesquisa foi realizada a partir de questões construídas com as categorias “capacidade” (ou incapacidade) e ‘dificuldade’. Entendemos que tais categorias não dão visibilidade à deficiência e, por conseguinte, não mostram os reais desafios que as pessoas com deficiência vivenciam no seu cotidiano. (p. 22, grifos e parênteses da autora)

Em uma das questões que o Censo 2000 trazia sobre a deficiência auditiva, o recenseador perguntava ao entrevistado se era incapaz de ouvir, se tinha grande dificuldade ao ouvir ou se havia alguma dificuldade permanente. Um idoso pode perfeitamente ter entrado na categoria de deficiente auditivo. Dessa forma, o número de pessoas com deficiência auditiva (cerca de 5 milhões de pessoas no Censo de 2000) que são realmente usuárias da Língua Brasileira de Sinais acabou não sendo divulgado de forma precisa. No Brasil, 170 mil pessoas se declararam surdas, segundo informações do próprio órgão⁹.

Dez anos depois, em 2010, houve um novo recenseamento e novamente a mesma metodologia foi utilizada. Agora o IBGE aponta para 9 milhões de pessoas com deficiência auditiva, mas os surdos, usuários da LIBRAS, não aparecem novamente na estatística de forma clara, impedindo políticas públicas efetivas.

⁹ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=1, acessado em 18 de março de 2011.

Outro dado que é importante salientar é a quantidade de surdos que são filhas de pais ouvintes. O senso comum diz que surdo gera surdo, porém o que se vê é justamente o contrário.

Entre as pesquisas que salientam esta realidade estão aquelas que apontam os indivíduos surdos, filhos de pais ouvintes, como a maioria da população surda. O grande problema enfrentado pelos pais ouvintes é a comunicação com as crianças surdas. Outra questão sintomática são os profissionais que lidam com a surdez, com a linguagem dos surdos, tomando a língua como se esta fosse um código totalmente artificial, que pudesse ser ensinado em circunstâncias totalmente artificiais, agravando mais esse problema (SILVA, 2001, p. 44).

Os surdos, muitas vezes, não são compreendidos dentro de casa em diversas ocasiões. Os pais, por acreditarem que a língua de sinais ocasiona um atraso de desenvolvimento cognitivo em seus filhos, acabam por não aprender LIBRAS, agravando o desenvolvimento destes. Como já mencionamos, a língua de sinais é natural das pessoas surdas e é a sua primeira língua.

Nesse sentido, é preciso lembrar que a criança surda, filha de pais ouvintes ou também de pais surdos, não adquire a linguagem da mesma forma que a criança ouvinte, pois a linguagem oral que a criança adquire de modo natural, “no caso dos surdos”, é ensinada nas clínicas, escolas, num processo longo podendo ter resultados decepcionantes. A melhor maneira de trabalhar com o surdo deve ser por meio de uma língua que pode ser adquirida naturalmente por intermédio dos membros da comunidade (*ibid.*, p. 45).

Muitos desses surdos com essa trajetória de vida chegam ao ambiente acadêmico. Nós, seres humanos, precisamos do outro para adquirir língua e cultura. Se isso nos é privado ou diminuído nos anos iniciais de nossa infância, poderá trazer consequências que nos acompanharão até a vida adulta.

Outro erro que a sociedade ouvinte comete é acreditar que os todos os surdos possuam pais na mesma condição. Isso é um equívoco, pois é comum os casais surdos terem filhos ouvintes. Não há dados estatísticos que apontem a quantidade exata de CODAs no Brasil, mas é seguro afirmar que 90% dos casais surdos tenham filhos ouvintes. Cito o caso da minha família: eu sou filho de surdos e sou ouvinte; minha esposa é surda e tem os pais ouvintes. Nosso filho é ouvinte, tem o pai ouvinte e a mãe surda. É normal o fato de as pessoas se surpreenderem

quando digo a condição de meus pais e eu não ser surdo como eles. Então, a sociedade ao ver um casal surdo com o seu filho irá partir do pressuposto que são todos surdos, pelo simples fato de pertencerem à mesma família. Fico imaginando um diálogo hipotético de meu filho Miguel com alguém querendo saber sobre a nossa família: “seu pai e sua mãe são surdos?” podem perguntar para ele. “Não”, ele responderia, “meu pai é ouvinte e minha mãe é surda”. “Então os pais da sua mãe, seus avós, são surdos?” perguntaria a pessoa novamente. “Não, o meu avô e minha avó, pais da minha mãe, são ouvintes. O pai e a mãe do meu pai são surdos”. Enfim, seria confuso de qualquer forma.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS PARA OS SURDOS

Para entender a cultura e as características de uma comunidade, além de um estudo antropológico, torna-se necessário conhecer a língua que o mesmo utiliza. Desta forma, para conhecer os surdos e suas características, é preciso conhecer também a língua de sinais.

A utilização de sinais para comunicação surgiu nos primórdios da humanidade, não como uma alternativa de comunicação para pessoas surdas, mas sim como uma das primeiras formas da comunicação humana.

Vygotsky (1887-1934) escreveu que os homens pré-históricos trocaram a comunicação gestual pela comunicação oral, pela palavra, quando começaram a utilizar ferramentas; trabalhando, com as mãos ocupadas, precisaram inventar uma alternativa para dialogar. Essa idéia ressalta a naturalidade da interação pela linguagem das mãos e, de certa forma, explica por que o movimento contrário (da linguagem oral para a gestual) é um processo reinventado na história dos grupos sociais com tanta freqüência, quando a situação exige. (REILY, 2004, p. 113)

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é considerada a língua materna do surdo. Se uma criança com essa característica for exposta desde cedo na presença de adultos surdos usuários da LIBRAS, interagindo entre si e com ela, é evidente que aprenderá esta língua naturalmente. O mesmo ocorre se uma criança ouvinte que convive com adultos surdos: ela irá adquirir a língua de sinais.

Porém o que ocorre nas famílias em que há a pessoa surda muitas vezes é a não aceitação desta língua. A idéia de se ter um filho “perfeito” acaba levando os pais a buscarem ajuda da medicina. Muitos surdos contam em depoimento que os médicos orientavam seus pais ouvintes a não usarem “gestos”, porque desta forma eles teriam “preguiça” de usar a oralidade.

...os pais deveriam compreender que a exposição do bebê surdo desde cedo a um entorno de língua de sinais lhe permitirá simbolizar o mundo e desenvolver através da linguagem funções emocionais e intelectuais importantes, aproveitando os períodos neurolinguísticos mais favoráveis para a aquisição. (BERNARDINO, 2000, p. 61)

Um dos mitos das línguas de sinais é que se trata de um sistema universal, isto é, uma língua expressa da mesma forma em todos os países. Uma informação equivocada, conforme explica a autora:

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades de indivíduos Surdos dos países que as utilizam. Como todas as línguas orais, não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua. Assim, há a língua de sinais inglesa, a americana, a francesa, bem como a brasileira. (BERNARDINO, 2000, p. 82)

Como qualquer língua utilizada por qualquer civilização humana, a LIBRAS possui parâmetros e regras que devem ser respeitadas para que se obtenha uma compreensão correta da mesma. A Língua Brasileira de Sinais possui três parâmetros, que são abordados na sequência.

O primeiro deles é a configuração das mãos (CM). Seria a forma que as mãos assumem ao se construir um sinal. Podemos considerar que o alfabeto manual é parte das configurações de mãos. Enquanto o alfabeto brasileiro possui 26 letras, a Língua Brasileira de Sinais possui cerca de 46 configurações de mãos diferentes (BRITO,1995). Ou seja, enquanto a língua oral possui trinta e três fonemas para expressar qualquer palavra na Língua Portuguesa, a LIBRAS possui 46 formas de mãos que poderão expressar todos os sinais desta língua. O segundo é o Movimento (M). Alguns sinais são feitos utilizando-se movimentos. Um exemplo é o sinal de “velho”. A configuração de mão em “S”, fazendo dois movimentos no queixo. O terceiro é o Ponto de Articulação (PA). Trata-se do local onde o sinal será feito, na altura ou na direção do corpo.

Há ainda outro parâmetro, considerado secundário, que é a expressão facial. Muitos sinais, principalmente quando se quer expressar sentimentos, vêm acompanhados com o rosto demonstrando alegria ou tristeza, por exemplo.

A ordem sintática da LIBRAS obedecerá basicamente a duas ordens: sujeito-verbo-objeto e objeto-sujeito-verbo. Um exemplo disso é a frase “O gato pegou o rato”. Esta mesma frase em LIBRAS obedecerá a ordem “rato gato pegar”. Se imaginarmos esta frase como se fosse uma história em quadrinhos, o primeiro personagem a aparecer seria o rato, logo em seguida o gato e na sequência o ato de pegar. Isso reflete a maneira como o surdo enxerga o mundo em que vive, que é visual.

Outra característica da LIBRAS é a supressão dos artigos e das preposições. Na frase “Daqui a dois meses vou me casar”, na estrutura da Língua de Sinais será “Casar eu dois meses futuro”.

Outro elemento que constitui a Língua Brasileira de Sinais são os Classificadores. Não há nada em uma língua oral que se assemelha a este recurso próprio das línguas de sinais.

Os classificadores podem ser animados ou inanimados. É um recurso próprio dos sinais, que não existem em português e não é usado no Português Sinalizado¹⁰. Como uma espécie de pronome “especial”, substituindo o nome, traz consigo gênero, número, etc. Podem trazer também idéias de tamanho, volume e quantidade. São muito utilizados para descrever idéias para as quais não há sinais específicos. (BERNARDINO, 2000, p. 94)

Um exemplo desse elemento é quando se quer descrever um gato. Existe o sinal para a palavra “gato”, que é feito com a mão direita configurando a letra “L” na lateral do nariz e fazendo-se o movimento para a direita fechando-se os dedos, simulando os bigodes deste animal. Se a pessoa quer descrever como um gato faz a sua higienização com a língua, ela pode simular com o corpo através de “mímica” para que o receptor entenda do que se trata.

Portanto, quando um aluno surdo se dirige para a escola estará diante de uma realidade diferente daquela que vive em casa. As pessoas ali inseridas usarão outra língua, diferente da qual está habituado. Assim é possível a evidenciar os

¹⁰ Português Sinalizado refere-se à sinalização dos sinais constituintes da LIBRAS, mas obedecendo a estrutura da Língua Portuguesa. Isso dificulta o entendimento por parte da pessoa surda, uma que a Língua de Sinais é construída numa estrutura diferente da Língua Portuguesa.

problemas que este aluno enfrentará, porque a Língua Portuguesa é um conhecimento exigido no ambiente escolar.

Os problemas dos surdos com a aquisição da escrita estão mais relacionados à aquisição e ao desenvolvimento de uma língua efetiva que lhes permita uma identidade sociocultural, ou seja, “estar inseridos no contexto social”; só assim poderão entender as diferenças existentes entre sua própria língua e as outras. (SILVA, 2001, p. 48, grifos da autora)

Se o professor for conscientizado de que este aluno é um “estrangeiro”, usuário de outra língua e não uma “pessoa com deficiência” apenas, levando em conta que a Língua Portuguesa deve ser ensinada para esta pessoa como segunda língua (BRASIL, 2005), aparecerá um viés de possibilidade deste surdo ser realmente incluído no ambiente educacional.

2.3 A CULTURA SURDA: UMA ABORDAGEM MULTICULTURAL

Quando tinha oito anos de idade, meus pais estavam construindo uma casa para morarmos em um bairro na periferia de Santo André. Tratava-se de um local bem afastado do centro da cidade, às margens da represa Billings. Como na época não conhecíamos o local, não sabíamos ao certo onde se localizava o ponto de ônibus para voltarmos para casa. Ao descer uma das ruas daquele bairro, uma senhora vinha andando no sentido contrário. Meu pai se dirigiu até ela e lhe perguntou onde ficava o ponto de ônibus. A mulher não entendeu e meu pai perguntou novamente. Minha mãe tentou ajudar falando com aquela senhora também. A mulher, não compreendendo novamente exclamou: “de que nacionalidades vocês são?”. Neste momento tive que intervir e dizer que se tratava de duas pessoas surdas e que apenas queriam saber onde se localizava o ponto de ônibus. Relembrando este fato realmente surge novamente a pergunta: existe uma nacionalidade à qual os surdos pertencem? Será que a mente do surdo é diferente da do ouvinte?

O senso comum leva a pensar que as pessoas surdas possuem uma psique distinta dos ouvintes. Porém, psicanalistas que atuam com essas pessoas têm demonstrado um resultado diferente. Gonçalves (2005) trabalhou com surdos

como voluntário na Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) no Distrito Federal.

Como ponto de partida para o nosso trabalho, pressupomos que a surdez representa apenas um déficit na comunicação, perfeitamente superável, e não uma patologia a ser “curada”. A pessoa surda, com exceção dos casos em que há seqüelas psiconeurológicas, decorrentes de traumas físicos ou doenças sistêmicas, é capaz de ter um desenvolvimento cognitivo compatível, e de aprender habilidades como qualquer ouvinte. O acompanhamento fonoaudiológico, concomitante com o atendimento psicológico, é, no meu entendimento, fundamental para o desenvolvimento e educação do surdo. (p. 18)

Os resultados dessa pesquisa apontaram que o “psiquismo do surdo não difere, em sua natureza, do da pessoa ouvinte” (*ibid.*, p. 19). Desta forma, o surdo tem o desenvolvimento cognitivo semelhante ao da pessoa ouvinte, e o modo de absorver a cultura, seja ela no grupo majoritário (sociedade dos que ouvem) ou do grupo minoritário (comunidade Surda).

Sendo assim, se um ouvinte ao nascer, for inserido em uma família na qual os membros utilizam uma determinada língua, essa criança irá aprender tal forma de comunicação. “Em outras palavras, a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente. Esta amplitude de possibilidades, entretanto, será limitada pelo contexto real e específico onde de fato ela crescer.” (LARAIA, 2009, p. 62).

Entretanto, um surdo ao nascer poderá não ter esse privilégio nos primeiros anos de vida.

As condições de "naturalização" dentro desta cidadania cultural e lingüística são incomuns. Mais de 90% das crianças surdas nascem em famílias que possuem um capacidade auditiva normal; assim, pouco menos de 10% das crianças surdas possui um familiar surdo. Isto significa que a maioria dos novos cidadãos nascem, de maneira figurada, sem possuírem alguma influência. Tampouco a língua de sinais é sua língua nativa no sentido de ser disponível desde a infância, aprendida pela interação com seus pais. Não obstante, para aqueles suficientemente afortunados de ter acesso a uma escola para surdos perto de suas casas, a língua de sinais é provavelmente a primeira e verdadeira linguagem adquirida. (WRIGLEY, 1996, p. 21, grifos do autor¹¹)

¹¹ Tradução livre.

Muitas dessas pessoas não tiveram contato com a LIBRAS na infância, e tiveram consequências no desenvolvimento posterior. Muitos pais de surdos, ao receber o diagnóstico de que seus filhos não podiam ouvir, buscavam transformar seus filhos no “ser mais ouvinte possível”. Próteses auditivas eram adquiridas, para que o mínimo de resíduo auditivo que esta pessoa tivesse pudesse servir para que o tornasse mais “normal” e próximo dos demais. A tendência é sempre deixar a língua de sinais de lado, uma vez que na opinião de alguns profissionais da área da saúde ela atrasaria o desenvolvimento da fala, pois o surdo acaba tendo “preguiça” de treinar a fala e utilizar-se dos sinais. Além disso, a maior evidência da surdez é justamente o “falar com as mãos”. Esta atitude, no entanto, priva a pessoa de ter contato com uma língua que lhe é natural, prejudicando o seu desenvolvimento de linguagem. Há relatos de que alguns professores de surdos amarravam suas mãos para que não as utilizassem na comunicação. Vigotsky (1999) afirma ao desenvolver a fala, a criança acredita que o nome é uma propriedade do objeto, e não um símbolo. Mas como conhecer um objeto se não se sabe o nome dele? O surdo enxergará uma cadeira, porém ele não possui condições fisiológicas de saber que o som presente nos fonemas da palavra “cadeira” se refere àquele objeto no qual as pessoas se sentam.

A pessoa que ouve provavelmente assumirá que a alegação tem algo a ver com a idéia de ter estado doente, com senso de perda que ocorreu, ou com as circunstâncias que são claramente "responsáveis" pela perda. Ou talvez algum senso de culpa os leve a insistir que eles nasceram com alguma marca excludente de diferença. Para aquele que ouve, a surdez representa uma perda de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo. Em termos cosmológicos, é uma marca de desaprovação. Ela é a Alteridade, um estigma para se ter pena, e por isso, exilada às margens do conhecimento social. Seu "silêncio" representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. A atividade missionária e o auxílio caridoso são encorajados como as respostas moralmente legítimas. (WRIGLEY, 1996, p. 17)¹²

A língua de sinais é a marca que evidencia a presença de uma pessoa surda. Em minhas aulas costumo dizer que é uma língua que chama a atenção. Um indivíduo que sabe falar inglês, conversando com um americano na praça de alimentação em um *shopping* em São Paulo não será percebido pelas pessoas mais distantes, salvo por aqueles que estão mais próximos. No entanto, se imaginarmos a mesma situação com um surdo usuário de LIBRAS no lugar de um americano, todos no recinto perceberão a presença dessa pessoa.

¹² Tradução livre.

Certa vez estava acompanhado de alguns amigos intérpretes de LIBRAS no Metrô em São Paulo. Por causa do barulho forte que o vagão fazia decidimos nos comunicar em sinais. Depois de um tempo um homem, aparentando ter 35 anos de idade aproximou-se de nós e disse “eu sei LIBRAS”. No mesmo instante uma senhora, que estava ao lado dele, deu um tapa na mão do homem e disse “você fala! Use a sua voz!” Atônitos, meus amigos e eu ficamos surpresos com a atitude daquela senhora, que provavelmente era a mãe do rapaz. A língua de sinais é a marca principal de que há algo de “errado” com a pessoa que a utiliza.

Como relatei, as escolas de surdos do passado focavam apenas no desenvolvimento da fala oral de seus alunos, e a língua de sinais era algo que devia ser extirpado dos ambientes escolares.

A educação para as crianças surdas é (...) fortemente centrada na comunicação verbal falando com a criança surda e tentando fazer com que esta produza sons de fala. Para a criança cega, a política concentra-se no senso e modalidade presentes: audição e fala. Para as crianças surdas, a concentração é exclusivamente no senso e modalidade ausentes: audição e fala. Imagine uma escola para crianças cegas na qual a maioria dos dias de aprendizado consistisse de professores que colocassem luzes muito brilhantes nos olhos dos cegos, enquanto dissessem "Lembra da cor? Que cor?" Embora isso pareça estranho, é uma imagem invertida bastante exata da educação convencional para os surdos. (WRIGLEY, 1996, p. 30)¹³

A experiência citada ocorria nos Estados Unidos, mas não difere da realidade brasileira de anos atrás. Nesses espaços o surdo era forçado a aprender a fala, sendo que esta não deveria ser a forma natural de sua comunicação. No entanto, mesmo nestes locais, os surdos criavam estratégias para continuar comunicando-se na língua de sinais, sendo justamente nestes espaços que a Identidade Surda era compartilhada entre esses indivíduos.

Há uma categoria da Antropologia que afirma que os costumes e os hábitos identificam o modo de ser de um determinado povo. Os hábitos alimentares de certas regiões no Nordeste, o jeito calmo e despreocupado do baiano, a agitação dos moradores da cidade de São Paulo e a ida à praia aos domingos do carioca são “manifestações de suas respectivas culturas. Cultura seria o todo comportamental, incluindo o emocional e o intelectual, de um povo ou, em menor escala, de uma coletividade”. (GOMES, 2011, p. 34)

¹³ Tradução livre.

Desta forma, os surdos são parte de uma coletividade que compartilha de uma identidade, de hábitos, costumes e valores, que são em maior ou menor grau, distintos da maioria ouvinte, mas não há como afirmar com certeza se existe uma Cultura Surda da maneira como alguns surdos a defendem, como algo tão distante da cultura da sociedade ouvinte.

Quando comecei a estudar as questões que envolvem as pessoas surdas, deparei-me com a questão da Cultura Surda. Ao perguntar a alguém o que era, de fato, essa cultura, a resposta era sempre a mesma: que os surdos têm uma percepção visual diferenciada, que para chamá-los deve-se agitar as mãos diante deles, que a campainha na casa de uma pessoa surda é uma lâmpada que se acende etc. Essas características, no entanto, são hábitos e não uma cultura distinta.

Segundo Schneider (*apud* Laraia, 2009), a definição de cultura é “um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento” (p. 63). O comportamento dos surdos não difere tanto assim dos ouvintes, mas podemos afirmar que os surdos possuem uma identidade distinta, que traz implicações nas tomadas de decisões e na conduta desse grupo. É possível dizer, também, que a Cultura Surda é uma expressão das comunidades surdas, baseada no multiculturalismo, tão presente em nosso país. Como afirma Nídia Sá (2002):

Ao abordar a questão da cultura surda, em nenhum aspecto se quer absolutizar a divisão surdo/ouvinte como se esta, e apenas esta, seja a única/melhor/principal divisão de categorias possível, ou como se a única característica de uma pessoa surda fosse a surdez, esquecendo-se das demais características que a constituem: como o fato de ser surdo/negro, surda/negra, surdo/branco, surda/branca, surda/mulher, surdo/homem etc. Enfoca-se a cultura surda como uma das múltiplas determinações, sabendo-se que, nos estudos das demais culturas minoritárias, seja a da cultura negra, ou a da cultura indígena, ou a da cultura imigrante, lá está a presença de sujeitos surdos, que também são negros, são indígenas, são imigrantes, etc. (p. 91)

Stuart Hall, ao estudar o conceito de cultura na pós-modernidade apresenta a discussão sobre a identidade que cada povo tem de si em relação ao outro:

..., a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no

momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (...) Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos sermos vistos por outros. (HALL, 1992, p. 39, grifos do autor)

Desta forma, os surdos constroem a sua identidade e afirmam a sua cultura a partir da diferença em relação ao ouvinte, o que inclui também as experiências visuais, e essas vão se construindo ao longo da história e das vivências empíricas deste grupo.

Perlin (1998) relata que todo o simbolismo destes indivíduos está baseado em signos visuais. Uma piada que é contada num círculo de pessoas ouvintes e que lhes é engraçada não terá o mesmo impacto em um grupo de pessoas surdas, pois toda a subjetividade que está implícita não será compreendida, por que esta usa um viés oral. Ao observar uma piada contada por surdos, nota-se a abordagem de percepções visuais, na qual o elemento cômico estará em uma situação vivida sempre por um surdo diante de sua condição de não ouvir, ou situações em que um ouvinte, ao se passar por uma pessoa que não ouve, acaba tendo problemas de ordem ética. Para a autora, a Cultura Surda é estabelecida em quatro elementos:

- **Identidade Surda:** o sujeito surdo se reconhece como tal e tem a necessidade de outro surdo;
- **Diferença:** os surdos se sentem diferentes da maioria ouvinte e querem ser protagonistas de sua história;
- **Língua de Sinais:** uma das maiores produções culturais da Comunidade Surda;
- **Poder:** posição de identidade e de diferença em relação a maioria ouvinte.

Os surdos valorizam muito a língua de sinais. Para eles, ela é o maior produto das comunidades surdas espalhadas pelo mundo. Para os antropólogos, a língua é o principal canal para que a cultura seja difundida entre os membros de uma mesma coletividade, de forma que são transmitidas de geração em geração, mantendo vivos os costumes, hábitos e tradições desses povos.

A Linguística é uma ciência humana das que mais se aproxima do modelo de ciência sistemática (o que os americanos costumam chamar de *hard science*), como a física e a biologia. Em muitos departamentos de Antropologia nos Estados Unidos e Europa ela faz parte do currículo da Antropologia como uma subdisciplina com seus próprios méritos. Seu objeto é, evidentemente, a língua, as línguas humanas, suas estruturas internas, suas conexões mútuas, suas histórias, sua capacidade de mudança e, especialmente, o significado que elas dão ao homem e à cultura. Os antropólogos linguistas estudam em especial as línguas, que são o principal (alguns falam em “único”) meio pelo qual o homem apreende o mundo da natureza e o mundo da cultura. A língua seria o veículo da cultura, que, por sua vez, é a intermediação entre o homem e a natureza. (GOMES, 2011, p. 24)

No passado a língua de sinais não era considerada um idioma. Por se utilizar a visão para ser compreendida além do uso das mãos para ser falada e por pertencer a um grupo considerado deficiente cognitivamente, as línguas de sinais no mundo eram ignoradas pela comunidade acadêmica. Wrigley (1996, p. 19) chama essa língua de “fora da lei”, porque não se adequava ao conceito de língua valorizado pela sociedade dominante.

Diante desta afirmação, durante muitos anos não se atentou para o real valor que a língua de sinais possui dentro da Comunidade Surda. Por isso muitas oportunidades de pesquisa foram perdidas diante de um preconceito linguístico em que só é língua aquilo que pode ser pronunciado oralmente. Muito tem se pesquisado sobre língua de sinais, dando a impressão de que se trata de uma língua nova, que surgiu há pouco tempo. Temos que chamar a atenção para o fato de que o estudo das línguas de sinais é recente, e não o seu uso.

Por que os surdos dão tanta importância à língua de sinais? Por que há tantas discussões sobre quem deve ensinar esta língua, se é apenas o surdo e não o ouvinte? Wrigley (1996) apresenta uma possível resposta:

Uma das características únicas da cultura dos Surdos é que nenhuma exigência de "lugar" está disponível para a auto-identificação da comunidade. Muitos movimentos sociais nativistas e outras organizações indígenas fazem exigências de uma "relação especial" com o lugar ou "a terra". Noções estritas de uma administração especial sobre a terra com freqüência são evocadas como parte dessas relações. Estes conceitos de lugar estão bastante carregados de idéias românticas ocidentais da natureza e de realidades socialmente construídas dos recursos naturais. A própria noção indígena – nativo, em oposição ao estrangeiro – toma o lugar físico como uma parte chave de seu valores e crenças legitimadoras. Isto provou ser conveniente em alguns casos, polêmico em outros. Como se compreende cada vez mais, a maioria dessas alegações ou exigências possui pouca base em seus detalhes ambientais ou históricos da verdadeira

"administração", seja anterior ou atual. Contudo, a abordagem "nós estávamos aqui primeiro" das declarações dos nativos, embora se oponham à abordagem "nós possuímos sanção divina para subjugar" dos colonizadores, baseia-se de modo semelhante numa base mitológica. Contudo, nem mesmo exigências fictícias dos direitos nativos por um lugar estão disponíveis às comunidades surdas nativas. Os surdos são uma minoria invisível e amplamente distribuída, como a natureza democrática da surdez sugere. As circunstâncias dos Surdos como uma minoria cultural, entretanto, deixa claro que o lugar não é intrínseco a uma identidade nativista. (p. 36-37)¹⁴

O lugar de reivindicação dos surdos reside em sua língua. Eles não lutam por um espaço físico que lhes pertence por direito, como os palestinos no Oriente Médio, ou pelo povo basco na Espanha. Esta população está dispersa porque sua condição étnica está estabelecida por uma condição física e não por uma origem comum, como um espaço físico. Por este motivo um surdo tem necessidade de outro surdo, para que este "país surdo" surja no tempo e no espaço.

A Surdez é um país cuja história é reescrita de geração a geração. Isto ocorre em parte por causa da condição de suas línguas nativas, em parte porque mais de 90% das crianças surdas nascem de pais que ouvem e em parte por causa das opressões curiosas e específicas que constituem as histórias dos surdos. As culturas dos sinais, bem como o "conhecimento" social da surdez, são necessariamente ressuscitadas e refeitas dentro de cada geração. (WRIGLEY, 1996, p. 25, grifos do autor)¹⁵

E é neste processo que os surdos constroem a sua história, em que as trocas simbólicas são passadas de uma geração mais velha para uma outra que está chegando à Comunidade Surda. Por isso a importância dos espaços de encontro, em que novos sinais são aprendidos ou sofrem mudanças para melhor se adequarem ao contexto. É comum ver uma palavra em LIBRAS que era sinalizada de uma forma sofrer uma transformação para que os falantes tenham melhor fluência.

Bakhtin (1999) faz uma crítica aos linguístas que acreditavam que a língua era algo que não se transformava no decorrer do tempo.

Entretanto, o sistema linguístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade linguística, posto que a identidade normativa do fonema, tal qual nós a estabelecemos, é diferente nas diferentes épocas da

¹⁴ Tradução livre.

¹⁵ Tradução livre.

evolução de uma língua. Em poucas palavras, a língua tem sua história. (p. 79)

Em todos os grupos humanos há sempre membros mais radicais que acabam tomando atitudes excludentes. Paulo Freire (1987) trouxe à luz o conceito de que o oprimido ao assumir um lugar de opressão, reproduz as mesmas atitudes do opressor.

Muitos surdos, em busca da “pureza linguística”, acabam excluindo aqueles que não são surdos, ou os consideram como membros periféricos. (WRIGLEY, 1996, p. 18)

Quando comecei a atuar como intérprete, participei da II Conferência dos Direitos e Cidadania de Surdos nas Faculdades Integradas Rio Branco, em 2006. Lá havia uma sala destinada aos intérpretes de LIBRAS e pessoas interessadas no assunto. O evento teve início normalmente com o palestrante, que era ouvinte, fazendo sua explanação em LIBRAS. Mas havia um detalhe: naquele espaço físico havia pessoas iniciantes na língua de sinais, que não possuíam a fluência necessária para compreender o que estava sendo falado. Essas pessoas solicitaram a presença de um intérprete de voz que pudesse fazer a tradução para a Língua Portuguesa. Um surdo, muito conhecido pela comunidade, levantou-se e disse “eu sofri para aprender português, agora vocês têm que sofrer para aprender LIBRAS!”. Fiquei chocado com essa atitude, e me questionei com o tipo de inclusão que determinadas pessoas, de ambos os lados, querem. Neste caso ficou claro que dentro da Comunidade Surda há os radicais que acreditam que a LIBRAS é uma língua exclusiva do surdo, o que não é verdade. Os ouvintes, nascidos em famílias de surdos que compartilham a língua de sinais e a cultura surda fazem parte da Comunidade Surda, que também inclui os professores de surdos que respeitam a LIBRAS, os intérpretes de LIBRAS, entre outras pessoas.

Por outro lado, há comunidades de surdos que entendem que a língua e a cultura não são poses de um determinado povo. Estas se fundem com outras culturas de forma que outras pessoas podem adentrar e usufruir deste lugar comum. Um exemplo, citado no livro *Vendo Vozes* do neurologista Oliver Sacks (2007) conta sobre uma ilha, nos Estados Unidos, chamada *Martha's Vineyard*. Este local fica próximo a Massachusetts e a incidência de surdos neste local era impressionante.

No século XVII uma família britânica com surdez se instalou na cidade e outras haviam emigrado para aquele lugar. Houve uma explosão demográfica de surdos e a maioria dos habitantes era fluente na língua de sinais, uma variedade regional da língua de sinais britânica. A maioria dos moradores ouvintes desse lugar eram bilíngues, e devido à grande incidência de moradores surdos nesta região, a surdez não era vista como uma incapacidade, e sim uma diferença. Ele ainda conta que neste local, mesmo quando não havia mais surdos vivendo ali, os ouvintes continuavam a usar a língua de sinais.

Curiosamente, mesmo depois de o último ilhéu surdo ter morrido, em 1952, os habitantes ouvintes tenderam a preservar a língua de sinais entre si, não meramente para ocasiões especiais (contar piadas sujas, conversar na igreja, comunicar-se de um barco para outro, etc.), mas de um modo geral. Passavam involuntariamente para essa linguagem, às vezes no meio de uma sentença, porque a língua de sinais é “natural” para todos os que a aprendem (como primeira língua), e possui beleza e excelência intrínsecas às vezes superiores às da fala. (SACKS, 1998, p. 47)

Não é meu objetivo afirmar neste trabalho se existe ou não uma cultura surda, totalmente distinta da cultura ouvinte. Mesmo entre a sociedade ouvinte há uma diversidade de culturas e sub-culturas que convivem entre si e coexistem (ou entram em conflito) num mesmo espaço e tempo. Um gaúcho possui uma cultura distinta de um baiano, por exemplo, mas ambos são brasileiros e se consideram como tal. Existe uma identidade nacional que os caracteriza como pertencentes a uma nação e um país em comum.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 1992, p. 47)

Mesmo em relação aos surdos, a cultura é algo que foi construído, não é algo que faz parte de quem nasce ou fica surdo. Hall (1992) evidencia que muitos elementos culturais e de tradição, construídos pelas nações, são produtos de uma autoafirmação e legitimação de uma identidade construída em algo imaginado, que foge do que realmente aconteceu no passado. Desta forma, uma maneira dos

surdos sentirem-se parte de um todo surge na afirmação de uma cultura distinta, firmada na identidade surda e na diferença em relação à pessoa ouvinte.

2.4 A IDENTIDADE SURDA NA RELAÇÃO ENTRE PAIS SURDOS E FILHOS OUVINTES

Nos livros do bruxinho *Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling, a trama vai muito além da magia e do entretenimento. Do primeiro livro ao último, o leitor irá perceber que para ser bruxo no mundo criado pela autora não basta ter os pais na mesma condição. Um casal de *trouxas* (*muggle* no original, que significa “os de fora”), pessoas normais (não bruxas), podem gerar um filho com poderes mágicos.

Podemos comparar com esta pequena ilustração as vivências de um filho ouvinte de pais surdos. Os pais são diferentes dele, possuem uma maneira de se comportar e enxergam o mundo de uma maneira distinta da dos ouvintes. Quadros (2007) define o CODA com alguém que está na chamada zona fronteira de contato.

A experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos faz com que a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas sejam atravessadas por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcados por tensões em zonas fronteiriças de contato. O universo surdo e o ouvinte marcam as fronteiras dos CODAs. (p. 246)

O primeiro aspecto desta pessoa será o caráter bilingue no seu desenvolvimento. Este filho ouvinte de pais surdos estará exposto a duas línguas simultâneas desde a sua primeira infância. Lacerda (1998), ao expor as diferentes abordagens na educação dos surdos explica o bilinguismo na perspectiva da criança surda, mas podemos usar este aspecto para discutir a aquisição de língua de sinais por parte do CODA.

Ao sinalizar, a criança desenvolve sua capacidade e sua competência linguística, numa língua que lhe servirá depois para aprender a língua falada, do grupo majoritário, como segunda língua, tornando-se bilíngüe, numa modalidade de bilingüismo sucessivo. Essa situação de bilingüismo não é como aquela de crianças que têm pais que falam duas línguas diferentes, porque nesse caso elas aprendem as duas línguas usando o canal auditivo-vocal num bilingüismo contemporâneo, enquanto no caso das crianças surdas, trata-se da aprendizagem de duas línguas que envolvem canais de comunicação diversos. (p. 75)

Os educadores que defendem o uso da língua de sinais pelo surdo afirmam que a criança com surdez deve ser exposta à língua de sinais desde cedo, para adquirir linguagem. Para isso acontecer, os pais devem conhecer essa língua, no caso de serem ouvintes. Se os pais são surdos, naturalmente esta criança irá desenvolver a língua de sinais como sua primeira língua.

A pergunta que pode ser feita no caso de uma criança ouvinte nascida em um lar de pais surdos é: qual é a primeira língua dessa pessoa? Em qual das duas línguas ela estará mais exposta?

Uma criança ouvinte nascida e inserida neste contexto aprenderá de forma natural a língua de sinais concomitantemente com a língua oral. A chamada zona fronteira de contato (QUADROS, 2007) em que o CODA está presente encontra-se no momento em que ele “passeia” entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS. Outro aspecto é que a criança ouvinte nascida em um lar de pais surdos irá criar estratégias para chamar a atenção dos pais. Vale destacar um exemplo prático: uma criança ouvinte que está na sala de casa e quer chamar a mãe, que está no quarto fazendo algo, irá gritar. Prontamente (ou não) a mãe irá atender. Se pensarmos na mesma situação, com uma criança ouvinte, mas com uma mãe surda, essa criança sabe que não adiantará gritar se quiser ser atendida. Ela terá que se dirigir até o local onde a mãe se encontra.

Podemos pensar novamente uma situação parecida, em que a criança e a mãe estão no mesmo ambiente, só que neste caso a mãe está de costas para o/a filho/a. Se ele/a quiser chamar pela mãe não poderá gritar, mas terá que se dirigir até ela e tocá-la para ser atendido/a. Parecem coisas simples do dia a dia, mas isso traz implicações quando esta criança for para a escola, por exemplo. No contexto escolar, esta criança pode chamar as pessoas, mesmo sendo ouvintes, tocando-as. Quando eu estava na sétima série do Ensino Fundamental (atual sexto ano) uma colega sempre reclamava que eu a tocava muito para chamá-la e que isso a irritava. Porém, era difícil manter o controle, pois para eu ter certeza de que alguém estava me ouvindo, eu precisava tocar nessa pessoa.

No ambiente escolar não podemos nos esquecer de que o aluno CODA em sua casa usa a língua de sinais com os pais, e de que essa língua esta que possui uma outra estrutura e uma ordem de uso diferente da Língua Portuguesa. Ao

escrever, esse aluno pode trazer elementos da ordem de construção da língua de sinais, levando a professora, que desconhece esta língua a acreditar que ele está apresentando dificuldades de aprendizagem.

Quando estava na escola não me lembro de ter alguma dificuldade com a Língua Portuguesa, talvez por conta de ter acesso a livros e viver próximo a parentes ouvintes. Meus pais e eu morávamos nos fundos da casa de uma tia, que possuía um grande acervo de livros e que incentivava muito o hábito da leitura.

Tenho um amigo surdo que possui uma filha ouvinte, já em idade escolar. Recentemente ele foi solicitado junto com a esposa para comparecer à escola e conversar com a coordenadora pedagógica por conta de uma reclamação de que a filha é um pouco agressiva e que ficaria “cutucando” os colegas. Ele precisou explicar que, por ele ser surdo, a filha precisa chamá-lo tocando-o e que ela acaba fazendo o mesmo com os colegas.

Perguntas frequentes surgem para nós, filhos ouvintes de pais surdos, no que se refere à nossa educação e desenvolvimento, sempre com o questionamento de como nossos pais nos criaram e nos educaram, sendo surdos. Mussen (1980), ao falar sobre o desenvolvimento psicológico da criança, apresenta a seguinte afirmação:

A primeira aprendizagem social da criança ocorre em casa; suas primeiras experiências com a família – sobretudo sua ligação com a mãe – são geralmente consideradas como antecedentes decisivos de suas relações sociais posteriores. Geralmente a mãe satisfaz as necessidades primárias da criança quanto a alimento, redução de dor, calor e talvez até estimulação tátil (...) Conseqüentemente, a presença da mãe – os estímulos visuais, táteis e cinestésicos que apresenta – fica associada à satisfação de necessidades, e começa a representar prazer, alívio de tensão e alegria. (p. 84)

Como estas experiências acontecem, se a mãe não escuta? Como se ouve o choro do bebê no berço, ou na sala, longe dos olhos maternos e paternos, quando estes são surdos? E se a criança cair, como esta mãe ouvirá? Já vi olhares de um “quase pânico” em algumas pessoas quando afirmava que meus pais eram surdos. Logo em seguida, tais perguntas surgiam e desde tenra idade eu precisava respondê-las.

O estereótipo de surdez está associado ao significado de deficiência, ou seja, incapacidade, incompetência, insuficiência... Isso explica as perguntas acima. Como pessoas surdas podem ser boas mães? Como podem ser pais? Como poderão ensinar um filho a falar?... se são incapazes de... Pacientemente, vários filhos de pais surdos tentam explicar (com raro sucesso) que as pessoas surdas são capazes de fazer tudo isso com seus acertos e erros como quaisquer outros pais, mas de forma diferente. (SKLIAR, QUADROS, 2000, p. 48)

Sim, as pessoas surdas são capazes de criar uma criança ouvinte ou surda com o mesmo sucesso/insucesso que os ouvintes. O fato de serem surdos não os impede de serem bons pais. É evidente que haverá diferenças e que tanto os pais surdos quanto os filhos surdos criarão estratégias para que a surdez não seja uma barreira no cuidado com os filhos.

Atualmente a tecnologia permite que os surdos possam cuidar dos filhos pequenos sem grandes preocupações. Existem babás eletrônicas que vibram, consistindo em um aparelho que é colocado no berço e outro que fica com os pais. Uma mãe ouvinte irá ouvir o choro do bebê e irá atendê-lo. No caso de uma mãe surda, o recurso da vibração presente no aparelho irá ter o mesmo efeito.

Quando eu era criança, no entanto, esse aparelho não existia. A estratégia de meus pais era colocar o berço perto da cama de casal, sendo que qualquer movimento meu os acordaria. Como já relatei, nós morávamos no fundo da casa de uma tia e meus avós também viviam lá. Por diversas vezes em que eu acordava de madrugada, meu avô se dirigia até a nossa casa, porém sempre encontrava a minha mãe já acordada cuidando de mim. Questionando minha mãe sobre como ela acordava, ela sempre dizia “você nunca chorava.”

A criança ouvinte de pais surdos logo percebe que seus pais não a ouvem e que não adianta chamá-los oralmente. Em um primeiro momento, esta criança pode até gritar, mas com o tempo irá agitar as mãos para chamar a atenção dos pais, ou jogar algum objeto na direção deles para que olhem para ela. Assim, a criança irá criar estratégias para se comunicar com os pais surdos e vice-versa.

Quando a criança começa a aprender as convenções sociais de como se comportar perante a sociedade, este processo acontecerá da mesma forma com o CODA, porém os ensinamentos e conselhos dos pais serão feitos em língua de sinais. Skliar e Quadros (2000) chamam o filho de pais surdos como um “ouvinte

diferenciado”, não habitual, que mesmo vivendo no mundo dos que ouvem, compreende o mundo dos surdos.

As identidades dessas crianças desenvolvem-se em meio a surdos adultos e, também, a ouvintes adultos. Aí reflete-se a contradição na formação da identidade desses “ouvintes”, ao mesmo tempo que essas crianças desenvolvem experiências auditivas enquanto ouvintes, tornam-na diferentes dos surdos colocando-as a parte da comunidade de forma sutil, assim como relatam Padden e Humphries (...). Por outro lado, temos um tipo de “ouvinte” que diferencia-se dos outros “ouvintes”, pois apesar dos filhos de pais surdos serem ouvintes, eles têm a experiência visual adquirida juntamente à comunidade surda e seus familiares. (SKLIAR, QUADROS, 2000, p. 44, grifos dos autores)

É comum haver uma dicotomia entre surdo/ouvinte em que os surdos se referem aos ouvintes como alguém que desconhece não só a língua de sinais, mas também a identidade surda e o traço diferenciado da cultura surda. Porém colocam os filhos de surdos, fluentes em língua de sinais, em uma categoria à parte, como um “híbrido” entre surdos e ouvintes. Isso é muito interessante, incluindo o dado de que entre 90 e 95 por cento dos casais surdos têm filhos ouvintes (PIZER, 2007, p. 126). Assim cai outro mito de que surdo gera surdo, uma pergunta muito comum feita a nós, filhos de pais surdos.

Desde muito cedo temos que ser intérpretes de nossos pais, porém não acredito que todos os casais surdos torçam para que seus filhos nasçam ouvintes para depois usufruir de tradutores *full time*, mas isso acaba sendo uma ordem natural, já que dificilmente um surdo encontra um atendente de banco ou médico fluente em LIBRAS. Muitos surdos usuários da língua de sinais, quando precisam se dirigir até um local público, precisam levar algum amigo que saiba LIBRAS, ou parente para poder serem compreendidos, ao passo que, quando um casal tem um filho ouvinte e este é fluente em LIBRAS, naturalmente ele será solicitado para este fim.

Sempre quando precisava ir ao banco ou médico, meu pai me pedia para acompanhá-lo. Isso era mais frequente quando eu tinha 8 anos de idade. Ele sempre me perguntava se eu teria alguma aula importante no dia e se não iria atrapalhar. Sentia-me importante por poder ser útil, mas na época eu não percebia algo que era muito peculiar. Não é comum que uma criança nesta idade saiba o saldo bancário do pai, o quanto ele ganha, entre outras informações que pertencem ao mundo dos adultos.

Um outro exemplo era a reunião de pais e professores na escola. Uma tia sempre acompanhava a minha mãe nessas reuniões, mas quando isso não era possível, era eu quem fazia esse papel. O ponto negativo era que eu ficava com as mães, pais e professores na sala de aula ouvindo os relatórios de cada um de nós enquanto os meus colegas estavam brincando na quadra. O ponto positivo era saber quem eram os pais dos meus colegas e saber o que a professora havia comentado de cada um. Várias vezes precisei falar para minha mãe que eu conversava muito em sala de aula e uma ou outra coisa pertinente à nota. A professora era muito expressiva, e minha mãe sempre possuiu uma certa leitura orofacial que não me permitia burlar muito aquilo que era real.

Isso mostra que os filhos de pais surdos, ao se depararem com um mundo não acessível para a pessoa surda, acabam tendo que acompanhar os pais em locais em que uma criança não teria a necessidade de ir, além de ter acesso a informações que não lhes seriam “convenientes”, caso os pais fossem ouvintes. Saber o saldo bancário do pai ou da mãe, ligar para um parente para avisá-lo sobre um problema grave de saúde ou assistir a uma reunião de pais e professores são ações que não deveriam, necessariamente, ter a participação de uma criança. Entretanto, no caso dos CODAs, isso é comum, o que lhes dá (entre os quais eu me incluo) uma responsabilidade precoce.

Certa vez minha mãe saiu de casa para visitar uma amiga e tardou para retornar para casa. Na ocasião eu tinha quatorze anos e minha mãe, cinquenta e oito. Por volta das vinte e duas horas e trinta minutos ela chegou em casa. Eu estava preocupadíssimo, porque o local onde morávamos era muito escuro e perigoso. Lembro-me de ter lhe dado uma bronca, dizendo: “onde já se viu, uma senhora na sua idade andando na rua a esta hora, é perigoso, você é surda, pode ser pega por alguém, e Deus me livre!”. Minha mãe ficou envergonhada e disse que não faria mais aquilo. O mesmo acontecia com o meu pai, quando demorava para voltar, porém por ele ser um pouco mais severo eu não me atrevia a tomar essa atitude, mas ficava muito preocupado, pensando que algo de ruim havia lhe acontecido. Acaba ocorrendo uma inversão de papéis em situações como estas. A ideia da incapacidade da pessoa surda ter autonomia acaba sendo refletida nos filhos ouvintes. Dependendo de como foi a participação dos parentes ouvintes na educação dos CODAs e as afirmações como: “seu pai não ouve, você precisa cuidar

dele” e “ele é surdo, não sabe fazer muito bem as coisas” acabam sendo absorvidas e assimiladas por nós. Desta forma, situações como as descritas acabam sendo comuns entre nós, filhos de surdos.

Os estereótipos das pessoas surdas enquanto deficientes, mutilados, inferiores, incapazes, sem linguagem... estão nas falas das pessoas, nos seus comentários, nas suas perguntas, nos seus comportamentos, enfim nas suas mentes. Os filhos de pais surdos passam a perceber tais estereótipos quando começam a interagir com os ouvintes. Eles sofrem e passam por crises de identidade, pois precisam entender as diferenças existentes entre ser surdo e ser ouvinte, entre ser surdo do ponto de vista surdo e do ponto de vista ouvinte com os seus estereótipos de surdez. (SKLIAR, QUADROS. 2000, p. 49)

Cabe à Comunidade Surda perceber essas situações e conscientizar-se de que cada idade tem o seu papel. Muitos filhos de surdos reclamam da responsabilidade à qual são submetidos desde muito cedo. Por outro lado, os surdos acabam não tendo outra alternativa a não ser levar os filhos para servirem de intérpretes nos locais em que as barreiras comunicacionais ainda não foram totalmente sanadas. Mesmo com as leis que determinam que haja pessoas que saibam comunicar-se com surdos nos espaços públicos, ainda estamos longe dessa realidade. Basta olhar para a televisão: quantos canais possuem toda a programação com o uso do *closed caption*¹⁶? Quantos programas contam com um intérprete de LIBRAS? Ou seja, ainda veremos por muitos anos os filhos de surdos tendo que servir de intérpretes para os pais, porque a sociedade ainda não é inclusiva.

Capítulo 3

¹⁶ Sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão, as quais têm como objetivo permitir que os deficientes auditivos possam acompanhar os programas transmitidos. Descreve além das falas dos atores ou apresentadores qualquer outro som presente na cena: palmas, passos, trovões, música, risos etc. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Closed_caption Acesso em 28.10.2012



Eu interpretando em sala de aula

3 – NÃO ESTOU SOZINHO: OS OUTROS FILHOS DE SURDOS

Por muito tempo achei que era o único que tinha pais surdos. Meus pais, depois que se casaram, afastaram-se da Comunidade Surda. Portanto, os únicos surdos com os quais eu tinha contato eram meus pais e uma amiga de minha mãe, uma simpática surda oralizada. Só conheci um outro filho de pais surdos quando comecei a trabalhar como intérprete. Foi uma alegria muito grande conhecer outros filhos de surdos, que compartilhavam das mesmas vivências e dificuldades que enfrentei, não por ter pais surdos, mas por viver em uma sociedade excludente.

Neste capítulo apresento um pouco da história de outros três filhos de pais surdos, moradores da região metropolitana de São Paulo. Foram escolhidos três CODAS, todos fluentes em LIBRAS desde criança e com os pais surdos usuários da língua de sinais. Os sujeitos pesquisados são: uma mulher de 30 anos, pedagoga e intérprete de LIBRAS, aqui denominada de Hermione; o segundo é um rapaz de dezoito anos, com Ensino Médio concluído, mas que não exerce a profissão de intérprete, a quem trato de Colin; o terceiro é um homem de 28 anos, profissional liberal que possui uma empresa que fornece serviços de interpretação para LIBRAS, a quem denomino de Simas.

A escolha destas três personagens se deu pelos relatos interessantes de vida e por serem pessoas do meu convívio social. As entrevistas foram feitas nas residências dos sujeitos e filmadas, devido a necessidade de conversar com os pais surdos, usuários da LIBRAS. Havia um roteiro de perguntas, mas conforme a conversa foi se desenvolvendo de modo informal, outras perguntas surgiram durante as entrevistas. Não foram entrevistados apenas os filhos de pais surdos, mas também os próprios pais. Conversei com a mãe de Hermione, aqui denominada de Lilian e com o pai de Colin, a quem chamo de Arthur. O depoimento dos pais de Simas acabaram não sendo incluídos, em função de não terem trazido questões significativas quanto às do próprio filho.

Usando os depoimentos dos sujeitos da pesquisa¹⁷ tomei a liberdade de transformar os relatos coletados em contos para uma leitura mais leve e descontraída, sem alteração dos fatos relatados. Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos sujeitos. O parecer do comitê de ética da Universidade

¹⁷ Cf. Apêndice

Metodista de São Paulo foi favorável à realização desta pesquisa, pois os indivíduos escolhidos são adultos e os possíveis riscos, embora possam existir, são mínimos.

3.1 HERMIONE

Lilian, uma mulher surda, estava casada há um ano e planejava ter um filho, mas não estava conseguindo.

- Acho que vou desistir! – disse à mãe.

- Calma, minha filha. Procure um médico, ele pode te ajudar.

Também pudera! Já fazia três anos que Lilian estava tentando engravidar e o tratamento médico não estava surtindo efeito. O doutor havia lhes falado que seria difícil ter um filho, já que possuía um útero infantil. Mas um dia...

- Mãe, estou passando mal... me leva para o médico.

Vários exames foram feitos em Lilian. Depois, o médico pediu para que ela retornasse dali três meses. Durante este período, ela começou a sentir enjoos, sonolência, e muita dor de cabeça. Retornou ao médico, fez outros e exames e veio o resultado: estava grávida.

Lilian voltou radiante e, em língua de sinais, disse ao marido, também surdo, que eles teriam um filho. James não cabia em si de tanta emoção, chegando a chorar de felicidade, mas se para um casal sem deficiência a vinda de um filho causa preocupações, o que dizer quando os pais são surdos?

Quando estava grávida de seis meses, Lilian começou a refletir em como seria o cuidado com o filho que estava esperando.

- Meu Deus, como vou ouvir o choro do bebê?

- Calma, minha filha, eu vou te ajudar. Depois que seu filhinho nascer eu vou cuidar dele junto com você – consolou a mãe.

Diante deste argumento, Lilian ficou mais tranquila. Passados os nove meses, a futura mãe ainda não sentia as contrações. A avó¹⁸ da criança, começou a ficar preocupada e entrou em contato com o médico. O casal foi até o hospital, junto com

¹⁸ Ouvinte.

a mãe de Lilian que serviria de canal de comunicação. Chegando lá, o médico perguntou sobre como Lilian estava se sentindo. Ela afirmou que estava tudo bem.

- Acho que meu filho deve estar com preguiça de nascer – brincou.

Então o médico pediu para Lilian retornar no dia seguinte, data provável do parto. Lilian e James retornaram para casa e no dia seguinte retornaram ao hospital. Ao chegar lá, Lilian foi submetida a alguns exames e o médico informou ao marido que a esposa teria que passar por uma cesárea. A mãe de Lilian estava acompanhando-a para que a comunicação ocorresse.

Na sequência, Lilian foi levada para a sala de cirurgia. Estava tranquila e logo dormiu durante o parto. E assim aconteceu: nascia Hermione, uma menina gordinha e bochechuda.

Durante quinze dias, a mãe de Lilian esteve presente nos cuidados da neta, uma vez que os pais eram inexperientes. Todas as vezes que Hermione se movimentava na cama, Lilian sentia uma certa vibração e logo acordava para cuidar da filha. Quando o casal e a filha foram para um apartamento próprio, Lilian colocou o berço da filha próximo da cama de casal. Assim, qualquer movimento de Hermione seria sentido.

Ao completar um ano e três meses, Hermione já havia percebido que os pais não ouviam. Então para chamá-los, ela os tocava, mexia na cama e pedia mamar fazendo sinais com as mãos. Ela jamais gritava para chamar a atenção dos pais.

- O que foi filha, o que você quer? - perguntava Lilian em sinais e oralmente, pois é uma surda oralizada.

Hermione sorria e logo Lilian se levantava para preparar a mamadeira. Era uma criança tranquila, que sempre ia dormir às 9 horas da noite e acordava às 4 e meia da madrugada, quando James ia para o trabalho. Ela nunca acordava durante o período de sono. Foi desta forma até Hermione completar dois anos.

Com um ano de idade Hermione já sabia fazer o sinal de “água”, mas usava mais a oralidade para comunicar-se com a mãe. A partir dos dois anos começou a usar mais a língua de sinais para comunicar-se, principalmente, com o pai, que não é um surdo oralizado. Como toda a criança, Hermione começou a imitar os pais na forma de oralizar as palavras, o que trouxe preocupação para a avó materna.

- Você precisa colocar a Hermione em uma escola, porque se não ela irá começar a falar como vocês, e isso não pode acontecer!

Com dois anos Hermione começou a ir para a escola. Lá ela achou tudo muito novo. Ela pensou “nossa, agora eu vou falar com a boca e não com as mãos”. Ela ia para a creche pelas manhãs e retornava por volta das 13 horas. Assim Hermione foi desenvolvendo as duas línguas simultaneamente: a LIBRAS em casa e a Língua Portuguesa na escola.

Quando Hermione era criança, uma amiga surda sinalizada passou a morar na casa de seus pais. Como não usava a oralidade, essa mulher começou a ensinar a LIBRAS de forma mais efetiva para Hermione. Ensinava alguns sinais diferentes e isso foi bom, pois tanto Lílian, quanto James precisavam cuidar da casa e trabalhar. Hermione perguntava muitas coisas para a mãe, como por exemplo fazer o sinal de “avô”, ou “casa”. Então, durante os seis meses que esta amiga conviveu com a família, foi ensinando vários sinais para Hermione.

A mãe de Lílian sempre a acompanhava quando ela precisava ir ao médico, mas aos dez anos de idade Hermione assumiu esse papel. Não só com a mãe, mas também saía junto com o pai.

- Filha, você precisa ir comigo à empresa na qual vou trabalhar.

- Mas pai, amanhã é a minha prova de recuperação! Seu eu não fizer esta prova, vou perder o ano todo!

- Eu sei, mas o trabalho é mais importante que a escola. E se eu não conseguir esse emprego, como vai ser?

- Mas pai, eu não posso!

- Você vai ter que ir!

Brava e contrariada, Hermione acompanhou o pai à nova empresa em que ele trabalharia. Ao chegar lá, a responsável pela contratação disse:

- O que você está fazendo aqui? Eu só disse para o seu pai vir porque iríamos mostrar o local em que ele vai trabalhar.

Por falta de informação e de comunicação em LIBRAS, Hermione voltou para casa sozinha de ônibus e foi reprovada na escola. Foram várias as vezes que ela

precisou servir de intérprete para os pais. Houve uma ocasião em que ela precisou ir até um orelhão com a mãe, por volta das dez horas de uma noite chuvosa para ligar para a avó materna, apenas para saber se estava tudo bem.

- Por que eu tive que ter pais surdos! – questionava-se Hermione.

Hermione observava as amigas brincando de casinha, mas por muitas vezes não podia juntar-se a elas por precisava cuidar dos pais. Lilian e James não assinavam nenhum documento sem antes a filha dar o aval de que poderiam fazê-lo. Mas essa responsabilidade tão precoce também lhe foi colocada pela família ouvinte.

- Hermione?

- Sim tio.

- Preciso falar com você.

- Pode falar.

- Quantos anos você tem?

- Doze.

- Pois bem. A partir de agora você é responsável pelos seus pais. Se acontecer alguma coisa com eles, eles são de sua responsabilidade.

Hermione pensou “Caramba, e agora! Tenho doze anos, e tenho que cuidar dos meus pais. E se acontecer alguma coisa com eles! E se eles morrerem?”. Mas com o passar do tempo ela começou a se acostumar com a ideia. Sempre que os pais precisavam fazer qualquer coisa que dependesse de comunicação com os ouvintes, lá estava Hermione servindo de intérprete e muitas vezes tomando as decisões.

James e Lilian, como qualquer outro casal, começaram a brigar muito. Ele era muito nervoso e ciumento. Por vezes ficava desempregado e acabava tendo acessos de raiva discutindo com a esposa, que até chegou a pensar em separação. A mãe de Lilian presenciou muitas discussões do casal e contou para o outro filho, ouvinte, casado e com filhos. Então a família reuniu-se e chamaram os três para conversar. Conversou com cada um em separado e por último chamaram a Lilian.

- Você e seu marido estão brigando muito, então vamos levar a Hermione para morar conosco, porque ela não tem que ficar presenciando as suas discussões com o seu marido e vai acabar tendo problemas psicológicos.

- Não! Ela é minha filha! Ela ficou nove meses na minha barriga e não na sua! Ela é o meu sangue, não vai morar com vocês!

Depois deste episódio, Hermione foi convidada a passar as férias escolares na casa desses tios, mas era obrigada a fazer serviços domésticos que nem mesmo a sua prima os fazia.

- Eu odeio limpar banheiro! – disse Hermione consigo mesma.

- Hermione?

- Sim tia.

- Você não acha a nossa casa legal?

- Claro.

- Então... se você morar aqui terá tudo isso. Nós lhe daremos roupas, brinquedos. Porque você não diz para os seus pais que você quer morar aqui conosco. Acredito que eles deixarão com toda a certeza.

- Vou pensar, tia.

Quando retornou para casa, Hermione relatou aos pais que fora feita de empregada ao ter que limpar a casa e o banheiro, e que os tios haviam tentado manipulá-la para se mudar de casa. Dá para imaginar qual foi a reação de James:

- Não! Você é minha filha!

Mesmo com essa insistência, os pais de Hermione foram irredutíveis e não permitiram que levassem sua filha para morar com os tios. Desta forma, o casal foi aconselhado a evitar as brigas e tudo correu normalmente depois. Com o passar do tempo, a família de Hermione começou a perceber que um casal de surdos podia cuidar de um filho. O pensamento da época, em que o surdo era considerado incapaz, suscitava atitudes como esta.

Na escola, Hermione apresentava algumas dificuldades com a Língua Portuguesa, por conta de pensar sempre na estrutura da LIBRAS.

- Hermione?

- Sim, professora?

- O correto é “eu vou para casa” e não “casa vou”. Não está certo.

Hermione gostava muito de conversar na sala de aula, o que fazia com que a professora sempre lhe chamasse a atenção. Nas reuniões de pais, era uma reclamação recorrente. Lilian ia a essas reuniões, mas nem a professora, nem os funcionários da escola sabiam comunicar-se com ela. Então, Hermione servia de ponte entre a professora e a mãe, e o que poderia ser algo difícil, acabava sendo uma vantagem. Isso aconteceu em uma reunião com a professora, a Lilian e a Hermione.

- Diga para a sua mãe que você conversa muito. – disse a professora.

- Hermione perfeita, não faz nada de errado – disse Hermione, sinalizando para a mãe.

Quando era uma questão de nota, não havia como burlar, porque Lilian acompanhava de perto a educação da filha, notando quando havia alguma queixa. Hermione dizia à mãe:

- A professora está mentindo. O outro menino conversa, mas a professora só briga comigo.

Em casa, Lilian gostava muito de assistir televisão com a filha, principalmente porque quando não conseguia entender o que estava acontecendo, perguntava a ela.

- O que ele falou?

- Ai droga, eu não quero falar em LIBRAS, eu estou assistindo televisão – pensava Hermione.

- Filha, o que ele falou? – perguntou novamente Lilian, tocando em Hermione.

- Matou todo mundo...

- O quê?

- Matou todo mundo.

- O quê.

- TODO MUNDO MORREU!

- Ah, entendi.

Hermione gostava de assistir o programa “Contos de Fada” que passava na TV Cultura. Mas era na mesma hora do jornal, então Lilian pedia para ela trocar de canal.

- Mas mãe, eu quero ver...

- Não, eu quero ver o Jornal.

- Tá bom.

- Interpreta para mim?

- Sim.

Tocou o telefone.

- Alô? – atendeu Hermione.

- Quem é? – Perguntou Lilian

- É para mim.

- Quem é? – Perguntou novamente Hermione.

- É para mim, mãe, dá licença, é particular – diz Hermione rindo.

- Você não me ama mais, não gosta de mim! – Lamenta Lilian

- Calma, depois eu te explico.

Algum tempo depois.

- Pronto, era uma amiga combinando para sair.

- Entendi.

Os dias foram passando. James ficou desempregado depois de ter trabalhado durante vinte e seis anos na mesma empresa. Procurou outro emprego, chegou a conseguir, mas logo foi desligado. Por conta desse vai e vem, a angústia ia tomando conta e ele acabava ficando nervoso.

- Cadê a Hermione, Lilian?

- Foi dormir na casa de uma amiga.

- Ah, está bem. Eu vou tomar banho.

- Ok.

Como James começou a demorar no banho, Lilian foi até o banheiro e viu o marido com as duas mãos na parede.

- Você está bem?

- Eu estou sentindo muita dor...

- Onde está doendo? – perguntou Lilian, preocupada.

- Vai se trocar.

Lilian saiu, e já com outra roupa viu o marido sentado no vaso e muito vermelho.

- Você está vermelho!

- Eu não consigo mexer este lado do corpo.

Neste momento Lilian começou a gritar, chamando a atenção dos vizinhos. Quando viram o que estava acontecendo, chamaram a ambulância, que levou James às pressas para o hospital. Feitos os exames veio a constatação: ele havia tido um AVC (Acidente Vascular Cerebral) popularmente conhecido como derrame. Em seguida, Hermione chegou no hospital.

- Onde ele está, mãe?

- Está lá dentro. O médico já virá conversar conosco.

Neste momento chegou o médico.

- Então doutor, o que ele tem? – perguntou Hermione

- Ele sofreu um AVC e está com morte cerebral.

- Ai meu Deus! – desesperou-se Hermione

- O que ele disse, filha!

- Papai morreu, mãe, ele morreu!

- Como assim!

- A cabeça dele morreu, o cérebro, entendeu mãe?

Lilian não entendeu muito o porquê deste acontecimento, já que seu marido era um homem forte e com saúde. Comunicaram o resto da família e no dia seguinte enterraram o corpo de James.

Passados alguns anos, Hermione começou a trabalhar como intérprete de LIBRAS em duas faculdades em São Paulo. Embora quisesse fazer fonoaudiologia, tornou-se pedagoga e hoje trabalha em um centro de ajuda ao trabalhador. E neste local ministra cursos de LIBRAS e ajuda aos surdos que se dirigem ao local para pedir emprego.

- Eu sou ouvinte e tenho o meu mundo. Só que o mundo do surdo também é o meu, porque eu nasci nesse mundo. Eu amo os dois, eu sinto necessidade dos dois, não saberia viver sem falar em LIBRAS e sem estar no meio dos surdos, assim como não consigo viver sem estar no mundo dos ouvintes, sem falar.

3.2 COLIN

Arthur estava ao lado de Molly, sua esposa, conversando em língua de sinais, afinal, os dois são surdos. Ela estava grávida.

- Estou muito feliz porque vamos ter um filho. Não importa se vai nascer surdo ou ouvinte. O importante é que será nosso e vamos criá-lo com muito amor – disse Arthur, radiante.

Assim, quando Colin nasceu foi uma festa. Arthur e Molly conversavam entre si em LIBRAS e com o filho, usando as expressões faciais e os sinais. Assim, Colin começou a perceber que os pais eram surdos.

- Veja Arthur, Colin já está usando as mãos para conversar com a gente! – disse Molly, com alegria.

Arthur era um homem criativo. Para que ele e a esposa pudessem acordar durante a noite quando o filho chorasse de madrugada, instalou um aparelho que acionava uma luz piscante quando ocorresse qualquer barulho. Quando Colin tinha nove meses, Arthur ensinou ao filho que, quando se fazia um barulho, a lâmpada deste aparelho piscava. Porém, houve um dia em que este aparelho quebrou. Colin gritava, chorava, chamava os pais, mas eles não acordavam. Próximo ao berço

havia uma cômoda cheia de perfumes de bebê. Colin não teve dúvidas, pegou esses objetos e começou a atirar na cama dos pais para chamar-lhes a atenção.

Logo Arthur e Molly tiveram um segundo filho, só que desta vez era uma menina. Quando esta chorava, Colin que já era um pouco maior auxiliava os pais. Não precisavam mais do auxílio do aparelho com lâmpada.

Os anos foram passando, Colin e a irmã foram crescendo e logo começaram a frequentar a escola. Quando estava na primeira série, o garoto começou a apresentar dificuldades na escola.

- O que está acontecendo com você, filho? – pergunta Arthur em LIBRAS.

- Eu não sei pai, estou meio confuso, aquele monte de pessoas falando ao mesmo tempo na escola...

- Olhe para mim, querido. Você se acostumou com uma família surda, usuária da LIBRAS. Faça o seguinte, divida o seu cérebro em duas partes: uma parte é ouvinte e a outra usa Libras. Quando você tiver alguma dúvida, não fique esperando. No mundo dos ouvintes os pais podem ajudar, mas para nós surdos é mais difícil.

- Está bem, pai.

Mas as situações não eram tão bem resolvidas desta forma. Os avós maternos de Colin moravam na casa da frente, e a interferência deles na educação dos netos era evidente. Com frequência, o menino ia até a casa dos avós, ficava durante muitas horas só retornando à noite, por muitas vezes. Arthur não gostava desta postura do filho, o que gerava conflitos. Os avós eram super-protetores, e devido à surdez da filha e do genro não acreditavam que eles fossem capazes de dar uma boa educação para os filhos.

- Molly, vamos nos mudar daqui. Seus pais interferem muito na nossa vida e não dá para continuar deste jeito.

- Eu fico triste, mas também acho. Quero ficar em paz com meu pai e minha mãe. E com você principalmente...

Colin gostava de recorrer aos avós para aconselhá-los, porque acreditava que poderia receber orientação para vida tanto dos pais quanto dos avós. Porém, Arthur começou a sentir-se incomodado com esta situação, com medo de perder o controle

e ver o seu filho obedecendo mais aos sogros do que a ele e à esposa. Então, Arthur pediu ao Colin que recorresse sempre a ele ou à esposa quando precisasse.

Houve um dia em que Colin não se sentiu muito bem, então Arthur o levou ao médico.

- O que o seu filho tem, Sr. Arthur?

Arthur pegou um pedaço de papel e escreveu que o filho teve febre durante a noite.

- Ah, o senhor não escuta... bem, e o que mais?

- Não entendi. – sinaliza Arthur para o filho.

- Bem, doutor, como meu pai escreveu, eu tive febre durante a noite. – Colin começou a explicar ao médico, dando todas as informações necessárias.

- Certo. Bem... então... darei estes remédios que estão anotados na receita – conclui o médico, que em seguida informa para Colin como ele deveria tomar os medicamentos. Durante este diálogo, o menino ia transmitindo ao pai as informações na língua de sinais. Os dois se despediram do médico e foram para casa.

Ao chegar à residência, Colin vai até a televisão que está transmitindo o jornal da tarde. Arthur senta-se ao lado do filho e pergunta:

- O que ele está falando?

- Um acidente que aconteceu em São Paulo...

- Só isso, não tem mais nada?

- É, pai, só isso – explica em língua de sinais.

- Não, eu vi ele falar um monte de coisas e você só diz isso?

- É que ele está repetindo, pai...

Tocou o telefone. Colin atendeu.

- Alô.

- *Boa tarde, aqui é do cadastramento da companhia telefônica, o Sr. Arthur está?*

- Meu pai não pode atender porque é surdo, eu posso ajudar?

- *Não teria que ser com ele mesmo. A sua mãe está?*

- Ela também é surda, moça, também não pode atender. Mas eu posso passar as informações...

- *Não, teria que ser com eles mesmo. Obrigado e tenha um bom dia.*

- Bom dia.

Algumas horas depois o telefone tocou novamente.

- Alô.

- *Boa noite, aqui é do recadastramento da companhia telefônica, o Sr. Arthur se encontra?*

- Só um minuto que vou chamá-lo. O pai! – Colin aguardou alguns segundos, pigarreou um pouco e imitou uma voz um pouco mais grossa.

- Boa noite, aqui quem fala é o Sr. Arthur, pode falar.

- *Boa noite, Sr, Arthur, eu preciso confirmar alguns dados do senhor para poder fazer o recadastramento da companhia telefônica. O senhor poderia estar confirmando, por gentileza.*

- Só um minuto, por favor – Colin chamou o pai explicando o que estava acontecendo. Arthur caiu na risada e entregou os documentos pessoais para que o filho passasse as informações para o atendente.

Hoje Colin é um jovem de dezoito anos. Toca violino e junto com a irmã, que é pianista, costuma dedilhar algumas músicas em eventos religiosos para os quais são convidados. É comum Arthur e Molly sentarem na sala de estar e observarem os filhos tocar os instrumentos que não podem ouvir, mas com um gesto comum entre os surdos que querem adentrar o mundo dos instrumentos musicais, Arthur e Molly levantam-se e colocam as mãos no piano da filha para sentir a vibração do som que imaginam estar acontecendo.

- Prefiro a família que tenho porque desde quando eu era pequeno eles mostraram que seriam os pais ideais para mim e para minha irmã.

3.3 SIMAS

Alice e Frank estavam namorando já há algum tempo. Ela, uma jovem surda que só se comunicava em língua de sinais e ele, um surdo oralizado. Certa vez, foram passear na praia, no litoral de São Paulo. Passados alguns meses, Alice percebeu que algo estava errado. Sua menstruação estava atrasada e logo procurou a mãe para explicar o que estava acontecendo.

- Mãe... – sinaliza Alice

- Diga, minha filha.

- Acho que eu estou grávida.

- Ai meu Deus!

Assim, Frank e Alice, um casal de surdos, casaram-se. Dali nove meses, nascia um lindo bebê ouvinte chamado Simas.

- Alice, eu acho melhor você e seu marido morarem comigo e com seu pai. Como você vai ouvir o seu filho chorando à noite?

- Está bem, mamãe, eu e o Frank aceitaremos.

Desta forma, Alice e Frank moravam na casa dos avós maternos de Simas. O recém-casal possuía um quarto só deles e os avós dormiam em outro. Simas dormia com os avós e quando precisava mamar durante a noite, chamavam Alice para amamentar o filho.

E assim foi ocorrendo a convivência. Simas foi crescendo e alguns anos depois Alice ficou grávida novamente, dando-lhe um irmãozinho. Mas a educação dos dois ficava a cargo dos avós. Quando ocorria alguma briga na rua com os meninos ou havia alguma reunião na escola, os avós maternos de Simas é que resolviam, principalmente a avó.

- Simas?

- Sim, vovó...

- Você precisa obedecer aos seus pais também. Nunca se esqueça que Alice e Frank são sua mãe e seu pai, entendeu?

- Eu entendi vovó.

- Pode ir brincar.

Alice tinha trauma da escola. Quando era criança, estudava em um colégio para surdos na cidade de São Paulo e uma professora a havia agredido. Nunca mais voltou, não concluindo o Ensino Fundamental. Como Frank trabalhava fora, a ajuda com o dever de casa dos filhos ficava sob a responsabilidade da avó. Um dia, os pais de Simas foram chamados para falar com a diretora, pois ele havia feito algo “errado” na escola. No entanto, quem foi até a escola, foi a avó.

- Desculpe-me, minha senhora, mas eu quero conversar com os pais de Simas, e não com os avós...

- Está certo, mas eles são surdos. Como é que você irá falar com eles?

- Bem... é... er... neste caso podemos falar com a senhora mesmo...

Em casa, a avó conversa com Simas.

- Eu sei muito bem que o seu pai poderia ir conversar com a diretora. Mas não é para você fazer nada de errado de novo, hein! Senão eu conto para o seu pai!

- Está bem vovó, não farei mais.

Simas nunca contava as peraltices que fazia na escola para o pai, porque sabia que iria levar uma bronca daquelas, pois Frank era muito severo. Sendo assim, sempre contava para a avó as coisas que fazia de errado. Houve ocasiões em que Alice ia junto com a mãe nas reuniões de escola para que a diretora constatasse que realmente se tratava de uma pessoa surda e que a comunicação deveria ser intermediada.

Um dia, Simas estava andando com a mãe em uma rua próxima a casa em que moravam, e ele ouviu as pessoas na rua dizendo “olha, o filho da mudinha”. Isso o deixou muito envergonhado.

- Puxa – pensou ele – meus pais não são normais. Os meus amigos têm os pais que são perfeitos e os meus não, eles mexem com as mãos.

Mas este pensamento não impedia que Simas levasse os amigos para casa para brincarem. Os amigos achavam interessante a surdez dos pais e todos eles conversavam com Alice, que é uma mulher muito extrovertida, sabendo se relacionar muito bem mesmo com quem não a compreende.

Uma novela muito interessante estava sendo transmitida e Alice e sua mãe estavam assistindo.

- Mãe – pergunta Alice – este é o vilão ou o mocinho?

- Esse é o vilão, o mocinho é o outro.

- Ah, entendi...

Simas entre na sala e começa a assistir televisão com a mãe e a avó.

- Fique aqui com sua mãe que eu preciso terminar de fazer o jantar.

- Esta bem, vovó.

- Filho, e essa moça na novela, quem é? – sinaliza Alice.

- Ela é a namorada do mocinho. E o outro quer namorar ela também e está fazendo coisas erradas para separar os dois. – explica Simas.

Neste momento, Frank chegou do trabalho e logo a novela terminou e começou o Jornal. Ele colocou o fone de ouvido para poder entender o que o jornalista estava falando, mas Simas continuou a traduzir para mãe o que estava sendo falado.

Os anos foram passando e Simas e o irmão tornaram-se adultos. Mas o tempo também passou para o resto da família e o avô dos dois começou a apresentar sinais de *Alzheimer*. Com o tempo, a doença foi evoluindo até que veio a falecer. Simas já estava com vinte anos de idade.

- Vó, eu me lembro que nós temos um jazigo em um cemitério na cidade, você tem a documentação?

- Não lembro, filho...

- Vó, eu também estou triste, mas eu preciso que você me passe essas informações para podermos dar andamento no velório do vovô. Venha, vamos até o seu quarto que eu te ajudo a procurar.

Assim, todas as providências para a exumação, o velório e o enterro foram tomadas por Simas. Alguns anos depois eles viveriam a mesma situação com a avó, mas como já tinham passado por essa situação, já sabiam exatamente o que fazer.

- Sabe – afirma Simas para um amigo – eu percebo que há pessoas que têm os pais ouvintes e têm a minha idade e não sabem resolver nada. Agora eu, como tive que tomar muitas decisões sozinho, já sei o que fazer. Veja agora como

consegui providenciar tudo para o enterro da minha avó. Acho que se eu fosse filho de pais ouvintes, jamais conseguiria.

Antes destes acontecimentos, Simas havia conseguido por indicação trabalhar como intérprete de LIBRAS em uma faculdade na cidade de São Paulo. Por ser filho de surdos e ter feito um trabalho de interpretação para o Governo do Estado de São Paulo, foi contratado imediatamente. Após alguns anos, foi desligado, podendo assim abrir a própria empresa que fornece serviços de interpretação em LIBRAS e consultoria na área de inclusão. Hoje é casado com uma intérprete de LIBRAS, mas ainda continua a cuidar dos pais.

- Se tivesse que escolher entre pais surdos e pais ouvintes, escolheria pais surdos, porque eu já convivi com isso.

Capítulo 4



Vavá (surdo), Alice (surda) , eu, Miguel (ouvinte) e Elaine (surda)

4 – FILHOS DE SURDOS LADO A LADO: ESTRATÉGIAS ENVOLVIDAS E DIREITOS REIVINDICADOS

4.1- O RELATO AUTOBIOGRÁFICO E HISTÓRIA DE VIDA

Nas aulas de Seminários de Metodologia de Pesquisa, realizadas durante o primeiro semestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, cujas aulas foram ministradas pela Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini, deparei-me com métodos diferentes de pesquisa: a autobiografia e a história de vida. Em um primeiro momento causou-me estranheza esta forma de investigação, escrita em primeira pessoa, tendo como eixo a própria trajetória formativa e isto servir como uma pesquisa científica. Ao mesmo tempo que causou estranhamento, trouxe-me uma possibilidade de discutir a questão dos filhos ouvintes de pais surdos, utilizando-me da minha trajetória de vida como pano de fundo para ilustrar as teorias presentes neste trabalho.

Pineau (2006) descreve os anos 1980 como a década em que o método de histórias de vida passou a fazer parte das discussões de teóricos das ciências humanas tornando-se algo cientificamente válido. Porém, ele alerta para um certo cuidado ao desenvolver esta modalidade de pesquisa.

As histórias de vida – Entrelaçadas a essas correntes do biográfico, autobiográficas e relatos de vida, nós assistimos à eclosão e ao desenvolvimento da corrente que se intitula história de vida para significar, primeiramente, o objetivo perseguido de construção de sentido temporal, sem prejudicar os meios. A determinação desse objetivo de construção de sentido temporal pela história de vida mobiliza alguns e imobiliza os outros. Ela abre um horizonte ambicioso que pode ser uma miragem ilusória. A perseguição desse limite, que recusa quando se avança, não se pode fazer sem riscos e perigos. Porém, essa busca parece inerente à pulsão vital. É por isso que ela se mobiliza explicitamente e gera uma corrente específica. (p. 341)

Ao usarmos o método de história de vida em um trabalho acadêmico, podemos fazer referência a diversos outros temas e trazer à discussão vários aspectos da sociedade, bem como políticas públicas que foram adotadas na época do relato. Um exemplo poderia ser a trajetória formativa de uma professora aposentada, que fez o magistério, trabalhou durante um tempo em escola pública e que nos últimos anos de sua carreira profissional precisou fazer um curso de Pedagogia para poder continuar exercendo a profissão. As reviravoltas e mudanças que aconteceram na vida desta professora podem trazer à luz decisões governamentais que foram tomadas na época em relação à educação, quando estava exercendo o magistério.

Os sujeitos constituem-se na diversidade e na diversidade de situações/experiências que as relações ocorrem no campo educacional, não se podendo excluir qualquer elemento da trama que o constitui. Todos os sujeitos são fundamentais, pois é do conhecimento da forma como vivenciam as relações que se pode apreender como a educação se configura em cada escola, em cada época, em cada contexto. (DEMARTINI, 2007, p. 4)

Ferraroti (1991, p. 172) também nos apresenta o método autobiográfico como um processo dialógico em que temos acesso ao universal e ao geral perpassando pelo relato individual. No nosso caso, os relatos de história de vida dos filhos ouvintes de pais surdos, bem como o relato autobiográfico, podem apontar características comuns em outras famílias nestas mesmas condições.

Mas como transformar a história de uma pessoa, anônima para a maioria da população, em conhecimento? A análise do relato biográfico não pode se ater apenas nos aspectos individuais, mas também levar em conta a coletividade. O relato perpassa pela construção e desconstrução do sujeito, de forma que este revive e reflete sobre a sua conduta de vida. O olhar para o “outro” também nos faz refletir, seja este relato no âmbito profissional, pessoal, educacional, etc.. (DEMARTINI, 2007, p. 6).

Abordar a vida de outros filhos de surdos, a maneira como foram educados, como era a vida escolar, qual o papel que os outros parentes não surdos tiveram na sua trajetória farão outros se identificarem com estes relatos. Mesmo que estas histórias sejam ultrapassadas pelo tempo, serão um objeto de estudo de grande valor, porque um pesquisador do futuro poderá olhar para este material e observar quais medidas sócio-políticas e educacionais foram tomadas nesta época.

Outros benefícios que este método pode trazer é a mudança de políticas públicas, principalmente no que diz respeito à Comunidade Surda. Os membros deste grupo sofreram (e sofrem) discriminação por parte da sociedade, ora por desconhecer a particularidade deste grupo, ora por acharem que são pessoas incapazes, de acordo com o senso comum. No passado estes indivíduos tiveram o direito de usar a sua língua materna negado, e por conseguinte, os filhos dessas pessoas presenciaram muitas situações em que o direito de seus progenitores era negligenciado. Ao contar a sua história por meio de relatos autobiográficos e reviver situações e, por consequência, estes textos, ao serem colocados em um trabalho acadêmico, podem desmistificar os conceitos que o senso comum possui sobre os surdos, bem como a queda de mitos em torno dos filhos dessas pessoas. Um grupo

de pesquisadoras da Universidade de São Paulo, por meio de um estudo feito com professores, apresentam a importância desse método.

A proposta de trabalhar na produção/análise de relatos autobiográficos da formação intelectual (ou “histórias da vida escolar”) – textos que os mestres constituem para dizer de si próprios e a si próprios – antes de mais nada, parece possuir como recurso metodológico um potencial de compreensão bastante fecundo. Ao serem trabalhados, esses relatos favorecem o redimensionamento das experiências de formação e das trajetórias profissionais e tendem a fazer com que se infiltrem na prática atual novas opções, novas buscas e novos modos de conduzir o ensino. (CATANI *et al.*, 1997, p. 18)

Quando alguém conta a sua própria história, os medos, os anseios, os sonhos, as frustrações, entre outros aspectos, tornam algo interessante para o outro que deseja saber um pouco mais sobre esta pessoa. Existe uma proximidade, um interesse, principalmente se este “outro” possui uma história de vida parecida com quem se aproxima.

Conforme relatei neste estudo, na infância achava que era o único filho de surdos. Quando cheguei na idade adulta e comecei a trabalhar com pessoas surdas, conheci outras pessoas como eu e me senti compelido a conhecer suas histórias. Neste processo surgiu um documentário para o curso de graduação em Jornalismo e agora esta dissertação de Mestrado em Educação.

4.2 AS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS

A seguir são analisadas as entrevistas coletadas para elucidar as peculiaridades nas vivências dos filhos de surdos. Para tanto, é utilizada a análise de conteúdo, apresentada por Bardin (1977), Demartini (2010) e Queiroz (2008).

A metodologia de analisar o texto ou um discurso escrito (ou falado) já faz parte do cotidiano da humanidade desde a Antiguidade. Os textos sagrados eram decifrados para que os fiéis desta ou daquela religião pudessem entender o que Deus (ou deuses) estava dizendo. Na primeira metade do século XX, o departamento de ciências políticas dos Estados Unidos destacou pessoas para analisar o conteúdo de jornais que circulavam durante a Segunda Guerra Mundial para detectar se alguns deles continham propaganda subversiva (principalmente

nazista) no conteúdo publicado (BARDIN, 1977). Porém, já haviam técnicas elaboradas pelos linguistas para a sistematização deste processo.

Neste trabalho é utilizada como instrumento de análise dos dados coletados a análise categorial que:

Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou *análises temáticas* (grifo do autor), é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977. p. 153)

Para o desenvolvimento deste texto não foram entrevistadas apenas pessoas ouvintes, mas também os surdos. É possível fazer uma análise do discurso de uma pessoa surda? É óbvio que sim, uma vez que a língua de sinais é bem estruturada e com regras próprias. O sinal feito pelo surdo é uma palavra, feito pelo viés visual-motor, mas ainda assim é uma palavra. Por muito tempo os surdos não eram ouvidos e, quando queriam reivindicar algo, não eram compreendidos. Torna-se então importante dar voz àqueles que eram privados de ser protagonistas de suas vidas, inclusive do direito de serem pais.

(...) a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por F. de Saussure, a lingüística não procura saber o que significa uma parte, antes tentando descrever quais as regras que tornam possível qualquer parte. A lingüística estabelece o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis. (*ibid.*, p. 43)

A análise de conteúdo também passa pela inferência. Toda e qualquer pessoa que queira fazer uma leitura mais crítica daquilo que lhe é apresentado irá tentar decifrar o que “está nas entrelinhas”, saber o que o autor daquele texto ou o falante daquele discurso queria realmente dizer. A fala não é apenas um processo mecânico em que se articula bem as palavras e o som é emitido e compreendido, ou uma união de expressões faciais e a construção de um sinal, quando um surdo está falando. Há uma intenção em cada palavra dita ou sinalizada, um processo cognitivo em que o emissor procurou escolher determinado item lexical para exprimir o seu pensamento (ou justamente escondê-lo). A mensagem, seja ela oral ou sinalizada, pode nos revelar muito sobre o seu autor. O que ele quis dizer com essa frase? Mas

os questionamentos não cessam apenas com essa pergunta. Bardin (1977) usando o exemplo da análise da obra do escritor Honoré Balzac e de outros discursos afirma que:

As questões precedentes, uma vez resolvidas, devem ser, no entanto, seguidas de outras interrogações: o que é que o vocabulário de Balzac, nos revela sobre o autor ou sobre os leitores? Em que medida é que o comprimento das frases de um discurso político, nos informa sobre a segurança do orador? Qual será a presumível acção sedutora da retórica publicitária, sobre os consumidores visados? Quem diz o quê a quem – e com que grau de consciência da mensagem, enquanto mensagem emitida e recebida – pelo vestuário? Quais são os objectos-sinal, ou conjuntos de objectos-sinal, que exprimem uma determinada classe social, sendo decifrados por uma outra classe? (p. 135)

Nesta pesquisa a opção foi por colocar nas categorias os relatos reais transcritos, os quais poderão ser consultados no apêndice. Desta forma ficou mais coerente verificar o relato na voz do sujeito que foi entrevistado para poder ser feita uma análise mais próxima daquilo que foi realmente falado. Segundo Queiroz (2008), é possível analisar partes de um documento, ou uma declaração, para se ter uma melhor compreensão do todo.

Por análise, no sentido operacional do termo, entende-se o recorte de uma totalidade nas partes que a formam, que são então apreendidas na seqüência em que se apresentam, para, num segundo momento, serem restabelecidas na sua coexistência. Num e noutro momento, isto é, na decomposição e na subsequente recomposição, obedece-se rigorosamente às relações existentes entre estas partes. Admite-se que este desfazer de um objeto segundo uma marcha específica, seguido de um refazer em ordem diferente (pois no primeiro momento a ordem é de sucessão e, no segundo momento, a ordem é de simultaneidade), permite chegar a uma compreensão mais profunda de seu sentido, a uma avaliação mais clara de suas qualidades. (p. 121)

Para este trabalho também foi preciso olhar para mim mesmo, remexendo em lembranças que há muito tempo estavam guardadas. Afinal, sou filho de surdos e existem aspectos em minha trajetória de vida que são comuns aos outros CODAs. Por isso a necessidade do relato autobiográfico para mostrar estas características.

Narrar a própria existência consiste numa autobiografia, e toda história de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nessa categoria tomada em sentido lato. Mas no sentido restrito a autobiografia existe sem nenhum pesquisador, é essa sua forma específica. É o narrador que, sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita, quer o gravador. Foi ele também que, por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu e, se utilizou o gravador, não raro ele mesmo efetua em

seguida a transcrição, ou pelo menos a corrige. (QUEIROZ *apud* DEMARTINI, 2010, p. 135-136)

Foi possível ainda, nesta forma de investigação, contar a minha própria história de vida sem ter a presença de um terceiro para intermediar o que eu estava falando ou escrevendo. Como pesquisador, tive o privilégio de poder saber que caminho traçar ao entrevistar os outros filhos de surdos e seus pais, porque já havia vivido situações semelhantes.

Sendo assim, para compreendermos aspectos que são comuns entre os filhos de surdos que foram entrevistados para este trabalho, estes aspectos foram divididos em algumas categorias de análise, comparando a situações pelas quais vivenciei com a experiência dos outros CODAs, que são apresentadas a seguir

4.3 OS SURDOS E O DIREITO DE SEREM PAIS

Um dia eu estava brincando no quintal de minha casa. Na casa da frente morava um casal de tios meus com seus três filhos adolescentes. Ao meio, meus avós paternos viviam em um quarto com banheiro, e ao fundo morava eu, meu pai e minha mãe, em uma casa de três cômodos.

Ouvi um carro chegar e logo percebi que se tratava do irmão do meu pai, junto com a esposa e seus dois filhos, também adolescentes. Fiquei feliz, porque gostava da família reunida. Minha mãe me chamou, com um semblante triste. Levou-me até ao banheiro, me despiu e começou a dar-me banho na minha banheirinha azul. Eu queria perguntar para ela, com os poucos sinais que eu sabia, porque ela estava triste, mas hesitei. Afinal eu tinha três anos, havia coisas que ainda não entendia.

Depois disso, minha mãe me enxugou, me colocou uma roupa “de sair”, pegou uma mala onde estavam algumas roupas minhas. Eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Fui colocado no carro dos meus tios e conduzido até a casa deles. Até aquele momento achei que era apenas um passeio, e que logo retornaria para a minha casa. Mas cheguei na nova casa, um sobrado enorme em São Caetano do Sul. Mas sentia falta de alguém... sentia falta de duas pessoas naquele lugar... olhei para minha tia e disse “eu quero a minha mãe” e comecei a chorar. Minha tia me pegou no colo, com carinho, e disse que logo eu os veria, mas que iria morar com eles para poder estudar.

Este é mais um trecho de minha história, que trouxe para fazer a comparação com os outros sujeitos que foram entrevistados. É evidente que eu, Hermione, Colin e Simas temos histórias de vida diferentes, mas analisando as declarações dos três, havia sempre uma preocupação por parte da família ouvinte se realmente os casais surdos seriam capazes de criar e educar os filhos ouvintes com autonomia.

A incapacidade é um termo que por muito tempo foi atribuída à pessoa com deficiência. Se uma pessoa que se locomove em uma cadeira de rodas se depara com uma escada, ela é tida como incapaz de subir até o pavimento superior. Hoje, segundo a Organização das Nações Unidas, o conceito mais aceito é a incapacidade compartilhada, presente nas relações. Esta mesma escada diante deste mesmo cadeirante ainda é um obstáculo, porém se houver uma rampa ou um elevador, esta pessoa será capaz de subir até o pavimento superior. A incapacidade deixa de existir.

Cabe comparar estes aspectos com a pessoa surda. É evidente que a maioria da população desconhece a LIBRAS. Um surdo é incapaz de se comunicar com um ouvinte, mas este ouvinte também é incapaz de conversar com o surdo, se não conhecer a língua de sinais. Contudo, a partir do momento em que este ouvinte passa a dominar a LIBRAS, ou o surdo passa a dominar a Língua Portuguesa na sua modalidade escrita, a incapacidade de comunicação deixa de existir.

Há alguns anos o surdo era considerado incapaz de ser uma pessoa autônoma. Muitos até lhe atribuíam uma deficiência intelectual por conta da surdez. Então, como um ser incapaz poderia tornar-se pai ou mãe?

Em todos os relatos dos outros sujeitos, os avós eram pessoas que estavam sempre presentes nas decisões e no aconselhamento destes casais surdos no que diz respeito à criação e à educação dos filhos. As entrevistas demonstram essa característica de forma significativa:

Minha bisavó pediu para que eles morassem juntos [com meus avós] para não ter dificuldade de pais surdos ter um filho ouvinte chorando a noite, precisando dar de mamar, dar comida. Então eles [meus pais] começaram a morar juntos com meus avós, depois disso o meu pai e minha mãe tinham o quarto deles e eu ficava sempre no quarto dos meus avós, porque quando eu chorava a noite a minha avó que me pegava me faziam dormir e quando eu queria mamar eles iam até o quarto da minha mãe chamavam a minha mãe e davam de mamar para eu dormir. (Simas)

Na minha infância é...primeiro. Pra saber que meus pais eram surdos eu tinha meus avós próximo a mim. Daí eles de vez em quando interpretavam

e explicavam que eram surdos, aí conforme o tempo fui aprendendo a falar em Libras e normal também por causa de meus avós. (Colin)

Meus avós incentivaram minha mãe a me colocar eu uma escola cedo, eu fui pra escola com dois anos pra ter contato com outras pessoas, pra aprender a falar porque a minha avó logo soube que se eu convivesse muito com meus pais eu ia acabar não sabendo falar português. (Hermione)

A preocupação com a surdez fazia com que os avós ficassem muito próximos dos filhos surdos para ajudá-los na criação dos netos. A preocupação em “será que eles vão ouvir o choro do bebê”, ou “será que meu neto irá aprender a falar” são muito comuns. No meu caso não foi diferente. Como já mencionei, minha casa era no mesmo local em que meus avós viviam e a presença deles era constante em minha educação. É preciso haver um certo cuidado quando se trata dos limites entre a ajuda e a intromissão. Uma mulher ouvinte, mãe de “primeira viagem”, com certeza contará com o apoio da mãe para cuidar do filho recém-nascido, e acontecerá o mesmo em relação à mãe surda. A mãe de Hermione passou por uma situação semelhante.

Quando estava de seis meses, fiquei pensando como eu sendo surda iria ouvir o choro de meu filho. Minha mãe me disse para eu ter calma, que quando ele nascesse e chorasse ela me ajudaria. Fiquei com medo, éramos pois de primeira viagem, tinha medo que meu filho morresse. (...)

Mais ou menos com 3 meses ela se mexia no berço e eu [acordava] e dava de mamar. Com 1 ano 3 meses não tinha mais leite. Ela não gritava para nós, ficava se mexendo, fazendo a cama vibrar. Ficava pulando no berço, ela gostava disso. Ai eu dizia “O que foi filha? O que foi, quer pegar?” Ela ria, era um sorriso lindo, com covinhas. Eu dizia para ela esperar e fazia a mamadeira dela. Depois disso ela dormia. Até os dois anos foi assim. Ela sempre dormiu a noite toda, das 9 da noite até as 4h30 ou 5 horas. Nunca acordou, porque meu marido acordava às 4 para ir trabalhar, aí ela acordava junto. Ela vinha, ficava no colo, mamava e dormia.¹⁹

Esta preocupação com certeza acomete os pais surdos de primeira viagem. Mas é interessante notar que estes casais buscam estratégias para burlar a limitação que a surdez impõe. O pai de Colin descobriu uma maneira muito interessante de poder acordar quando o filho chorava de madrugada.

Comecei a mostrar a ele que próximo à cama havia uma lâmpada que acendia quando se gritava. O Colin começou a perceber isso. Depois de um tempo, numa madrugada esse aparelhinho quebrou. Ele gritava, chamava,

¹⁹ Tradução do autor.

*começou a se mexer no berço. Pegou a chupeta e começou a jogar em nós. A chupeta caiu no colo da minha esposa, que viu o Colin sorrindo.*²⁰

Os casais surdos criam estratégias para atender as necessidades que o mundo dos sons lhes impõe, e da mesma forma os filhos de pais surdos também criam estratégias para chamar a atenção dos pais quando isso é necessário. A criança ouvinte percebe quando seus pais são surdos, então, ela mesma se adaptará para lhes chamar a atenção sem usar o recurso do som.

Por vezes há uma tentativa de não permitir que os pais surdos exerçam o seu papel de educadores, pois os avós ouvintes acabavam tomando a frente em papéis que deveriam ser exercidos pelos pais.

Meus avós é que diziam para mim, assim, não faça isso, não faça aquilo. Toda criança tem aquele seu tempo de querer ficar à noite na rua para jogar bola, fazer isso, fazer aquilo. Com meus pais eu nunca tinha essa atitude de “não, você vai chegar a casa 10 horas”. Então a minha mãe ia me buscar a noite na rua, mas porque minha avó falava “vai lá buscar o Simas”. (Simas).

Meus avós são super protetores por que, por exemplo: eles antes achavam por meus pais não ouvirem não iam conseguir dar conselhos de escola e outras coisas, já houve até problemas com isso. Daí a gente teve até que se mudar por causa que meus avós eram muito, mas muito super protetores em questão de estudo e vida pessoal, social. (Colin).

O simples fato de não ouvir, na concepção de alguns, impede que se exerça o papel de pai e mãe de forma coerente e normal. Ocorre uma interferência do ouvinte nesta relação. Perlin (1998) chama de ouvintismo este processo de podar a autonomia do surdo por parte dos ouvintes.

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda idéia é de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder do ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. (PERLIN, 1998, p. 58)

Não quero discutir a dicotomia surdo/ouvinte/deficiente auditivo, mas sim, mostrar que há uma relação forte de poder entre os avós ouvintes e pais surdos, que

²⁰ Tradução do autor.

acabam interferindo nas relações familiares. À quem o filho de surdos deverá obedecer? Aos pais ou aos avós (ou aos tios ouvintes) ? Quem é autoridade no lar? Quem responde pelos atos dos filhos ouvintes de pais surdos?

...eu tinha sim a obediência aos meus pais, porque eu sempre cresci sabendo que eles eram os meus pais como eu sabia da deficiência deles da audição e eu sabia também da dificuldade que a minha mãe teve por não ter uma escolaridade e meu pai sempre trabalhou. Ele tinha o salário dele tranquilo, mas a gente sempre devia a obediência aos meus avós. (Simas)

No começo eles achavam bom, por causa que recorrendo aos meus avós eu aprendia com eles eu estando em casa aprendia com meus pais. Mas se eu continuasse nisso ia virar uma rotina, sempre eu recorrendo a meus avós e daí então meu pai achou melhor que eu não recorresse a eles mas sim, aos meus pais. (Colin)

Eu, quando criança, não sabia a quem obedecer. Os meus avós e um casal de tios meus moravam próximos a mim e acabavam interferindo na minha educação. Minha mãe me conta que certa vez, em uma manhã de inverno rigoroso em São Paulo, ela precisava ir até a padaria pela manhã para preparar o café. Meu pai já havia saído para trabalhar e ela estava sozinha comigo em casa. Na época eu tinha apenas um ano de idade. Ela conta que me agasalhou muito bem, colocou cachecol, touca, blusa, meias, luvas e saiu comigo. Ela estava dobrando a esquina quando deu de cara com a minha tia, irmã do meu pai, que estava voltando para casa. Esta minha tia achou um absurdo a minha mãe estar saindo comigo naquela manhã fria, me tomou dos braços e me levou de volta para casa. Minha mãe, triste, foi sozinha até a padaria e voltou para casa, sem antes passar na casa da frente para me buscar. Isso demonstra que a surdez carrega um estigma de incapacidade de tomar as decisões consideradas corretas.

Desde de que os seres humanos resolveram viver em sociedade e constituir famílias para se proteger de ameaças, é natural que os casais tenham desentendimentos durante o casamento. Também é natural que o conflito surja. Fazendo um recorte, sempre em minhas aulas me deparo com dúvidas dos alunos que, ao verem dois surdos conversando, acham que estão brigando. Talvez isso aconteça por causa do movimento rápido com as mãos e o uso de expressões faciais que causem esta impressão. Voltando a falar de casais, um casal de surdos brigando deve assustar aqueles que desconhecem as questões da surdez. Hermione quase foi retirada de sua família por conta dessa impressão.

...meus pais sempre brigaram. Não existe casal que não brigue, mas eles brigavam bastante e eu presenciava bastante a discussões deles. Minha mãe contava pra minha avó o que se passava, às vezes a discussão era até na frente da minha avó. Minha avó foi e contou pro meu tio e minha tia. E um dia eles chamaram todo mundo, nós três pra conversar. Conversou com cada um em separado. Depois colocou cada um frente a frente e falou olha: “ Eu vou levar Hermione pra minha casa e a Hermione vai morar comigo. Ela não tem que passar por isso. Ela vai ficar com problemas psicológicos e eu vou levar a Hermione pra morar comigo” (Herminone)

Então quer dizer que qualquer casal com filhos que brigue deverá entregar os seus filhos para a adoção, porque trará problemas psicológicos para a criança? Acredito que se o casal em questão fosse composto por dois ouvintes, a máxima popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher” seria obedecida. Novamente vemos o ouvintismo presente no discurso e na ação de alguns familiares que não confiam na autonomia dos surdos em serem pais. Mas é evidente que os filhos ouvintes podem ser educados pelos pais surdos sem que isso traga prejuízos em sua formação. Como afirmou Colin: “Ah! Conselhos é sempre ou recorro a meu pai por causa que ele tem muita experiência de na escola essas coisas, por exemplo: Meu pai...é...é meu pai tem mais experiência mesmo.” (sic)

O mais interessante diante deste quadro é que, mesmo com as tentativas de “poda”, alguns surdos conseguem se impor quando o direito de serem pais é usurpado. A mãe de Hermione em seu relato nos traz um exemplo:

Ela é o meu sangue, saiu de mim. Ela é minha. Isso causou briga, confusão, ela não podia ter visto isso, como iria crescer com isso. Ela poderia ter problemas. Eu disse que não, vocês não mandam em mim. Nos orientaram então a não brigar mais e também não deixá-la sair para passear. Eu disse que não, que isso era bom deixar as pessoas conhecer os locais, aprender! A minha mãe disse que não, que não poderia. Não estava nem aí, fingia que aceitava as ordens dela, mas quem manda na minha família sou eu.²¹

Foi assim com meu pai. Quando ele foi me visitar no dia em que não era o combinado e diante da negativa de minha tia, ele percebeu que algo estava errado.

Então, quando minha mãe adentrou o quarto no qual eu costumava dormir, pulei em seu colo, o lugar mais maravilhoso que um filho pode ter. Pegaram as minhas coisas, entramos no carro de uma outra tia minha fomos para a minha

²¹ Tradução do autor.

verdadeira casa. Lembro-me de observar os prédios da cidade, deitado no colo de minha mãe. De tempos em tempos ela me perguntava, com um sorriso: “quem é a sua mãe? Eu ou a sua tia? Eu, com uma vergonha, um sentimento estranho de culpa que não sei explicar respondia: “É você, mamãe”. Eu nunca tive dúvidas disso.

4.4 O FILHO COMO “INTÉRPRETE” DOS PAIS

Estava sentado no sofá. Já havia jantado e minha mãe estava ao meu lado. Estávamos assistindo a novela “Top Model” da Rede Globo. Nesse momento meu pai havia chegado do trabalho. Já estava começando o Jornal Nacional. Cid Moreira, com aquela voz inconfundível, havia dado o costumeiro “Boa Noite”. Em seguida, uma notícia sobre um país da Europa que havia derrubado um muro muito importante. Meu pai me perguntou “o que ele falou?”. “Muro” eu respondi. “Alemanha, derrubar”, sinalizei e falei ao mesmo tempo.

É muito comum que nós filhos de surdos tenhamos de ser “ouvidos de nossos pais”. Algumas pessoas quando nos conhecem e descobrem que somos filhos de pais surdos logo exclamam “você tem uma missão na Terra: ser ouvido de seus pais”. Não creio que seja uma missão, mas por conta de uma necessidade, nossos pais acabam precisando recorrer a nós para resolver alguns assuntos que envolvem a comunicação com outros ouvintes.

Vale imaginar, uma situação hipotética, em que em todas as escolas do Brasil, sendo elas privadas ou públicas, o ensino da LIBRAS seja obrigatório. Desde a Educação Infantil as crianças, sejam elas surdas ou ouvintes, aprendem tanto a Língua Portuguesa quanto a língua de sinais. Seria como na Suíça, onde há quatro idiomas oficiais (alemão, francês, italiano e romanche). Será que um surdo teria problemas para ser atendido em algum espaço público? Dificilmente isso aconteceria.

Porém, este mundo ideal ainda não existe. Se um surdo não levar um intérprete em determinados locais em que a comunicação é um pouco mais complexa (bancos, hospitais etc.) dificilmente será entendido. Desta forma, quando um casal de surdos tem um filho que é ouvinte, com certeza ele servirá de intérprete em alguma ocasião.

Em alguns casos como por exemplo, cadastramento por telefone, aí de vez em quando tive que fingir ser o meu pai, falando com voz mais grossa, entendeu? (Colin)

Eu tinha dez anos, dez ou onze anos de idade, lembro que eu morava em Itaquera e eu estudava lá na Liberdade então tinha que acordar muito cedo e meus pais...meu pai não, mas minha mãe me acordava dez horas da noite, imagina um temporal, você está quentinha na cama sua mãe vem te arrancar da cama pra ligar pra sua avó pra perguntar se ela está bem. Caramba! Essa ligação poderia esperar pra amanhã, né. (Hermione)

A minha mãe assiste novela como todas outras mães e quem traduzia para ela era a minha avó, mesmo minha avó não sabendo LIBRAS. Minha avó morreu não sabendo LIBRAS. Só que eles tinham aquela comunicação familiar,(...) ela traduzia para minha mãe e às vezes também quando eu estava junto minha mãe perguntava o que estava acontecendo [na TV],o que tava falando ai eu ia lá e traduzia. (Simas)

Como o mediador dos pais, o filho de pais surdos terá acesso a informações que não lhe seria pertinente se os pais ouvissem, ou se os espaços públicos fossem acessíveis para o surdo. Que criança de oito anos sabe a senha do banco do pai? E aqueles assuntos familiares em que as crianças são poupadas, mas que o CODA precisa saber para comunicar aos pais?

Nem mesmo a mídia é acessível ao surdo. O *closed caption* não é totalmente eficaz porque nem todos os surdos conhecem o português corretamente. Então mais uma vez cabe ao filho de surdos traduzir o que se passa na televisão.

Desde criança eu assistia ao Jornal junto com meus pais. Quando uma notícia interessava ao meu pai vinha a pergunta “o que ele falou?”. Então eu passava resumidamente o que o locutor estava noticiando.

Hermione também era uma “teleintérprete” da mãe para explicar o que se passava na televisão.

Toda hora ela perguntava: o que falou? Quem falou? Aí eu ficava, falava calma só que eu não queria falar em Libras porque estava assistindo televisão. Ai eu falava assim: Matou todo mundo! Matou tudo! (...) Eu gritava, e ela dizia ai entendi...Eu ficava brava com isso porque eu tinha que repetir três, quatro vezes e ela só entendia quando eu gritava. Eu fazia muito rápido [os sinais] e ela queria que eu fizesse muito devagar e não tenho muita paciência pra falar devagar. Eu tenho que falar normal ou rápido. E olha tudo, tudo, tudo até hoje português direito toda hora ela vem me perguntando o que e o que ele falou, o que é isso? Esse caso da Isabela...o que é condenado? Eu tive que explicar o que é condenado.

Existem alguns programas de televisão que contam com a interpretação em LIBRAS, porém trata-se da TV Senado, com uma programação que pouco interessa aos surdos. Então o acesso à comunicação televisiva fica restrito, embora os surdos a assistam, por conta de sua linguagem visual. Há iniciativas na internet, como a ONG Voz da Voz²² que transmite o Telelibras, um jornal que consiste em ter um jornalista falando em português e um intérprete de LIBRAS. Eu tive o privilégio de atuar nas duas funções nesta instituição, antes de assumir a docência.

Enfim, por conta da inacessibilidade de diversos setores, sejam eles públicos ou privados, o surdo acaba precisando solicitar ao seu filho ouvinte serviços de interpretação quando precisa ir a locais onde não há intérpretes ou pessoas com o conhecimento mínimo de LIBRAS.

Cid Moreira e Sérgio Chapelin despediram-se com o mesmo “Boa Noite”. A novela que viria a seguir era Tieta. Eu e meus pais não perdíamos nenhum capítulo. Já se inicia a cena com a personagem Perpétua dizendo barbaridades para a empregada. “O que ela falou?”, pergunta a minha mãe para mim. “Ela brigar empregada... falar ela burra, não saber nada”, respondo. Eu tinha oito anos de idade.

4.5 OS FILHOS DE SURDOS NA ESCOLA

A aula já havia acabado, porque naquele dia haveria reunião de pais. Estava na porta da escola aguardando minha mãe chegar. Passados alguns minutos avistei uma senhora de cabelos brancos subindo a rua. Fui ao encontro dela e subimos os dois para a sala na qual eu estudava, a oitava série B. Ela sentou-se em uma carteira, e eu ao seu lado. Minutos depois a minha professora de matemática, que era a coordenadora de minha turma, adentrou a sala e começou a reunião. Neste momento eu ia passando as informações para minha mãe em sinais.

Sempre que algum parente não podia acompanhar a minha mãe ou o meu pai nas reuniões pedagógicas da escola, eu acabava servindo de intérprete a eles. Isso

²² www.vezdavoiz.com.br

é comum entre os filhos de surdos justamente por conta de não haver pessoas que saibam a língua de sinais nas escolas. Hoje, por conta das políticas de inclusão e da obrigatoriedade do ensino da LIBRAS nos cursos de licenciatura, já é possível encontrar pessoas que consigam comunicar-se com o surdo se eventualmente ele aparecer na escola, porém muitos não são fluentes. Mas quando isso não ocorre, o próprio filho acaba acompanhando os pais nessas reuniões para servir de apoio na comunicação com o professor. Hermione e Colin viveram essa situação de serem mediadores dos pais e dos professores:

...dependendo da situação eu não falava não. Eu era muito bagunceira gostava muito de conversar. Eu adoro os dois mundos. Eu adoro falar, então eu falava muito, aí a professora chamava minha mãe pra conversar e eu traduzia "a Hermione perfeita". Agora se era questão de notas acabava falando mesmo porque minha mãe acompanhava. Eu falava a professora está mentindo. Porque outro aluno conversa e ela não briga; só comigo. Aí minha mãe achava que era marcação...(risos) A....mais eu era pequena não tinha como fazer o contrário...(risos)... (Hermione)
...quando tinha que conversar com a diretora, professora e não era muito legal sempre chamar os avós, que de vez em quando eles trabalhavam e saíam, então já na escola desde pequeno no pré com cinco ou seis anos comecei a acompanhar e ajudar eles, pra interpretar... (Colin)

No caso de Simas, ele não precisou atuar desta forma, já que os avós exerciam o papel de tutores, tanto dele quanto do irmão. Ele acaba chamando-os de pais, porque é evidente que nesta família os pais surdos outorgaram essa responsabilidade aos avós.

Eu tive meus avós como os meus pais, até às vezes em alguns casos [por] cima dos meus pais biológicos, em reunião de escola, numa briga de rua às vezes. Quando você é moleque, que acontece alguma coisa na rua, que você briga e sabe meus avós que estavam lá na frente. (sic) (Simas)

Como já foi apresentado neste trabalho, a língua de sinais é muito diferente da Língua Portuguesa. Além de usar o viés visual-gestual, há a diferença na estrutura e construção de frases, com a omissão dos artigos e preposições, por exemplo. Essa característica da LIBRAS aliada a convivência com os pais surdos pode trazer uma certa influência na escrita dos filhos ouvintes de pais surdos. No meu caso, isso não aconteceu devido à presença dos meus parentes ouvintes na minha primeira infância.

Eu tive muitas dificuldades foi que eu falava muito errado. Eu falava "coraxian"porquê? A voz dos meus pais saía dessa forma, tive que fazer fono pra poder falar melhor, mas fora isso não tive muitas dificuldades pra falar português, acho que pelo convívio que tive com minha família. (...) Eu

tive muita dificuldade em aprender português até hoje eu tenho bastante dificuldade. Principalmente na hora de escrever. Quando eu comecei na escola eu lembro que...eu achava tudo muito novo. Nossa vou falar com a boca! Não vou falar com a mão. Aí eu virava muito de costas e a professora chamava minha atenção e na hora de aprender a formar, eu aprendi a escrever palavras soltas naquela coisa da primeira série você escreve palavras soltas, isso foi fácil pra mim, mas na hora de formar frases eu não conseguia colocar as preposições. Pra mim era “casa vou”, “eu sou lutei”, então foi e ainda é muito difícil de passar para o papel o que você está pensando em LIBRAS é muito complicado. Tive muitos problemas. (Hermione)

Colin também enfrentou um pouco de dificuldades na escola no começo, como nos conta o pai, aqui chamado de Arthur.

...ele começou a ir para a escola e começamos a perceber que na 1ª. série ele tinha dificuldades. Ele começou a ficar angustiado e preocupado. A professora também. Mas eu disse para ele, olhe filho, olhe para o seu pai. Lá na escola as pessoas são ouvintes. Você se acostumou com uma família surda, usuária da LIBRAS. Divida seu cérebro em dois. Uma parte é ouvinte e a outra usa LIBRAS. Quando você estiver com alguma dúvida, não fique esperando. No mundo ouvinte os pais podem ajudar, mas para nós surdos é mais difícil. Quando você chegar em casa, você pode usar a LIBRAS.²³

Nesses dois casos apresentados notamos dois problemas. O primeiro é a assimilação de duas línguas simultaneamente. O outro é o aprendizado na língua oral, como nos aponta Hermione. Os surdos não são mudos, ou seja, emitem sons, que acabam sendo copiados por seus filhos. Lembro-me de que quando eu era criança, e todas as noites antes de dormir minha mãe rezava o Pai Nosso. Porém ela se expressava oralmente, uma reza que mesmo hoje quando lembro soa incompreensível, que é difícil até reproduzir na forma escrita. Isso acontecia por ela ser uma surda que não tem a oralidade muito bem desenvolvida. Eu a observava e comecei a imitá-la. Só que eu copiava a forma os sons que ela emitia, tão incompreensíveis quanto. Mas em minha concepção de criança, era algo que deveria ser feito, uma obrigação religiosa que deveria ser seguida.

Os pais surdos precisam ter a consciência que os seus filhos também são ouvintes e precisam de estímulo na Língua Portuguesa. No meu caso a televisão e a presença de minha família ouvinte permitiram o meu desenvolvimento bilíngue, então não me lembro de ter grandes dificuldades com a língua portuguesa. Observo o mesmo em meu filho. Ele, que possui a mãe surda e o pai ouvinte e tem três anos

²³ Tradução do autor.

de idade, está exposto a duas línguas simultaneamente. Comigo ele fala em português normalmente, mas quando se dirige a mãe, a toca e usa as mãos para pedir algo. Quando visito os meus pais, ele já usa a LIBRAS para comunicar-se com eles, porque já percebeu que os dois são surdos.

Outro grupo que precisa ter um outro olhar para os CODAs são os professores. Geralmente o corpo docente enxerga estas pessoas como apenas filhas de um casal de pessoas com deficiência, e não levando em conta que seus alunos são bilingues. Essas crianças, nas produções textuais que realizarem, podem misturar as duas línguas e produzir textos com a estrutura da língua de sinais, como relatou Hermione. O mundo dos sons pode também ser um incômodo, como explicou Arthur em relação a Colin. A escola é um espaço de aprendizado, sendo necessário um olhar diferenciado para este grupo.

A professora disse para a minha mãe “seu filho conversa muito, ele tem que prestar mais a atenção na aula”. Minha mãe olhou para mim, como que dizendo “não entendi o que ela falou” e eu passei a informação que a professora havia dito. Ela me olhou com severidade e disse, em sinais, para que eu não fizesse mais isso.

4.6 TUTOR DOS PAIS

Já eram mais de dez horas da noite. Minha mãe havia saído há muito tempo e eu estava preocupado. Tinha quatorze anos na época. O relógio marcou dez e dez. Olhei para o meu pai e perguntei: “onde ela foi?”. “Para a casa da amiga”, ele me respondeu. Dez e vinte. “Cadê ela? E se acontecer alguma coisa, e se o ladrão a pegar! Meu Deus, cuide dela...”

Como já foi mencionado, a incapacidade pode ser construída nas relações. Se um surdo chega em algum local e não é entendido, a incapacidade está na comunicação entre o indivíduo surdo e ouvinte, por não compartilharem da mesma língua. Porém, por muito tempo atribuiu-se a incapacidade às pessoas com deficiências. No caso da pessoa surda, ela era “incapaz” de falar e se expressar.

Este estigma, mesmo que fosse rejeitado e evidenciado pela convivência entre pais surdos e filhos ouvintes, pode ser internalizado por nós, CODAs. Era sempre

comum ouvirmos que somos filhos de pessoas com deficiência e que teríamos a missão de cuidar de nossos pais.

Quando eu estava com onze anos de idade ganhei uma bicicleta de uma prima. Eu morava a treze quilômetros da casa de uma tia. Eu precisava levar alguns documentos de meu pai para ela, então resolvi ir de bicicleta. Quando cheguei lá, já levei uma bronca por ter ido de bicicleta, o que segundo esta minha tia “era muito perigoso”. A segunda bronca veio por que eu havia justamente esquecido de trazer os documentos que me foram pedidos. Meu avô, pai do meu pai, disse para minha tia “... também, não tem quem o oriente!”. Novamente vemos que não uma confiança plena na capacidade de um surdo educar o seu filho com eficácia. Mas será que os casais ouvintes são mais bem preparados para educar os filhos? Se a educação dependesse de ser ou não uma pessoa com deficiência, não haveria tantos problemas no que se refere à relação entre pais e filhos e muito provavelmente não havia livros que falassem sobre esse assunto.

No entanto, diante de uma sociedade não acessível ao surdo, o CODA acabava tendo que assumir algumas atitudes de “tutores” dos pais.

Enquanto minhas amigas brincavam de casinha, eu estava cuidando dos meus pais. Enquanto as meninas estavam paquerando e namorando, eu estava cuidando dos meus pais. Então assim, no começo foi difícil pra mim, lógico que foi. Tudo eu tinha que saber. Como eu ia dizer pra minha mãe não assinar um documento se eu não sabia do que se tratava o documento? Eu precisava saber do que se tratava. Eu tive que aprender sozinha, ninguém me falou: “olha Hermione, se acontecer uma determinada situação você vai permitir tal coisa”...não, não tive nada, tive que aprender sozinha essa vida isso foi muito difícil pra mim. Hoje não mais, hoje já é muito fácil pra mim, tanto é que isso me ajudou muito depois que eu casei depois que eu casei, não foi uma coisa assim diferente porque eu já sabia o que era cuidar de uma casa. Não cuidava só dos meus pais, cuidava de uma casa. (Hermione)

No caso de Simas essa característica não aparece no depoimento por conta dos pais viverem na mesma casa que os avós ouvintes, não havendo a necessidade de se assumir algumas responsabilidades em casa, embora ele fosse solicitado em outras questões, como veremos mais adiante.

Para Colin, por também haver a proximidade dos avós, essa característica não aparece no relato. Outro fator que pode ser levado em consideração é o fato de ele ser o sujeito mais jovem da pesquisa e a acessibilidade para a pessoa surda,

embora ainda precise de muitas melhorias, está um pouco melhor do que na infância de Hermione.

Muitos surdos sentem-se inseguros diante de algumas situações que surgem, necessitando da presença de um ouvinte para lhe garantir um certo conforto. Como já vimos anteriormente, muitos surdos possuem dificuldades com a Língua Portuguesa e acabam necessitando de uma tradução para algum documento que precisem assinar. Neste caso, nada melhor do que um filho ouvinte para auxiliar o pai ou a mãe para interpretar este documento.

Dez e meia. O nosso cachorro começa a latir. Olho para a rua e vejo minha mãe se aproximando. Ela abre o portão, entra em casa e sem hesitar eu pergunto “onde a senhora estava!?”. “Na casa da Rosilda, seu pai sabia”, ela me respondeu. “Você sabia que ficar na rua até essa hora é perigoso para uma senhora na sua idade! E se lhe acontece alguma coisa?! Você é surda, é perigoso”. “Você tem razão, filho. Desculpe...” E foi para a cozinha preparar alguma coisa para comer.

4.7A RESPONSABILIDADE PRECOCE

Cheguei da escola naquela tarde de segunda-feira. O dia seguinte seria o nono dia útil do mês, dia este que meu pai costumava receber a aposentadoria. Logo me cutucou e perguntou “você tem prova amanhã?”. “Não”, respondi. “Então eu preciso de você para ir ao banco comigo”. O governo havia remanejado alguns benefícios do INSS de um banco para outro, então eu precisaria acompanhar o meu pai até a nova agência.

No dia seguinte eu e meu pai nos levantamos cedo, eu um pouco mais tarde porque não iria para a escola. Pegamos o ônibus e nos dirigimos à nova agência bancária na qual meu pai receberia o benefício. Pegamos a fila para o caixa e meu pai deveria cadastrar a nova senha. Porém havia um problema: no banco anterior a senha era de apenas quatro dígitos. Agora, meu pai deveria digitar seis números.

- Agora são seis números, pai.*
- Mas na outra eram só quatro. O certo é quatro...*
- Não pai, você tem que digitar seis.*
- Mas e agora...*

- Invente seis números, pai!

As pessoas que estavam atrás de nós começaram a ficar impacientes. Eu também não conseguia fazer o meu pai entender que ele deveria criar mais dois números da senha do seu novo cartão.

Talvez esta parte da análise se confunda com a anterior, mas quis deixá-las em separado por se tratar de coisas um pouco distintas. Embora a missão de ser tutor dos pais também seja uma responsabilidade, nesta categoria achei melhor focar em aspectos práticos.

Por conta de estar presente em situações em que uma criança ou adolescente não viveria se não tivesse os pais surdos, o CODA terá que tomar a frente em muitas situações por conta da inacessibilidade, já discutida anteriormente. Mas há casos em que a própria família outorga a responsabilidade aos filhos de pais surdos. No início isso é impactante, mas logo depois acontece a acomodação e a aceitação.

Quando eu tinha 12 anos de idade minha família me botou sentadinha no sofá. Meu tio falou: Hermione, a partir de agora você é responsável por seus pais; se acontecer alguma coisa com seus pais você é responsável. No começo foi uma coisa assustadora pra mim. Caramba! Tenho 12 anos e tenho que cuidar de meus pais...como vai ser? E se eles ficarem doentes? E se eles morrerem? Deus me livre e guarde, sou responsável. Foi passando o tempo fui me acostumando com a ideia e depois começou ser uma coisa normal pra mim. Meus pais eram...Deus no céu e eles na Terra. Tinha que fazer tudo não podia deixar faltar nada pra eles,(...) você tem que ir ao ginecologista agora... Meu pai tem que ir no urologista agora...Ah minha mãe tem que fazer um check-up geral, meu pai também. “Está sentindo alguma coisa, vamos para médico?”

(...)

Qualquer coisa fazer com ele, desde tirar dinheiro do banco, até assinar um documento eles não assinavam nada sem a minha permissão, sem antes eu ter lido [e dizer] “você pode assinar esse documento”. Até hoje minha mãe não assina nada se eu não falar “você pode assinar”. Tinha caso que veio uma intimação pra ela comparecer no fórum o rapaz estava aqui eu estava trabalhando pra me ligar para perguntar se ela podia assinar mandei uma mensagem: “Mãe pode assinar”, se não ela não assinaria Não assina nada sem a minha permissão. (Hermione)

O ruim é porque às vezes você perde algumas coisas da sua infância,eu joguei bola, bolinha de gude (...) eu tinha essa liberdade de brincar de esconde-esconde, policia e ladrão eu sempre tive essa liberdade sabe, mas eu fui criando mais responsabilidade também pelo motivo do meu pai ser surdo e eu precisar me impor muito, porque assim antes do meu avô falecer ele estava com alzheimer e minha avó estava velhinha, já não podia ajudar muito. Quem ia atrás de médico era eu e o meu irmão e toda vez que não tinha carro também agente se virava para ir em algum lugar. Depois que tivemos o carro foi tudo mais fácil de levar de buscar, mas era complicado sim.Tem esses dois lados de ser bom e de ser ruim. (Simas)

*Médico, por exemplo é... quando era pequeno é ...meus avós costumava mais ir com meus pais por que eles entendiam mais sobre o assunto, mas conforme fui crescendo já aprendia boa parte das coisas daí o que os médicos passavam eu pegava parte pra mim e explicava tudo a meu pais.
(Colin)*

Percebe-se que a questão de servir de canal de comunicação entre as pessoas ouvintes e os pais surdos vai criando no CODA, desde tenra idade, responsabilidades que não seriam necessárias se os pais fossem ouvintes. Agora, se os espaços públicos fossem totalmente acessíveis aos surdos, a necessidade de ter um intérprete “a tira colo” seria desnecessária. Porém essa necessidade se ser intérprete dos pais não acomete apenas os CODAs. Filhos de imigrantes também acabam exercendo esse papel, pois é comum que seus pais não dominem a língua do país em que estão residindo.

Pedi para o caixa do banco papel e caneta, inventei seis números de minha cabeça, entreguei ao meu pai que pôde receber o benefício. Na ocasião eu tinha 11 anos de idade. Com o um salário mínimo e meio que meu pai ganhava, fomos ao mercado fazer as compras daquele mês.

4.8 SER OU NÃO SER INTÉRPRETE DE LIBRAS

Quando estava na primeira série fiquei fascinado pela professora. Tão fascinado que decidi que queria ser professor. Então, enquanto os meus amigos pediam uma bola ou um vídeo game para os pais, eu pedi “pai, compra uma lousa com giz para mim?”. E assim foi. Minha primeira aluna? Minha mãe.

A profissão de intérprete de LIBRAS por muito tempo foi vista como algo voluntário. Afinal, era uma caridade fazer “mímicas” para que os “surdos-mudos” entendessem o que estava sendo dito. Hoje, a “mímica” finalmente é reconhecida como língua e os surdos deixaram de ser mudos. Surge, então, uma oportunidade para aqueles que são nativos da LIBRAS e são ouvintes. Recentemente, a profissão de intérprete foi reconhecida em 2010, pela Lei 12.319:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.
Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência

em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. (BRASIL, 2010)²⁴

Hermione chegou a exercer a profissão de intérprete de LIBRAS. Inclusive foi justamente no ambiente de trabalho que a conheci. Porém, não era uma opção, mas algo que surgiu por conta da necessidade dela, após o falecimento de seu pai.

Quando meu pai morreu, eu não sabia que meu pai estava perguntando e pedindo para uma outra moça que é filha de pais surdos emprego pra mim como intérprete. Quando ele morreu, ela me chamou e disse que ia realizar um desejo de meu pai. Ela me ofereceu pra trabalhar na ONG como intérprete. Na época ela perguntou pra mim se eu queria receber uma bolsa de estudo do curso que a gente estava fazendo que na época era Ciências da Computação ou se eu queria receber salário... Na minha situação...meu pai tinha acabado de falecer. Eu precisava de dinheiro. Eu precisava sustentar minha casa, disse pra ela que preferia o dinheiro...Quando consegui ir pra uma outra escola, outra faculdade foi a Unisantana que eu fui registrada com meu salário e mais a faculdade de graça. Eu queria fazer fonoaudiologia, meu sonho até hoje é fazer fono. Provar para esses fonos que é mentira que o surdo não consegue ser oralizado e ter a Libras ao mesmo tempo. Eles acham que é uma coisa ou outra (...)

Eu gosto porque ser intérprete você se sente útil, sente que está ajudando alguém esse é um ponto. Outro ponto: eu me sinto um gravador repetindo sempre o que o professor está falando. São dois pontos: não posso falar eu não gosto. Também não posso falar gosto 100%. Eu gosto porque me sinto útil e estou ajudando alguém, não gosto por me sentir um gravador. Então se eu puder escolher por ser instrutora ou ser interprete? Eu vou escolher ser instrutora, mas isso em faculdade você acompanhar todas as aulas interpretando tudo, e você verifica muitas pessoas não estando nem ai para os surdos. Eu acho que já passou minha época de estar ali discutindo, brigando. Não consigo ver um surdo não estar entendendo. (Hermione)

Ela demonstra uma inquietação com o não entendimento do surdo naquilo que está sendo interpretado e também do descaso de alguns professores. Esse é o dilema da maioria dos intérpretes que querem realizar um bom trabalho, saber se realmente aquilo que está sendo passado para os surdos em língua de sinais está sendo compreendido. Como já foi discutido anteriormente, apenas colocar o intérprete de LIBRAS em sala de aula não garante toda a acessibilidade do surdo.

Simas, por outro lado, abriu uma empresa que presta serviços de interpretação em LIBRAS para empresas que tem surdos no seu quadro funcional.

...eu não sei se isso é vantagem, mas, por exemplo, como eu trabalho com isso e sou intérprete de LIBRAS isso daí às vezes, e até bom porque você chega a um lugar assim ai a pessoa fala "ah esse ai e filho de surdos ele manja, ele sabe, cuidado que aquele convive com surdo desde criança, ele

²⁴ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12319-1-setembro-2010-608253-publicacaooriginal-129309-pl.html> acesso em 02 de novembro de 2012

não aprendeu ontem, há dez anos atrás”, ele sabe então daí você tira um pouco de vantagem sim.

(...)

...assim, graças a Deus eu consegui muita coisa trabalho sabe, e criar uma empresa que ajuda deficientes, pela minha avó e pelo meu avô, pela educação que eles me deram, de ser uma pessoa honesta por eles, porque eles sempre foram então assim a minha avó sempre falava se você comprar alguma coisa para alguém sempre devolve até os centavos de troco, eu sempre fiz isso então a minha avó me dava o dinheiro para eu comprar alguma coisa eu ia com um centavo de troco e dava para ela e ela sempre gostou disso. Isso que ela me ensinou a ser honesto, a sempre ser educado.
(Simas)

Mas ser filhos de surdos não nos torna, necessariamente, intérpretes de LIBRAS.

Não é verdade que o fato de ser filho de pais surdos seja suficiente para garantir que o mesmo seja considerado intérprete de língua de sinais. Normalmente os filhos de pais surdos intermediam as relações entre os seus pais e as outras pessoas, mas desconhecem técnicas, estratégias e processos de tradução e interpretação, pois não possuem qualificação específica para isso. Os filhos fazem isso por serem filhos e não por serem intérpretes de língua de sinais. Alguns filhos de pais surdos se dedicam a profissão de intérprete e possuem a vantagem de ser nativos em ambas as línguas. Isso, no entanto, não garante que sejam bons profissionais intérpretes. O que garante a alguém ser um bom profissional intérprete é, além do domínio das duas línguas envolvidas nas interações, o profissionalismo, ou seja, busca de qualificação permanente e observância do código de ética. (QUADROS, 2004, p. 30)

Para poder exercer essa função, fiz um curso de LIBRAS em uma igreja em minha cidade. Muitos CODAs, no entanto, optam por outras profissões e não têm interesse em tornarem-se intérpretes, tanto que Colin, em seu depoimento, não manifesta interesse em sê-lo. Hermione também não exerce mais esta função, tendo uma outra ocupação, embora ainda use a LIBRAS na profissão atual.

Anos se passaram e hoje sou intérprete de LIBRAS e professor universitário. A língua de sinais, tão rejeitada pela sociedade durante anos e que os meus parentes ouvintes acharam que prejudicaria a minha educação, foi justamente ela que me trouxe a docência. Agora posso ensinar aos outros essa língua tão bela e expressiva, que aprendi naturalmente no seio de minha família.

É claro que há diferenças entre ser filho de pais surdos e ser filho de pais ouvintes. Em primeiro lugar, diferente da maioria das outras crianças neste país, a formação destes indivíduos será bilíngue. Em segundo, ele terá que conviver com os estigmas e preconceitos que ainda permeiam a surdez, embora o acesso à

informação seja atualmente bem mais amplo do que anos atrás. Porém, vez ou outra ouvimos alguns absurdos cometidos contra os surdos, no que diz respeito a não aceitação da condição da surdez. Ainda se vê muitos pais ouvintes, cujos filhos são surdos sequer conhecerem o alfabeto manual para ao menos ter uma comunicação inicial com os próprios filhos surdos. Mas... ser filho de surdos é tão normal quanto ser filho de pais ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto finalizava meu trabalho de conclusão de curso, na época da graduação em Jornalismo, uma de minhas entrevistadas, a professora Maria Cecília de Moura, disse a seguinte frase: "...para algumas pessoas é uma catástrofe uma criança nascer em uma família de pais surdos, porque a representação da língua de sinais é de um idioma de segunda categoria. Ninguém acha estranho que uma criança seja filha de franceses no Brasil e use o francês e o português, porque são línguas de *status*".

Foi justamente para mostrar que não é nenhuma catástrofe ser um CODA a maior motivação da realização deste trabalho. As dificuldades que um filho de pais surdos encontra é justamente a falta de acessibilidade para a pessoa surda. A inclusão é algo recente na história da humanidade, que durante milênios excluiu as pessoas com deficiência, inclusive os surdos. Ao longo dos séculos, estes sujeitos eram considerados incapazes. Primeiro, a sua condição era considerada um castigo dos deuses; depois eram pessoas que mereciam a caridade, porque não poderiam ser protagonistas de suas próprias vidas; em seguida a surdez passou a ser considerada um defeito físico, e essas pessoas eram consideradas doentes, precisando de cura. O próprio termo "surdo-mudo" ainda persiste nos discursos.

Os relatos dados pelos CODAs e seus pais foram de suma importância para entender como se deu o processo de educação destes filhos ouvintes pelos pais surdos. As entrevistas foram feitas com três famílias em que os pais eram surdos e havia ao menos um filho ouvinte. Como se tratava de famílias em que os surdos estavam presentes, o recurso da gravação em vídeo destes relatos se fez necessário. As entrevistas que realizei com os ouvintes foram em Língua Portuguesa. Com os surdos utilizei a LIBRAS. Neste processo surgiu uma diferença: no caso das entrevistas com os ouvintes, apenas precisei fazer a transcrição para depois fazer as análises dos dados. Quanto aos surdos, além da transcrição e da análise, foi necessária a tradução daquilo que eles haviam dito. Procurei fazer esta interpretação com o máximo de cuidado, para não perder a essência daquilo que estava sendo relatado. Por isso, o uso das histórias de vida e relato autobiográfico como metodologia foi o que mais se adequou, a meu ver, a este trabalho, o que permitiu a discussão aprofundada da problemática abordada.

Outro aspecto importante foi dar voz a quem não tem oportunidade de se expressar, devido a uma barreira linguística. Os surdos não gostam de ser chamados de “mudos” não apenas porque a deficiência não se localiza nas cordas vocais, mas sim por lutarem pelo direito de se expressarem e serem entendidos, o que sempre lhes foi negado. Aristóteles na Antiguidade afirmava que “aquele que não é capaz de falar, não é capaz de pensar”. Este conceito acompanhou a trajetória dos surdos durante milênios. Nem o acesso ao sagrado era permitido, por conta dos surdos não poderem dizer os sacramentos em voz audível.

A questão política também pôde ser problematizada nesta dissertação. O decreto 5626/2005 determina a obrigatoriedade da presença de intérpretes de LIBRAS nas repartições públicas e nos espaços privados de atendimento ao público. Já estamos há quase dez anos desde a publicação deste decreto, e ainda não se vê a lei sendo cumprida. Os surdos ainda dependem da boa vontade de parentes para irem ao médico, ao banco, entre outros espaços. Mas o que se vê é o descaso e o despreparo dos funcionários no atendimento de pessoas surdas, podendo trazer consequências graves. Soube recentemente a história de um surdo que acabou morrendo em um hospital devido a não compreensão do médico quando este tentava dar um diagnóstico sobre o quadro de saúde desse sujeito, que estava desacompanhado, no momento da internação, evidentemente, por não saber comunicar-se com ele.

Os surdos não são todos iguais. São pessoas, com históricos familiares e formações diferentes. O mesmo acontece com os CODAs apresentados nesta dissertação. Cada um tem uma história, uma experiência, uma educação. Porém, foi possível perceber que, mesmo tendo histórias diferentes, há convergências nas relações entre os pais e os filhos. Sem falar nos próprios surdos que foram entrevistados: cada um possui uma vivência, um histórico familiar que irá influenciar nas decisões no que se refere à educação de seus filhos.

A necessidade de sermos ouvidos, assim como a de nossos pais, ainda é recorrente. O surdo está inserido em um mundo no qual a maioria é ouvinte. Desta forma, a intermediação entre esses dois mundos, o surdo e o ouvinte, ainda é necessária. E ninguém melhor do que o próprio filho para fazer esta ponte, uma pessoa que o surdo pode confiar. Enquanto a relação entre as pessoas não for

acessível, ainda ouviremos que um casal de surdos levou o filho ainda pequeno, ouvinte, para servir de intermediador em uma consulta médica, por exemplo. Vale ressaltar que isso se dá devido ao fato de os espaços públicos ainda não serem totalmente acessíveis aos surdos.

Os familiares ouvintes ainda sentem-se inseguros em relação à capacidade de seus parentes surdos serem bons pais. É evidente que qualquer pai e mãe desejam que seu filho seja bem sucedido, independente de ele ouvir ou não. Entretanto, o fantasma da incapacidade ainda assombra essas famílias, o que pôde ser notado com a presença quase que constante dos avós na educação dos netos CODAs neste trabalho.

Outro espaço em que é necessária a conscientização é a escola. Para alguns professores, o aluno CODA é apenas um filho de surdos, ou seja, de pessoas com deficiência. Muitos não levam em conta que esta criança trará uma outra língua dentro de si e que isso precisa ser analisado. Se uma criança filha de pais surdos trazer um texto com a estrutura da LIBRAS, pode ser erroneamente considerada como alguém com algum distúrbio de aprendizagem, o que não é verdade. Apenas ela estará usando a sua primeira língua.

Enfim, ser filho de pais surdos pode ser bem diferente de ser filho de pais ouvintes, mas não significa ser melhor ou pior. Haverá diferenças no aprendizado de uma língua, pois um será bilíngue e o outro não. Um terá que servir de intérprete em algumas ocasiões e o outro não. Porém, o CODA não será impedido de brincar, de estudar, de desenvolver-se normalmente. O lado bom será o convívio desde cedo com a diferença e como saber lidar com ela.

NASCIDOS NO SILÊNCIO: VALORIZANDO AS DIFERENÇAS

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais**

do Método Sociológico Na Ciência da Linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196. Linguagem e Cultura, v. 3.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.**, Edições 70 Ltda., Lisboa, Portugal, 1977.

BERNARDINO, Elidea Lúcia **Absurdo ou Lógica?** Os Surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL. **Lei ordinária nº 3.071**, de 1º de janeiro de 1916. Código Civil Dos Estados Unidos Do Brasil. 1916.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria de Educação Especial – **A educação dos Surdos** – org. Giuseppe Rinaldi *et al.* Brasília: MEC/SEESP, 1997.

_____. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei no. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm > acesso em 12 de agosto de 2011.

_____. **Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei no. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei no. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm > acesso em 12 de agosto de 2011.

_____. **Lei 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília, 2010.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática da língua de Sinais.** Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro,1995.

CAMP, T. **History Of Sign Language.** Silent Word Ministries. Disponível em <<http://www.silentwordministries.org/ministry/history.html>> acessado em 24 de abril de 2011.

CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira; SOUZA, Maria Cecília C.C. Souza (orgs). **Docência Memória e Gênero:** Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. **Educação e Espiritualidade: Pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência.** – São Paulo: Paulus, 2009.

DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. “Das histórias de vida às histórias de formação”. In: SOUZA, E. C. & MIGNOT, A. C. V. **Histórias de Vida e Formação de Professores.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

_____. “Pesquisa histórico-sociológica, memórias e educação: das autobiografias às histórias de vida”. In: PASSEGGI, Maria da Conceição & SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo - SP: Cultura Acadêmica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1987.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** Sociologia – Problemas e Práticas. São Paulo, CIES, 1991.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia.** São Paulo: Contexto, 2. ed. 2011.

GONÇALVES, Paulo César da Silva. “Linguagem do Silêncio: Psicanálise e Surdez”. **Arqueiro, vol. 12, jun/dez.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação dos Surdos, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 9. ed. 1992.

LACAN, Jacques. **A Família.** São Paulo: Assírio & Alvin, 1987.

LACERDA, C.B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos . **Cadernos Cedes,** Campinas, SP, v. 19, n. 46, p. 68-80,1998.

LACERDA, Cristina; GÓES, M. C. R. (orgs.) **Surdez – Processos Educativos e Subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico,** 21. ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

MOURA, M. C. **O Surdo.** São Paulo: Revinter, 2000

MONTEIRO, M. S. **História dos Movimentos dos Surdos e o Reconhecimento da LIBRAS no Brasil.** 2006 Disponível em <<http://www.slideshare.net/historia-do-asustecnologia/movimento-surdo-no-brasil>>, acesso em 12 de agosto de 2011.

MUSSEN, Paul. **O Desenvolvimento Psicológico da Criança.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. p. 51-74.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, 2006.

PIZER, Ginger. **It's like he can't be bothered:** Ideologies of effort in CODA family narratives. Texas: Proceeding of Fifteenth Annual Symposium About Language and Society-Austin, 2007.

QUADROS, Ronice Müller; MASUTTI, M. L. Cotas Brasileiros: Libras e Português em Zonas de Contato. **Estudos Surdos II.** Petrópolis: Arara Azul, 2007, v. 1, p. 9-267.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa – Brasília – MEC; SEESP, 2004.**

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Análise de documentos em Ciências Sociais. In: **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz.** São Paulo: CERU, 2008.

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: Linguagem e mediação.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos.** Manaus, UFA. 2002.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice Muller de. **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos.** Estilos da Clínica, São Paulo, v. V., n. 9, p. 32-51, 2000.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTANA, A.P. **Surdez e Linguagem – aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, M.P.M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SKLIAR, Carlos (org). **Educação e Exclusão: abordagens sociantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação , 1997.

300. Direção de Zack Snyder. São Paulo: Warner Bros. Pictures, 2007. 117'

UNESCO (1994). **Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

VYGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes – São Paulo. 1999.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of Deafness**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAUMAN, Zigmund. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Jorge Zahar – Rio de Janeiro, 1997.

CUNHA, L. A., “Notas para uma leitura da teoria da violência simbólica”. In: **Educação & Sociedade n.4, setembro de 1979**, Ed. Cortez & Moraes/CEDES, SP.

MUGRABI, Edivanda; DOXSEY, Jaime. **Introdução à Pesquisa educacional**. Fascículo 1. UFES/NEAD, 2003

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

SOARES, R. A. **Conquistas Educacionais dos Surdos no Contexto Brasileiro – A Compreensão de Autores Surdos e Não Surdos Sobre Este Evento**. 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Formação de Educadores) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2011.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis. **Aprender a ver**, o ensino da Língua de Sinais Americana como segunda língua. Petrópolis, RJ. Arara Azul, 2005.

APÊNDICES – Transcrições das Entrevistas

Hermione, 31 anos, casada, CODA

Como sua mãe sabia que você estava chorando durante a noite?

Minha mãe conta que na época que eu, ela estava acordando muito pra ver se eu estava chorando ou não ela disse que no começo ela dormia comigo na cama e que depois ela colocava o berço bem próximo da cama dela porque qualquer mexidinha que eu dava minha mãe acordava via que eu precisava de alguma coisa mamar, ou trocar de fralda ou alguma coisa assim. Quando minha mãe acordava muitas vezes que acordava de meia em meia hora pra ver a gente só que a gente sabe quando é filho de pais surdos. Porque ela disse que eu acordava muito, mas nunca estava chorando passava a noite toda dormindo. É...quando ela acabava cochilando eu dava algumas mexidas e ela acordava bem rápido. Passou-se o tempo não lembro que idade eu comecei a colocar mão n acama dela e ela sentia que eu estava cutucando tentando chamar e ela via o que eu queria.

Era difícil você adquirir a língua portuguesa?

Difícil não foi, porque eu convivi muito com minha família, eu ia muito pra casa de meus avós. Todos finais de semana eu estava na casa de meus avós. Meus avós incentivaram minha mãe me colocar eu uma escola cedo, eu fui pra escola com dois anos pra ter contato com outras pessoas, pra aprender a falar porque minha avó logo soube que se eu convivesse muito com meus pais eu ai acabar a não sabendo falar português. Eu tive muitas dificuldades foi que eu falava muito errado. Eu falava “coraxian” porque ? A voz dos meus pais saiam dessa forma, tive que fazer fono pra poder falar melhor, mas fora isso não tive muitas dificuldades pra falar a português, acho que pelo convívio que tive com minha família.

Como você aprendeu LIBRAS?

Eu tive que aprender Libras, né...era a única forma que eu tinha pra comunicar com meu pai, minha mãe era mais oralizada. Só que minha mãe conta que eu perguntava muitas coisas pra ela. Eu via e fazia o sinal quando via o sinal que a pessoa não fazia voz que não conseguia escutar sabia aquele sinal acabava perguntando e com sete anos de idade veio uma moça morar com a gente ela morava na Bahia e ela sabia muitas coisas em Libras porque minha mãe aprendeu poucas coisas que ela aprendeu com 20anos de idade. Ela era bem mais oralizada essa moça vindo ela não era nada oralizada só falava em Libras, eu precisava saber falar com ela porque eu nunca admitir não saber falar com eles. Aí eu fui perguntando ai me ensinado bastante coisa maior parte das coisas que eu aprendi em Libras foi realmente vendo o sinal que usava, lendo os lábios dos meus pais quando estavam brigando ou quando falavam normalmente fui aprendendo Libras.

Chegou a fazer algum curso de LIBRAS?

Na verdade fiz um curso intensivo semana por semana por ganhei na época era adventista do 7º dia e eles me ofereceram um curso de Libras gratuito pra poder ajudar as pessoas a serem interpretes na igreja. Eu não tinha nenhuma certificação e precisava provar que sabia Libras, não basta você falar que é filhas de pais surdos que você que provar então fui fazer intensivão só pra receber o certificado um curso de 32 horas.

Você teve alguma dificuldade em aprender Língua Portuguesa?

Eu tive muita dificuldade em aprender português até hoje eu tenho bastante dificuldade. Principalmente na hora de escrever. Quando eu comecei na escola eu lembro que...eu achava tudo muito novo. Nossa vou falar com a boca! Não vou falar com a mão. Aí eu virava muito de costas e a professora chamava minha atenção e na hora de aprender a formar, eu aprendi a escrever palavras soltas naquela coisa da primeira série você escreve palavras soltas, isso foi fácil pra mim, mas na hora de formar frases eu não conseguia colocar as preposições. Pra mim era casa vou, eu sou lutei, então foi e ainda é muito difícil de passar para o papel o que você esta pensando em Libras é muito complicado. Tive muitos problemas.

Você prefere falar em português ou em LIBRAS?

Não eu gosto de falar, adoro falar. Dizem que eu falo mais que o homem da cobra. Acho que falo tanto com as mãos que eu sentia muita vontade de falar com a boca tinha momentos que eu não queira mais usar as mãos, porque tudo era com a mão, tudo era com a mão. Minha vida toda era falar com as mãos, era com meus pais, com os amigos, os amigos me procuravam os amigos de meus pais; então sempre foi muito com as mãos. Então...eu gosto muito de falar. Tenho necessidade de falar das duas formas em Libras e em português só que eu...teve uma época que eu só falava em Libras. Eu só vivia no mundo deles eu não vivia o meu mundo de ouvinte. Então em todos os lugares que eu fosse eu falava em Libras, então é...eu gosto também de falar é importante.

Você prefere o “mundo dos surdos” ou o “mundo dos ouvintes”?

Não dá pra falar, pois eu vivo nos dois, né...eu sou ouvinte eu tenho meu mundo. Só que o mundo do surdo também é meu mundo, porque eu nasci nesse mundo não tenho como dizer pra você qual é melhor. Eu amo os dois, eu gosto dos dois, eu sinto necessidade dos dois, não saberia dizer sem falar em Libras, sem estar no meio dos surdos, assim como não consigo viver sem estar no mundo dos ouvintes sem falar não tem como eu falar qual é melhor.

Ser intérprete de seus pais lhe incomodava?

No começo não me incomodava. Porque? Eles precisavam de mim, né..na época eu não tinha nada pra fazer. Eu só estudava então meu pai sempre pedia pra eu ajudar ele nos momentos que eu não tinha que ir pra escola . Só chegou um momento que me deixou muito brava foi quando tinha que fazer um prova de recuperação era ultimo dia de prova de recuperação. Meu pai dizia que precisava de mim pra entrar na empresa pra saber se ele iria começar a trabalhar ou não? Eu disse pra ele: tenho prova pra fazer se eu não for vou perder o ano, mas o trabalho também é importante. Ele falou: Não; você vai comigo. Tinha que obedecer; brava, contrariada, mas tive que ir. Chegando lá a mulher olhou para minha cara e disse assim: O que você está fazendo aqui? Eu só pedi pra seu pai vir aqui porque vamos levar ele até o local que ele vai trabalhar. Eu falei não acredito! Eu tive ir embora sozinha de ônibus porque ele foi pro local onde foi trabalhar. Então quer dizer...que por insegurança dele, por falta de informação acabei perdendo um ano todo. Aí eu fiquei muito brava. Foi passando o tempo fui tendo a minha vida comecei a trabalhar, minha mãe não tinha essa menção. Eu preciso de você então o serviço vai ter que entender. O serviço não tem que entender, o serviço não vive esse mundo tive muitas dificuldades com ela nisso. Ela queria ir hoje no banco eu falava pra ela, hoje nós não vamos ao banco, porque hoje não posso ir no banco. Ela...não tem que ir. Não vamos. Tive que saber falar não falar não pra ela sempre falei sim pra minha mãe, nunca disse não local. Agora em relação a saúde não tinha emprego que me segurasse. Eu ia a empresa aceitando ou não. Acho que minha mãe sempre foi muito importante, digo meus pais, hoje minha mãe porque meu pai não está mais aqui, mas os sempre foram muito importante pra mim. Agora uma coisa que me incomodou muito eu chorava muito por causa disso. Minha adora fazer uma ligação. Só como ela não ouve quem tem que fazer a ligação sou eu e minha mãe não tinha noção de horário. Então ela costumava me tirar da cama as 10 horas da noite num dia que estava chovendo muito pra eu descer no orelhão pra poder fazer uma ligação isso me deixava muito brava. Eu dizia pra ela assim...Porque? Porque tive que ter pais surdos? Nenhuma amiga minha os pais fazem ela se levantar. Porque tenho que me levantar? Então nisso eu sofri bastante. Eu chorava muito porque não aceitava isso. Eu achava que ela precisava ter consciência, ela tinha que fazer uma ligação de dia, ela ter consciência que eu ia acordar as 5 horas da manhã. Nisso eu acabava surtando e perguntava porque eu tive pais surdos pra ter que fazer essas coisas. No momento de surto. Eu tinha dez anos, dez ou onze anos de idade, lembro que eu morava em Itaquera e eu estudava lá na Liberdade então tinha que acordar muito cedo e meus pais...meu pai não minha mãe me acordava dez horas da noite, imagina um temporal você está quentinha na cama sua mãe vem te arrancar da cama pra ligar pra sua avó pra perguntar se ela está bem. Caramba! Essa ligação poderia esperar pra amanhã, né...Porque pra eles é assim eu quero agora, agora é importante. Pra eles é importante tem que fazer aquela hora.

Em que locais você interpretava para os seus pais?

Comecei em locais como médico essas coisas, com dez, onze anos. Ir em médicos, bancos não me incomodava. Nunca, nunca o que me incomodava era as ligações tarde da noite tirava da cama isso me incomodava. Uma vez meu pai me fez sair da escola por causa do serviço e perdi o ano, fora isso não tive problemas com meus pais. Qualquer coisa fazer com ele, desde tirar dinheiro do banco, até assinar um documento eles não assinavam nada sem a minha permissão, sem antes eu ter lido vc pode assinar esse documento. Até hoje minha mãe não assina nada se eu não falar vc pode assinar. Tinha caso que veio uma intimação pra ela comparecer no fórum o rapaz estava aqui eu estava trabalhando pra me ligar para perguntar se ela podia assinar mandei uma mensagem: “Mãe pode assinar”, se não ela não assinaria Não assina nada sem minha permissão. Nunca me incomodou ir a esses lugares com ela.

Seus pais te ajudavam nos deveres da escola?

Fazer contas sim. Texto não dava é...na parte de separação de sílabas essas coisas do primário do fundamental 1, minha mãe ela ajudou, matemática, português, sílaba, chamada oral. Ela perguntava pra mim, como minha mãe é muito oralizada responde ao pé da letra e aí se eu não respondesse....apanhava. Ela me ajudava nisso. Agora ensinar...só matemática, principalmente meu pai que era muito bom em matemática e português essas coisas bem simples no restante por minha conta. Minha mãe as vezes pedia ajuda dos vizinhos pra me ajudar, mas a maior parte das coisas foi por minha conta mesmo.

Quando sua mãe precisava ir a escola para falar com a professora, você interpretava todas as informações?

Eu não falava. (risos) Não era louca. A Hermione ótima, perfeita. Assim...dependendo da situação eu não falava não. Eu era muito bagunceira gostava muito de conversar. Eu adoro os dois mundos. Eu adora falar, então eu falava muito aí a professora chamava minha mãe pra conversar traduzia “Hermione perfeita”. Agora se era questão de notas acabava falando mesmo porque minha mãe acompanhava. Eu falava a professora está mentindo. Porque outro aluno conversa e ela não briga; só comigo. Aí minha mãe achava que era marcação...(risos) A....mais eu era pequena não tinha como fazer o contrário....(risos)...

A sua escolha profissional e de graduação tem a ver com a surdez de seus pais?

Não. Não tem nada a ver escolha da minha profissão ou melhor escolha da minha faculdade na verdade quando eu era mais nova eu pensava que eu nunca seria capaz de fazer uma faculdade porque meus pais não tinham condições de pagar. Também não sabia que existia essa profissão de interprete. Quando meu pai morreu eu não sabia que meu pai estava perguntando e pedindo para uma outra moça que é filha de pais surdos em prego pra mim como interprete. Quando ele morreu ela me chamou e disse que ia realizar um desejo de meu pai e ela me ofereceu pra trabalhar na ONG como interprete. Na época ela perguntou pra mim se

eu queria receber uma bolsa de estudo do curso que a gente estava fazendo que na época era ciência da computação ou se eu queria receber salário? Na minha situação...meu pai tinha acabado de falecer. Eu precisava de dinheiro. Eu precisava sustentar minha casa, disse pra ela que preferia o dinheiro...né? Quando consegui ir pra uma outra escola, outra faculdade foi a Unisantana que eu fui registrada meu salário e mais a faculdade de graça. Eu queria fazer fono, meu sonho até hoje meu sonho é fazer sono. Provar para esses fonos que é mentira que o surdo ele não consegui ser oralizado e ter a Libras ao mesmo tempo. Eles acham que é uma coisa ou outra. Eu queria fazer fono pra provar que a tese dos fonos dizendo que pra ele ser oralizado se aprender Libras não aprende é errado, pois eu tenho uma mãe que é oralizada e sabe Libras,mas na não tinha esse curso.Tive que optar por algum e na época era obrigatório todo intérprete ter um nível superior. Eu escolhi a pedagogias sem saber o que era a pedagogia Vou escolher essa tal de pedagogia e saber no que dá. Quando eu comecei a faculdade gostei muito porque Judá muito na hora da interpretação porque você tem metodologia,aprende modos de por mais que as pessoas falem Você não é o professor mas você deve ter didática ensino fundamental.

Você já trabalhou como intérprete educacional na faculdade. Você gostava?

Fica difícil eu falar gosto ou não gosto. E assim não e que eu não gosto. Eu gosto porque ser interprete você se senti útil sente que esta ajudando alguém esse e um ponto. Outro ponto eu me sinto um gravador repetindo sempre o que o professor esta falando são dois pontos. Não posso falar eu não gosto. Também não posso falar gosto 100%. Eu gosto porque me sinto útil e estou ajudando alguém, não gosto por me sentir um gravador. Então se eu poder escolher por ser instrutora ou ser interprete? Eu vou escolher ser instrutora, mas isso em faculdade você acompanhar todas as aulas interpretando tudo você verificar muitas pessoas não estando nem ai para os surdos. Eu acho que já passou minha época de estar ali discutindo, brigando não consigo ver um surdo não estar entendendo. Eu não consigo ver um professor não dar importância para um surdo perguntando e deixar como estar. Eu brigava muito por eles esse ponto se esgotou em mim. Não tenho mais essa força que eu tinha antes, mas pensando por outro lado não deixaria de ter se tivesse oportunidade. Porque? Porque eu gosto de saber que estou ajudando. Eu gosto de saber que essa pessoa precisa e eu tenho meio de ajudar essa pessoa. Por isso e difícil eu falar não eu gosto ou sim eu gosto.

Você se sentia responsável pelos seus pais?

Na verdade, no começo era muita responsabilidade. Por exemplo: Enquanto minhas amigas brincavam de casinha eu estava cuidando dos meus pais, enquanto as meninas estavam paquerando e namorando eu estava cuidando dos meus pais. Então assim, no começo foi difícil pra mim lógico que foi. Tudo eu tinha que saber como eu ia dizer pra minha mãe não assinar um documento se eu não sabia do que se tratava o documento? Eu precisava saber do que se trata. Eu tive que aprender sozinha ninguém me falou olha Hermione: Se acontecer uma determinada situação você vai permitir se tal coisa...não, não tive nada tive que aprender sozinha essa vida isso foi muito difícil pra mim. Hoje não mais, hoje já e muito fácil pra mim tanto e que isso me ajudou muito depois que eu casei depois que eu casei não foi uma

coisa assim diferente porque eu já sabia o que era cuidar de uma casa não cuidava só dos meus pais cuidava de uma casa toda incluindo ele. No começo foi difícil hoje não e mais hoje em dia eu consigo levar numa boa isso. Mas quando eu tinha 12 anos de idade, acho que começou por aí. Quando eu tinha 12 anos de idade minha família me botou sentadinha no sofá. Meu tio falou: Hermione a partir de agora você é responsável por seus pais; se acontecer alguma coisa com seus pais você é responsável. No começo foi uma coisa assustadora pra mim. Caramba!!! Tenho 12 anos e tenho que cuidar de meus pais...como vai ser? E se eles ficarem doentes? E se eles morrerem? Deus me livre e guarde, sou responsável. Foi passando o tempo fui me acostumando com a idéia e depois começou ser uma coisa normal pra mim. Meus pais era...Deus no céu e eles na Terra. Tinha que fazer tudo não podia deixar faltar nada pra eles, era médico. Eu estava você tem que ir ao ginecologista agora... Meu pai tem que ir no urologista agora...Ah minha mãe tem que fazer um check-up geral, meu pai também. Tá sentindo alguma coisa vamos para médico? A não vou não. Você vai! Se estou falando que você vai, você vai. Vamos ver se você não vai? Levava ele arrastava pra lá. As vezes os dois doente de uma vez, discutia com o médico. O médico queria que eu saísse da sala, mas eu estava com meu pai em uma sala e minha mãe em outra. Ok, tive que ficar um pouco em cada sala e o médico discutia comigo e eu falava pra ele: Você escolheria qual dos dois vai passar mal? Sendo os dois seus pais? Questionava muito isso com o médico. Porque? Porque eu me sentia totalmente responsável como se eles fossem os meus filhos. Depois que meu pai morreu aí ficou pior ainda, porque eu não consigo falar não a minha mãe em momento algum. Se eu falo não me arrependo e...eu tenho que ensinar minha mãe de coisas que ela deveria estar ensinando pra mim se vou comprar alguma coisa penso nela e...eu fico pensando se ela tem comida pra comer, se ela está se alimentando, se ela está fazendo coisas legais pra ela vivo dando bronca, a hora que sai de casa, a hora que chegou no local, a hora que saio do local a hora que chega. Se ela chega tarde brigo com ela, você não pode chegar tarde. Ela fala que a vida é dela, aí eu falo que não é assim, pois sou a responsável por ela. E a gente briga por causa disso, porque eu não consigo abrir mão dela chegar cedo ela não sair de preferência. E ela não abre mão de sair, mas só que eu tenho muita preocupação. Ela é como se fosse meu bebe grande. Como fosse não ela e meu bebe grande.

Os seus parentes ouvintes alguma vez já quiseram lhe tirar de seus pais?

A pior situação...meus pais sempre brigaram. Não existe casal que não brigue, mas eles brigavam bastante e eu presenciava bastante a discussão deles. Minha contava pra minha avó o que se passava, as vezes a discussão era até na frente da minha avó. Minha avó foi e contou pra meu tio e minha tia. E um dia eles chamaram todo mundo, nós três pra conversar. Conversou cada um em separado. Depois colocou cada um frente a frente e falou olha: “ Eu vou levar Hermione pra minha casa a Hermione vai morar comigo. Ela não tem que passar por isso. Ela vai ficar com problemas psicológicos e eu vou levar a Hermione pra morar comigo”. Aí meu pai que quase não falava. Ele gritou assim: “Não! Ela é minha filha! Minha mãe falou:

Ela e minha filha. Ela nasceu de mim eu fiquei nove meses com ela na barriga e ela e minha. Meu sangue e ela não vai morar com vocês. Ai no final eles acabaram falando tudo bem, mas não podiam brigar na minha frente não podia me deixar sair, porque eles deixam eu sair porque eles deixam eu dormir na casa de amiguinhas que eles deixam eu fazer isso e aquilo. Ai minha mãe pra não causar confusão disse que tudo bem. Só que ela continuava a vida dela normalmente ela me deixava fazer as coisas que sempre deixou. Primeiro porque era teimosa né...achava que era aquilo que eu queria e ponto final não tem quem me segurasse, ainda mais que eu tive pais...quer dizer se eu cuidava deles porque não poderia cuidar de mim? Então eu batia o pé e dizia não. Vou fazer. Teve um dia que eles me levaram pra lá minha mãe deixa ela passar metade das férias dela e lá eles tentaram me manipular dizendo que era melhor morar lá...que era muito mais gostoso morar lá que eu iria ter tudo aquilo que não tem na casa de minha mãe coisas materiais e tudo...Só que ao mesmo tempo me fizeram de escrava porque eu mais lavava aquela casa do que qualquer coisa. A filha dela fazia uma coisinha odeio lavar banheiro. Ela me fazia lavar banheiro. Ela me fazia botar a mão naquela privada e eu tinha nojo dessas coisas...passei duas semanas voltei pra casa e fiz pra minha mãe que não queria ficar lá muito tempo Eu era a empregada e ao mesmo tempo tentaram me convencer que ao mesmo tempo que estava limpando a casa pra eles iriam em dar tudo do bom e do melhor. Roupas, brinquedos e tal...ai minha mãe ficou assustada e falou pra mim que não iria deixar mais ficar iria ficar um ou dois dias porque eram irmãos não tinha porque não deixar e eu gostava muito da minha prima e só que muito tempo nunca mais.Foi muito engraçado porque meu pai gritou: Não! E minha filha. Hoje lembrando e ate legal emocionante ele tinha muito amor por mim queria eu do lado dele de qualquer forma. Porque já aconteceu de outros surdos e...nao serem tão firmes e deixarem seus filhos irem né? Aconteceram muitas situações assim...meus pais não. Meus pais não deixaram.

Como é a convivência com seus parentes ouvintes depois desse episódio?

Tenho uma convivência boa gosto muito deles. Foi um momento que não sabiam como agir acharam que ia me prejudicar não sabiam o que era um casal de surdo ter uma filha. Eles acharam que podia prejudicar. Hoje tenho certeza que jamais fariam isso novamente. Porque eles viram que por mais que meus pais tivessem a deficiência eles conseguiram cuidar de mim muito bem. Por mais que minha mãe deixasse eu sair nunca fiz nada eu nunca tive filhos antes do tempo como outras pessoas da minha família tiveram filhos de pais ouvintes não que isso seja um grande erro mais e mais não engravidar nova era uma preocupação grande da minha família achando que eu ia fazer isso. Nunca me envolvi com drogas nunca fiz nada de errado. Única coisa que fazia e que gostava muito de sair chegava de madrugada e eu ia meus pais falando sim ou não eu ia. Hoje então eles viram que quando a gente essas pessoas que são deficientes eles vão dar um jeito de cuidar e instinto cuidar e os filhos vão saber como lidar com eles. E instinto. Por exemplo: Eu não acordava de madrugada. Porque será que eu não acordava? Obviamente porque eu sabia que não ia adiantar eu chorar obviamente eu sabia que não ia adiantar eu chorar por nada. Eu iria chorar porque estava com fome. Deus e muito perfeito. Deus não vai entregar um filho a um casal que não possa cuidar. Ele da meios pra isso acredito que meus tios perceberam isso.

Você já teve o desejo de ter pais ouvintes?

Pra mim e normal acho como e ser filhos de ouvintes? Eu tive um grande desejo ou melhor tenho ainda um grande desejo na época em que eu era pequena eu sempre morei em apartamento não tinha elevador os aptos tinha que gritar lá debaixo: Manheeee....eu achava o máximo meu colegas gritarem manheeee...aparecia como pode essa mãe saber que e o filho que esta gritando? Enquanto a Hermione aqui tinha que subir ate o quarto andar. “ Mamãe vou passear, vou brincar ta? Balança brincar, roda ta bom? Quando ia descer cadê o pessoal? Tinha todo mundo ido ninguém me esperava. Eu ficava possessa da vida! Eu morria de vontade de gritar: mãe e a minha mãe e nenhuma outra aparecer eu acho que essa era a minha única vontade, mas agora ser filho de pais surdos pra mim e normal. Pra mim...como nunca tive pais ouvintes. Eu sinto-me muito feliz não acho ruim. Teve uma época que me perguntava porque tive que ter pais surdos? Porque naquela época eu queria dormir e minha mãe me chamava pra telefonar, ma foi crise fora isso...se eu tivesse que nascer de novo com eles eu nasceria. Sem sombras de duvidas se tivesse que escolher que pais você quer ter surdos ou ouvintes? Eu escolheria meus pais mesmo. Vivi cada momento aprendi muita coisa. Sinto-me muito gratificada.

Você já teve vergonha de conversar com seus pais em público?

Nunca. Pelo contrario a minha mãe fica com vergonha de falar em Libras comigo. Porque a muito tempo atrás as pessoas achavam aquilo uma coisa fora do comum. Então eu falava em Libras e minha mãe abaixava minha mão. Feio, feio. Eu falava assim...Ah eu falava só com a boca respondia com a boca e as vezes perguntavam pra minha mãe: E sua filha tadinha e surda? Eu falava e minha mãe. Porque? Algum problema? E as pessoas de assustavam. Eu nunca tive vergonha. As pessoas chamavam minha mãe e meu pai de mudinho eu brigava. Meus pais não são mudos são surdos eles sabem falar. Se você não consegue entender e você que e burro. Porque eu entendia ele falar! Porque meus pais tinham que ser o diferente e eles não entendiam eu entendia. Nunca tive vergonha pelo contrario todos os meus amigos que conhecia eu dizia esta e minha mãe esse e o meu pai e eles são surdos. Podem falar devagar que eles vão ler seus lábios entender.

Você gosta de música?

Muito!!! Adoro musica. Adora dançar. Eu mesmo escutava. Meu pai gostava muito de samba. Eu aprendi a gostar de Bete Carvalho por causa dele, ele adorava Bete Carvalho, mas ele conseguia escutar o que? Instrumentos não entedia o que falava escutava 5%, mas ele adorava e eu comecei a gostar. Ele comprava disco pra mim quando ele comprou Bete Carvalho pra ele, comprou Luis Caldas pra mim (risos)...E ele trabalhava na Phillips ele tinha o som fazia o som inclusive discos eles faziam na época. Meu pai que me deu meu primeiro som, meu pai que me deu meu primeiro disco foi tudo ele. E as outras e outros estilos de musicas que eu gosto MPB. Rock, aprendi fora de casa.

disse “Calma, continue tomando o remédio e depois retorne”. Disse que tudo bem e depois de uma semana retornei ao médico. Fiz alguns exames, o médico verificou e me disse que estava tudo normal. Eu disse que não era possível e depois retornei. Na semana seguinte fiz outros exames, tirei a chapa do útero. A primeira não deu, e na segunda não sei, não entendi. Depois de uma semana voltei, o médico viu que as duas chapas eram iguais e que eu poderia ser mãe. Achei que não daria, já estava cansada, já fazia cinco anos, é muito tempo. O médico me disse que conhecia mulheres que esperavam por dez, quinze anos e conseguiram. Isso era o que a minha mãe estava falando com o médico. Ele me disse para esperar um tempo de três meses. Eu disse que tudo bem. Depois de um mês comecei a passar mal com vontade de vomitar, com sonolência, dor de cabeça. Pensei em tomar remédio, mas minha mãe disse que não, que poderia perder o bebê. Fomos ao médico, um exame urgente. Me disseram que eu não estava grávida, que tinha dado negativo. Tomei injeção durante três dias. Me disseram que em quinze dias eu saberia se estaria grávida ou não. Esperei, retornei ao médico, fiz exame de urina e o resultado deu positivo. Me disseram que o primeiro exame tinha dado defeito. Fiquei muito feliz, minha mãe também. Ao chegar em casa meu marido me perguntou e eu disse que sim e aí ele ficou contente, chorou porque era nosso primeiro filho. Perguntei ao meu marido se ele queria menino ou menina. Ele me disse que tanto faz, que não se importava. Que isso não era importante. Quando estava de seis meses, fiquei pensando como eu sendo surda iria ouvir o choro de meu filho. Minha mãe me disse para eu ter calma, que quando nascer e chorar ela me ajudaria. Fiquei com medo, éramos pois de primeira viagem, tinha medo que meu filho morresse. Quando estava grávida de oito, nove meses, minha filha se mexia muito na minha barriga. Estava bem, limpava a casa, lavava tudo. Minha mãe ligou para o médico e disse : “Minha filha está louca, está limpando a casa”. O médico disse que não tinha problema e minha mãe ficou quieta. O médico disse que isso era ótimo, que minha filha ia nascer perfeita e com uma saúde perfeita. Disse para minha mãe “viu! Não tenho paciência para ficar parada. Gosto de limpar a casa, de fazer as coisas.” Disse para a minha mãe que gosto de deixar a casa arrumada. Depois a minha mãe me perguntou se eu não sentia nenhuma dor, se eu não estava sentindo nada. Meu pai e minha mãe começaram a ficar preocupados, porque eu já estava de 9 meses e não sentia nada. Estava me sentindo normal. Minha mãe sempre perguntava se eu estava me sentindo bem. Fomos ao médico e ele me perguntou se eu estava sentindo alguma coisa, pois estava perto de nascer. Voltei para casa e depois de uma semana nada. Parecia que ela estava com preguiça, só chupando o dedo e dormindo. Fiquei preocupada. Depois retornei ao médico. Ele me examinou, olhou e viu que não ia dar em nada. Ele disse “como assim?” Me orientou a voltar para casa, tomar um banho e voltar no outro dia. No outro dia de manhã voltamos no médico eu, minha mãe e meu marido. Nós três. O médico me pediu para esperar porque haviam outras mulheres grávidas esperando. Eu fui a última. Ele enfiou uma agulha enorme para verificar se a água da minha barriga estava boa ou ruim. Não sei bem explicar o que é isso. Fiquei com um pouco de medo. Eles fizeram isso para ver a

cor do líquido, eu não entendi muito bem o porque. Ele chamou a minha mãe, ficou conversando com ela. O médico disse para a minha mãe perguntar ao meu marido se ele permitia fazer uma cesárea, porque a minha filha não ia conseguir nascer de parto normal e poderia morrer. Meu marido assinou os papéis para que os médicos não fossem culpados se caso acontecesse algo. Meu marido assinou e que o trabalho de parto poderia durar quatro horas. Meu marido não foi embora, ficou lá esperando. Não fiquei preocupada quando entrei na sala de cirurgia, estava tudo normal. Estava tranqüila, fiz oração para que tudo corresse bem e ok. Me vestiram para a cirurgia e eu estava calma, tudo normal. Eu dormi. Meu marido disse, eu não vi, mas disse que ela gritava, chorava alto, estava toda suja, toda gordinha, bochechuda. Eu não vi nada, estava dormindo. Meu marido foi me ver e chorou, porque pensou que eu havia morrido. Minha mãe também chorou. Meu marido perguntou onde estava a nossa filha, em que local e mostraram para ele onde ela estava. Ela estava toda agasalhada, toda gordinha e bochechuda. Não sei, foi meu marido que me disse. Depois ele foi para cãs e no outro dia voltou. Eu estava bem, varais pessoas vieram me visitar. Durante 15 dias a minha mãe ficou comigo na cama, porque não estava acostumada, estava com a cirurgia ainda. Minha mãe sempre me acordava e me ajudou nesse período de 15 dias. Depois disso eu fiquei junto com o meu marido. Fiquei preocupada de como eu iria ouvir o choro do bebê. Minha mãe disse para eu não me preocupar, que ela estaria do lado para me ajudar. Ai eu disse que tudo bem. Mas quando a minha filha se mexia na cama, eu sentia a vibração da cama. Ela vinha, mamava e assim fomos nos acostumando. Tudo perfeito.

Sua mãe ajudou você?

Minha mãe só me ajudou por 15 dias. Eu morava nos fundos da casa dela. Isso até a minha filha ter um ano de idade.

Vocês moravam com mais alguém?

Éramos só nós até que eu mudei para um apartamento. Sempre coloquei o berço perto da minha cama, nunca longe. De quando ela tinha um ano até os seis anos. Depois ela foi para o quarto dela.

Como a Hermione lhe chamava?

Ela nos tocava para chamar. Ela batia com a mão na cama e dizia que queria mamar. O meu leite acabou quando ela tinha 1 ano e 3 meses. Mais ou menos com 3 meses ela se mexia no berço e eu dava de mamar. Com 1 ano 3 meses não tinha mais leite. Ela não gritava a gente, ficava se mexendo, fazendo a cama vibrar. Ficava pulando no berço, ela gostava disso. Ai eu dizia “O que foi filha?”, o que foi, quer pegar. Ela ria, era um sorriso lindo, com covinhas. Eu dizia para ela esperar e fazia a mamadeira dela. Depois disso ela dormia. Até os dois anos foi assim. Ela sempre dormiu a noite toda, das 9 da noite até as 4h30 ou cinco horas. Nunca

acordou, porque meu marido acordava as 4 para ir trabalhar ai ela acordava junto. Ai ela vinha, ficava no colo, mamava e dormia.

Como ela fazia para se comunicar com vocês?

Leitura labial. Usamos mais a leitura labial. Com um ano ela já sinalizava água. Também dizia comer. Depois ela falava que havia alguém batendo. --- dois --- Depois minha mãe me disse que ela precisava aprender a falar porque não poderia falar igual a nós. Por isso com dois anos ela foi para a escola. Meu marido pagava escola particular para ela. Ela não poderia falar como nós. A minha mãe mandou eu fazer isso. Isso seria bom para elas para aprender a falar. Tinha que ser diferente. Assim ela foi aprendendo. De manhã ela ia e voltava as 13 horas. Entrava as oito horas e as treze horas eu buscava. Ela tomava banho, dormia. Depois ela foi crescendo, perguntava do pai, pronunciava papai. Eu respondia em sinais foi trabalhava, ela me imitava, não perfeitamente. Ela entendia e eu perguntava, quer almoçar? Ela dizia, não, não quero. Não estava com fome, nem com vontade. Assim foi passando. Quando ela tinha 3 anos quando nos reuníamos com nossos amigos surdos, ela perguntou que sinal é esse aqui? Eu disse que era a palavra “difícil”. Assim aos poucos ela foi aprendendo. Fui ensinando ela a falar papai, papai. Depois mamãe, depois vovó, vovô, assim ela foi crescendo, aprendendo. Ai uma amiga nossa foi ensinado, alguns sinais diferentes e ele aprendeu rápido. Eu ensinava pouco estava mais acostumada a usar a oralidade, a mão era pesada, usava pouco os sinais. A minha amiga subia muito mais sinais, ela ensinou bastante sinais para ela, o sinal dela é este “Edna”, e morava na Bahia. Esta moça morava conosco e ensinou sinais para ela durante 6 meses. Ela foi aprendendo aos poucos.

Ela era surda?

Era surda.

Ela sinalizava muito ou pouco?

Pouco. Eu mais fazia sinais, algo diferente e falava “oh, vou bater” e assim ela foi aprendendo. Meu marido era muito bravo, brigava com ela. Ela sofreu um pouco. Eu não, eu era menos brava, mas quando ela não obedecia eu batia. Muito teimosa. Queria muitos brinquedos. Ela queria cada vez mais. Eu ensinava coisas simples, não coisas diferentes. A minha vizinha que ajudava com as palavras.

Ela lhe acompanhava ao médico quando era criança?

Não, quando ela era pequena não. A minha mãe ia comigo. Depois de um tempo a minha mãe ia comigo e nos levava ao médico. Era difícil porque o médico falava muito rápido e eu não conseguia entender. Com sete anos a Hermione foi para a escola particular. Eu não gostava da escola da prefeitura. A escola particular tem o ensino mais forte. Ia ensinando as contas e dizia para ela, ta errado, olhe, faça de novo. Coisas simples eu conseguia, coisas mas difíceis eu não conseguia ajudar.

Mais ou menos com 10 anos ela me ajudava ainda ao médico. Ela ia falando com ele onde estava doendo, ela dizia tudo ao médico.

E ao seu marido?

Ajudava com 10 anos sim. Meu marido a levava e explicava para ela dizer para as pessoas, resolvia as coisas com ele. Com 10 anos ela começou a ajudar o pai como intérprete. Só. Ela observava nossos amigos, foi aprendendo e com 10 anos desenvolveu os sinais.

Quando isso começou?

Começou com 8 ou 9 anos, não me lembro. Eu dizia olhe, você está crescendo, já pode menstruar, para tomar cuidado, você pode engravidar e nós vamos te expulsar. Ela ficava com medo e tomava cuidado. Ensinávamos para ela tomar cuidado, por favor. Nós pedíamos para ela ter educação, não falar palavrão. Ela guardava isso. Teve um dia que nos disseram que ela falou palavrão. Meu marido deu um tapa em sua boca, até cortou o lábio, ela chorou. Meu marido disse que não podia falar palavrão, deu bronca nela. No outro dia fomos visitar a minha mãe, ela viu boca da minha filha e disse “o que é isso?!”. Minha mãe ficou muito brava. Não pode fazer isso. Você acredita o que os outros falam da sua filha? Eu fiquei sem graça. Não se pode fazer isso, ela disse. O mais importante é a família, não os outros. Pedimos desculpas. Depois disso nunca mais ela falou palavrão. Aprendeu. Foi crescendo. Depois minha mãe perguntava o porque de eu deixar a minha filha passear. Eu dizia que não, que ela estava com os amigos, que eu estipulava o horário que ela tinha que chegar. Se ela dizia que ia chegar as 9h e eu ficava esperando. Se ela chegasse as 10 horas eu ficava brava e dava bronca. Não tinha respeito! Ela tinha 15, 16 anos, não me lembro. Eu dizia para ela não ir, mas ela insistia, estava viciada. Teimosa, a lá, ta rindo. Mas tinha 10, 11, 12 anos, muito teimosa. E eu preocupada. Meu marido não estava nem aí, dizia que a culpa era minha. Como eu sou mulher eu tinha responsabilidade com a minha filha.

Você a deixava sair, passear?

Eu ficava preocupada, mas ela me pedia por favor, por favor, por favor. Ela queria todos os dias, no mês todo. Não podia, meu marido ia brigar, eu não queria sofrer. Queria uma família feliz. Ela era muito teimosa, queria sair e eu dizia que não, mas ela não estava nem aí, queria passear, dançar. Ela tinha 11, 12 anos e eu aconselhando. Um dia voltei antes do trabalho e peguei ela fumando escondido. Ela tinha 15 anos e já fumava desde os 10. E eu não sabia. Eu perguntei quem te ensinou? Me fala! Descobri quem era a pessoa e falei um monte. Não pode fazer isso, você já é adulta e ela é uma criança. O que é isso! Ela é minha filha! Falei para a pessoa que ia contar para a mãe dela. Você estragou a vida da minha filha. Mudou a vida dela. Eu fiquei muito brava. Que teimosa!

Soube que seu marido faleceu. Como foi isso?

Ele trabalhava na Philips e ficou desempregado. Trabalhou 26 anos lá. Muito tempo. A empresa fechou e mudou para o Amazonas. Meu marido dizia que tinha que procurar emprego. Depois disso ele conseguiu na Avape. Depois disso ele foi mandado embora. Ficou esperando por dois anos. Uma mulher disse que estava tudo preparado, quase conseguindo trabalho e ai ele morreu. Eu acho que ele estava nervoso, com dor de cabeça, que ia e vinha. Fomos ao médico, ele examinou o meu marido. O médico nos disse que a meningite podia voltar. Fiquei assustada. Ele falava normalmente, mas com nove anos ele caiu, bateu a cabeça, teve meningite e ficou surdo. O médico nos disse para tomar cuidado porque a meningite podia voltar. Ele teria que ir mais ao médico para fazer tratamento, mas meu marido não queria ir, não gostava de médico. Depois de um tempo, a Hermione não estava em casa, ele disse que estava sentindo algo no braço. Cada um dizia fale com ele, fale com ela para ir ao médico, ai ele aceitou. A Hermione foi dormir na casa de uma amiga, e falamos para ela não voltar muito depois. A sorte é que ela deixou o telefone de uma amiga. Se acontecesse alguma coisa, podíamos ligar. Tudo correu bem, meu marido foi tomar banho. Quando eu fui ver ele estava com as duas mãos na parede. Ele disse que estava sentindo muita dor. Eu perguntei onde? Disse para ele que eu ia trocar. Me troquei. Ele estava quase caindo. Eu disse para ele sentar no vaso. Ele começou a ficar tenso, vermelho. Ele não conseguia mexer um lado do corpo, parecia que era um derrame. Eu comecei a gritar por socorro, e isso era uma hora da manhã. Os vizinhos vieram, chamaram a ambulância, foram muito rápidos. Os médicos me disseram que ele havia tido um derrame. Depois me disseram que ele tinha tido morte cerebral. O corpo estava bom, mas a mente estava morta. Eu não entendi direito, ele era um homem forte. Nunca tinha ficado doente. Fiquei muito triste, chorei muito. Fui ao banheiro, vomitei muito porque estava nervosa. A Hermione ficou desesperada. Chamamos meu cunhado, irmão do meu esposo e ele me disse para eu ter calma, que o médico voltaria para explicar. Mas isso seria só no outro dia. Os médicos nos ligaram para dizer que a mente dele havia morrido. Os médicos nos perguntaram se poderíamos doar os órgãos e eu disse que não. Foi igual com o meu pai, que havia caído e nos pediram para doar os órgãos. Fiz igual, não aceitei. Insistiram comigo, mas eu disse que não e assinei o papel. Depois de 24 horas ele morreu de vez. Enterramos. Nos sofremos muito. Minha mãe ficou conosco durante sete meses. Me ajudou muito, porque não tínhamos mais dinheiro. Minha filha estava desempregada. A nossa família foi nos ajudando. Com o tempo a Hermione foi procurar emprego e foi lutando, depois melhoramos, ficamos felizes. Ela começou a namorar, casou e está bem.

Já ocorreu de algum familiar ouvinte tirar a Hermione de vocês?

Eu brigava muito com o meu marido. Meu marido era muito chato, muito ciumento com nós duas. Pensei até em me separar. Minha mãe disse que não, para eu ter calma, que ele era nervoso porque estava desempregado. Depois minha mãe ligou para o meu irmão que era o quarto filho, que morava em Osasco. Depois minha mãe

ligou para a minha vizinha que era para eu ir na casa dela naquele dia. Eu disse que tudo bem, daí fomos. O meu irmão chamou a Hermione para conversar em particular e eu não sabia o que era. Depois o meu marido. Começaram a falar e disseram-nos que queriam levar a minha filha para morar com eles. Eu disse que não, meu cunhado queria levar ela embora. Ela é o meu sangue, saiu de mim. Ela é minha. Isso causou briga, confusão, ela não podia ter visto isso, como iria crescer com isso. Ela poderia ter problemas. Eu disse que não, vocês não mandam em mim. Nos orientaram então a não brigar mais e também não deixá-la sair para passear. Eu disse que não, que isso era bom deixar as pessoas conhecer os locais, aprender! A minha mãe disse que não, que não poderia. Não estava nem aí, fingia que aceitava as ordens dela, mas quem manda na minha família sou eu. Um dia minha cunhada nos ligou para chamar a Hermione para ir na casa dela para ficar umas duas semanas nas férias. Ela foi, ficou lá. Mas eu percebi uma coisa: ela estava usando a minha filha de empregada! Não gostei. Eu não vi isso, de mandar ela limpar a casa. A minha sobrinha no bem bom e minha filha limpando a casa. Não gostei. Eu disse para a minha cunhada que nunca mais a minha filha iria para lá. Um dia ou outro a Hermione podia ir, mas passar o mês lá, não. Se aproveitar da minha filha, não aceito! Não gostei. Folgada! Ela limpou o banheiro, a cozinha, tudo, eu descobri e não aceitei. Meu marido ficou louco. Que isso! Ele disse. Fazer isso com ela. Era para isso que queria roubar a minha filha?! Meu marido ficou bravo, com raiva da minha cunhada. Depois disso pediram desculpas e começaram a mimar a Hermione. Depois que meu marido morreu, ficaram tristes. Choraram. Eu fiquei quieta, mas tinha o trauma deles ainda. Nunca mais me senti bem perto deles. Problema deles.

Colin, 18 anos, solteiro, CODA

Conte um pouco de como foi a sua infância?

Na minha infância é...primeiro. Pra saber que meus pais eram surdos eu tinha meus avós próximo a mim. Daí eles de vez em quando interpretavam e explicavam que eram surdos, aí conforme o tempo fui aprendendo a falar em libras e normal também por causa de meus avós.

Como você conversava com seus pais?

Quando eu me relacionava com eles, eu pedia pra eles em forma de...como não sabia mesmo libras, em forma de mímica ou se não eles é... eles também sabiam o que eu queria pelo fato de me conhecerem, era só um gesto ou uma expressão eles já sabiam o que eu queria.

Durante a noite, quando você era bebê, como seus pais sabiam que você estava chorando?

Ah! Essa história é engraçada. Quando eu chorava, quando pequeno tinha um aparelhinho de escutar, de avisar quando o bebê estava chorando só que era diferente por que eles colocaram uma lâmpada, daí toda vez que eu chorava acendia a lâmpada. Aí tinha uma vez que o aparelho quebrava. Eu tinha que arranjar um jeito de chamar eles. Teve uma vez quando tinha dois anos de idade, que eu tinha um conjunto de perfumes, de produtos de bebês, eu tinha que chamar eles por que estava chorando, aí comecei a tacar nos meus pais por que a cama era perto. Quando minha irmã chorava eu, é...era um pouco maior, tinha uns três ou quatro anos, daí levantava eu chamava, por que quando minha irmã chora até me irrita mais um pouco também.

Como seus pais conversavam com a professora de sua escola?

Quando tinha que conversar com a diretora, professora e não era muito legal sempre chamar os avós, que de vez enquanto eles trabalhavam e saiam, então já na escola desde pequeno no pré com cinco ou seis anos comecei a acompanhar e ajudar eles, pra interpretar...ajudar eles. Como agora eu contei da escola. Sempre quando ele levava pra traduzir ou passava uma informação pra ele e eu me tornava responsável porque tinha que entender o que o pessoa fala para poder passar pra meus pais, entendeu?

Você chegou a ter que auxiliar o seu pai no banco, por exemplo?

Bancos...não cheguei a acompanhar, mas para bancos. Mas pra algumas casas como por exemplo cadastramento por telefone, aí de vez em quando tive que ser o Eduardo, falando com voz mais grossa, entendeu? Se passar pelo meu pai.

E no médico?

Médico, por exemplo é... quando era pequeno é ...meus avós costumava mais ir com meus pais por que ele entendia mais sobre o assunto, mas conforme fui crescendo já aprendia boa parte das coisas daí o que os médicos passavam eu pegava parte pra mim e explicava tudo a meu pais.

Como é interpretar para o seu pai?

Tem algumas vezes que a pessoa está falando pra mim eu primeiro escuto tudo pra depois falar pra meu pai, mas tem algumas pessoas que costumam repetir as coisas, e fala, fala, fala a mesma coisa e eu quando vou traduzir pro meu pai é pouca coisa eles acham que não traduzi tudo.

A quem você recorre para lhe aconselhar?

Ah! Conselhos é sempre ou recorro a meu pai por causa que ele tem muita experiência de na escola essas coisas, por exemplo: Meu pai...é...é meu pai tem mais experiência mesmo

Como seus pais lhe ajudavam na escola?

Então meus pais, meu pai é sempre falou pra confiar no professor então desde pequeno eu sempre...posso dizer, sempre fui meio estudioso por causa que sempre recorria ao professor como meu pai tava não me comunicava direto não sabia toda libras meu pai não podia responder algumas coisas era sempre direito com o professor e o professor respondia as perguntas então o professor ou os avós também.

Conte um pouco de seus avós em relação aos seus pais.

Meus avós são super protetores por que, por exemplo: Eles antes achavam por meus pais não ouvirem não iam conseguir dar conselhos de escola e outras coisas já ouvi até problemas com isso daí a gente teve até que se mudar por causa que meus avós eram muito mas muito super protetores em questão de estudo e vida pessoal, social. Queriam interferir. Parte da infância interferiam por que eu recorria aos avós mas conforme foi crescendo meus pais começaram a educar.

Como era isso para você?

No começo eles achavam bom, por causa que recorrendo a meus avós eu aprendia com eles eu tando em casa aprendia com meus pais mas se eu continuasse nisso ia virar uma rotina, sempre eu recorrendo a meus avós e daí então meu pai achou melhor não recorresse com eles mais sim com os pais.

As pessoas costumam ficar olhando para você e seus pais quando vocês conversam em público?

Sempre, sempre em lugares públicos acontecem disso porque por exemplo é uma língua que muita gente não conhece e acham estranho e tem grupos de jovens ou ignorantes que acham que é engraçado e que perto desses eu...até me preocupo em fazer libras mas por que é possível arranjar confusão com essas pessoas, entendeu? Mas normalmente na rua, shopping procuro sempre falar com eles em libras, porque é a língua deles.

Na escola você contava para os seus colegas que seus pais eram surdos?

Em questão de escola...eu sempre falava que eles eram surdos...mas admiravam nossa! Pais surdos, filhos ouvintes bacana e até mesmo foi respeitado enquanto a isso. Mas problema com isso não.

Arthur, 43 anos, casado, surdo

Conte como foi o nascimento de Colin.

Quando minha esposa estava grávida eu fiquei muito feliz. Não importava se nascesse surdo ou ouvinte, menino ou menina. Nasceu um menino primeiro. Eu descobri que ele era capaz de ouvir. Não fiquei preocupado por ele nascer ouvinte. Quando minha esposa estava grávida, nos comunicávamos em sinais entre nós. Quando ele nasceu, mostrávamos nossas expressões faciais, nossos sinais. Nosso filho começou a nos observar e ver que somos surdos e passou a copiar jeito de se comunicar.

Como você e sua esposa faziam para ouvir o choro de Colin durante as madrugadas?

Quando o Colin tinha 9 meses, ele gostava muito de brincar. Comecei a mostrar à ele que próxima a cama havia uma lâmpada que acendia quando se gritava. O Colin começou a perceber isso. Depois de um tempo, numa madrugada esse aparelhinho quebrou. Ele gritava, chamava, começou a se mexer no berço. Pegou a chupeta e começou a jogar em nós. A chupeta caiu no colo da minha esposa, que viu o Colin sorrindo.

Quando ele era criança ele te ajudava na comunicação com os ouvintes?

Quando meu filho já tinha mais ou menos 7, 8, 9 anos eu passeava com ele. Quando havia dificuldade de comunicação, quando mesmo escrevendo o que eu queria num papel e a pessoa não entendia, eu chamava meu filho para traduzir e assim a comunicação fluía. As pessoas ficavam de queixo caído ao ver isso. Nunca senti preconceito.

E quando você precisava ir ao médico?

Quando meu filho não estava bem de saúde tínhamos que ir ao médico e tínhamos que ir ao médico, eu até conseguia me comunicar usando a escrita. Meu filho ficava observando. Quando a comunicação ficava difícil meu filho entrava começava a sinalizar. Depois de examinar, o médico ia explicando os procedimentos. Meu filho ia perguntando ao médico o que deveria ser feito e logo em seguida me explicava em Libras. Me falava os horários que o remédio deveria ser tomado, de forma perfeita. Ele mesmo ia e tomava os remédios sabendo exatamente o horário que deveriam ser tomados.

Como você educa seu filho?

Quando meu filho tinha 3 anos eu dizia que não podia colocar o dedo na tomada. Eu dizia para ele “não pode” porque senão você morre! Assim ele aprendia. Meu filho me perguntava: porque não posso mexer? Você não pode mexer porque pode se queimar, pode se cortar. Assim ele ia aprendendo as coisas. Eu como pastor não os

aconselho de uma forma rígida. Eu explico coisas como a sensibilidade da vida, mostro a eles que temos que amar a igreja, porque ela é a casa de Deus. Não os obrigando a ir na igreja, mas aconselhando, explicando de forma clara. Quando eles brigam eu os aconselho que isso é feio, que não é bom fazer isso, que os irmãos precisam viver em união. Digo que Deus fica triste com uma família que é desajustada. Isso através da Libras, com as expressões, com a Bíblia, mostro versículos usando a Libras, não de forma imposta. Eu sempre junto com a minha esposa peço a Deus que guie nossos filhos contra as coisas erradas. Não dando bronca, mas com carinho. Quando erram eu os corrijo, com carinho, com amor, para andarem no caminho de certo. Eu tenho uma história. Às vezes eu passeio com os meus filhos e com a minha esposa na praça. As vezes meu filho saía correndo, e eu dizia a ele, não corra! Senão você vai cair. Mas ele não obedecia, caía e chorava. Eu não disse para você não correr. Dessa forma ele aprendia. Eu dizia, olha, presta atenção na rua. Aconselhava ele a olhar para os dois lados antes de atravessar a rua. Quando ele tinha entre 5 e 6 anos eu dizia, olhe para os dois lados da rua. Não precisava ficar segurando tanto na mão e assim atravessávamos a rua.

Seu filho teve alguma dificuldade na escola?

Quando meu filho tinha mais ou menos 5 anos ele começou a ir para a escola e começamos a perceber que na 1ª. série ele tinha dificuldades. Ele começou a ficar angustiado e preocupado. A professora também. Mas eu disse para ele, olhe filho, olhe para o seu pai. Lá na escola as pessoas são ouvintes. Você se acostumou com uma família surda, usuária da Libras. Divida seu cérebro em dois. Uma parte é ouvinte e a outra usa Libras. Quando você estiver com alguma dúvida, não fique esperando. No mundo ouvinte os pais podem ajudar, mas para nós surdos é mais difícil. Quando você chegarem casa, você pode usar a Libras.

Os avós interferiam na educação de seu filho?

Por muitas vezes eu fiquei nervoso porque ele sempre subia na casa dos avós e ficava lá por horas conversando. Chegava em casa as 5 da tarde, às vezes à noite. As vezes vinha nervoso, brigava com a mãe, estava agitado por causa da Libras. Estava acostumado com a fala, com a audição. Eu o aconselhei a ele que há duas formas de comunicação. Libras e Português. Depois disso ele ficou mais calmo e não houve mais conflitos.

Como é assistir a televisão? Seu filho auxilia dizendo o que está sendo dito na TV?

As dificuldades que eu tenho são em primeiro lugar a audição, não consigo saber o que as pessoas estão dizendo, se estão falando algo interessante. Também as coisas que passam na TV, se são verdadeiras ou falsas, o que está acontecendo. O barulho do ambiente, que não consigo ouvir. É difícil não ouvir. Tenho que estar

sempre atento visualmente, eu sofro um pouco com isso. Tenho que ficar com os olhos atentos 24 horas por dia. Isso para poder entender a comunicação em Libras. Para o ouvinte é mais tranquilo, se alguém fala, ele ouve. Os surdos precisam ficar com os olhos atentos. Isso é um pouco angustiante.

Como Colin começou a entender a LIBRAS?

O Colin começou a perceber de mim e da minha esposa quando conversávamos e começou a perceber a nossa língua. Ele ficava brincando. A minha filha também ficava nos observando. Por exemplo, a expressão facial de choro, eles logo viam que significava o choro. Assim eles iam adquirindo os sinais, as expressões e entender a Libras com mais clareza. Sempre mostrávamos a eles os sinais de pai, mãe, sempre conversando em Libras: às vezes, quando íamos na casa de amigos surdos, eles ficavam nos observando falar em sinais e assim adquirindo. Isso sempre nas festas que íamos juntos, e assim iam aprendendo e vendo a comunicação em sinais. Quando eles chegavam aos 3 anos ficavam vendo as nossas expressões, como pai, mãe, aprender, chupeta, água e assim por diante. Não de forma rápida, mas sinais simples, passo a passo e junto as expressões faciais.

Simas, 27 anos, casado, CODA

Conte um pouco de sua infância.

Na minha infância pelo que eu sei, da parte da minha vão que são pais da minha mãe. Quando minha mãe ele ficou grávida ela casou com o meu pai e depois disso eles iam morar juntos, e a minha bisavó ele pediu para que eles morassem juntos para não ter dificuldade de pais surdos ter um filho ouvinte chorando a noite, precisando dar de mama, dar comida, ai eles começaram a morar juntos com meus avos, depois disso o meu pai eles tinham o quarto deles e eu ficava sempre no quarto dos meus avos, porque quando eu chorava a noite a minha avó que me pegava me faziam dormir e quando eu queria mamar eles iam ate o quarto da minha mãe chamavam a minha mãe e davam de mamar para eu dormir.

Era difícil ter os pais surdos?

Olha eu acho que atrapalhou sim viu porque e assim eu não sei como e ser filho de ouvintes, mas quando você vê outras famílias, por exemplo, o pai esta sempre em cima, ele ta sempre querendo que o filho e um pouco diferente não que eu não tive meus pais, meus pais eu sempre tenho ate hoje eu moro com eles né. Eu tive meus avos como os meus pais ate as vezes em alguns casos em cima dos meus pais biológicos, em reunião de escola, briga de rua as vezes quando você e moleque que acontece alguma coisa na rua que você briga e sabe meus avos que tavão lá na frente.

Quem educou você desde a infância?

Era meus avós, meus avós eles assim não faça isso não faça aquilo, toda criança tem aquele seu tempo de, sei lá, querer ficar noite na rua para jogar bola, fazer isso, fazer aquilo, com meus pais eu nunca tinha essa atitude de não você vai chegar a casa 10 horas. Então a minha mãe ia me buscar a noite na rua mas porque minha avó falava vai lá buscar o Ricardo, vai lá buscar o Eduardo que é o meu irmão. Graças a Deus eu consegui muita coisa trabalho sabe, e criar uma empresa que ajuda deficientes pela minha avó e pelo meu avô né, pela educação que eles me deram né ser uma pessoa honesta por eles, porque eles sempre foram então assim a minha avó sempre falava se você comprar alguma coisa para alguém sempre devolve até os centavos de troco, eu sempre fiz isso então a minha vó me dava o dinheiro para eu comprar alguma coisa eu ia com um centavo de troco e dava para ela e ela sempre gostou disso. Isso que ela me ensinou a ser honesto, a sempre ser educado

Mas você obedecia seus pais?

Ah eu tinha sim a obediência dos meus pais, porque eu sempre cresci sabendo que eles eram os meus pais como eu sabia da deficiência deles da audição e eu sabia também da dificuldade que a minha mãe teve por não ter uma escolaridade e meu pai sempre trabalhou ele tinha o salário dele tranquilo, mas agente sempre devia a obediência aos meus avós.

Você teve dificuldades de aprender língua portuguesa na escola?

Olha com o português eu nunca tive assim dificuldade, mas o engraçado que quando eu chegava em casa com alguma lição de casa assim para fazer, algum trabalho escolar, quem tava me ajudando era a minha avó, porque minha mãe como eu disse nunca teve uma escolaridade e meu pai trabalhava então quem me ajudava era minha avó, mas eu acredito que mesmo que se minha mãe tivesse uma escolaridade e meu pai estivesse em casa mesmo assim seria minha avó que estaria me ajudando e que iria ajudar a escrever ,português, matemática, como ela já fez muitas vezes .

Sua mãe cuidava de você?

Olha Osmar isso aí vai ser uma pergunta difícil, mas eu acredito que assim a minha mãe eu vejo na minha mãe uma pessoa muito boa entendeu e assim uma pessoa que ajuda muito meu pai, ajuda muito a casa assim à limpa, passa roupa não e porque ela é surda e não tem uma escolaridade que ela só fica assim entendeu burra, não entendeu ela faz coisa em casa, engraçado que sabe quando ela me ajudou muito que me veio agora na minha mente, quando eu ia para a escola e o meu avô que me acordava né assim 6h da manhã então meu avô acordava 5:30 da manhã ia fazer o café dele e então ele subia e chamava a minha mãe, aí a minha

mãe ficava sentado na cama olhando no relógio ate dar o tempo certinho para me chamar, então ela não dormia e esperava dar o tempo certinho para me chamar. Assim ela,eu falo muito dos meus avos mas não que só eles,meu pai teve uma contribuição sem duvidas,mas e que muitas coisas mais importantes da minha vida foram os meus avos ,só que meus pais sem duvida teve muitas coisas que me ajudaram muito.Eles me deram presentes por exemplo assim de aniversario,não foram só os meus avos entendeu,então eles sabem assim ah e seu aniversario vou dar presente ,vamos comprar alguma coisa que eles querem.Um bicicleta quem foi atrás disso foi o meu pai,um vídeo game quem foi atrás disso foi o meu pai.Então e assim eu falo muito dos meus avos mais

Com que idade você começou a sinalizar?

Olha eu não lembro, não lembro mesmo, não lembro. Eu imagino que como eu vejo outras crianças filhos de surdos fazendo com 3,4 anos então eu imagino que seja essa idade 3 ou 4 ano

Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter os pais surdos?

Isso ai agente sempre escuto tipo “olha o filho do mudo”, ”filho do mudinho” sabe ai coitado dos seus pais, mas isso ai quando eu era criança não vou dizer assim envergonhado, mas eu ficava sem jeito né, hoje não se a pessoa fala isso para mim eu vou la e dou uma aula de surdez então hoje já e diferente.

Você já encontrou alguma vantagem em ser filho de pais surdos?

Oh eu não sei se isso e vantagem, mas, por exemplo, como eu trabalho com isso e sou interprete de libras isso daí às vezes e ate bom porque você chega a um lugar assim ai a pessoa fala ah esse ai e filho de surdos ele manja, ele sabe, cuidado que aquele convive com surdo desde criança, ele não aprendeu ontem, ah dez anos atrás, ele sabe então daí você tira um pouco de vantagem sim.

A escolha de sua profissão ter a ver com a surdez de seus pais?

Não tem, e que e assim lógico que ajudou muito porque desde criança eu já sabia libras, mais isso daí essa profissão que eu escolhi foi de uma indicação, porque assim eu tava assim eu tava no ultimo ano de ensino médio e eu tava sem trabalha e ai eu não conseguia trabalho ai me disseram de uma faculdade que estava precisando de interprete ai eu fui ate lá fiz a entrevista e passei ai eu comecei a trabalhar,eu eu vi que isso era uma coisa boa,uma coisa que eu gostava ai eu comecei a fazer um curso para ter certificado e ter mais conhecimento da libras,comecei a trabalhar com interprete inicialmente neh e depois comecei como instrutor .Em 2008 eu abri uma empresa que trabalha com deficiência em geral,mas especialmente com a surdez,indicando interprete,aula de libras para outras empresas para que ele conheça mais o surdo,tenha mais contato com o surdo para empresas,escolas em geral.

Você interpretava o que se falava na televisão para os seus pais?

Para o meu pai não, porque meu pai sempre adaptou a televisão com o fone de ouvido, então ele colocava o fone de ouvido e escutava e até hoje ele faz isso e escuta muito bem com o fone de ouvido ele coloca auto e que não atrapalha as pessoas que estão em casa e nada disso então fica só para ele aquele som e fora do fone de ouvido e um som normal. A minha mãe assiste novela como todas outras mães e quem traduzia para ela era a minha avó, mesmo minha avó não sabendo libras, minha avó morreu não sabendo libras, só que eles tinham aquela comunicação familiar, ficava em casa do minha avó e minha mãe que sabiam aquela comunicação né e ela traduzia para minha mãe e as vezes também quando eu estava junto minha mãe perguntava o que está acontecendo, o que tá falando aí eu ia lá e traduzia. Então e que e assim como eu sei e minha mãe sabe isso no tem mais, tem algumas coisinhas sabe assim, mas são poucas, mas isso acontece muito quando a pessoa não sabe libras com uma que sabe ou é avó, ou é pai ou irmão e tem aquela linguagem caseira. Isso acontece sim mas com famílias que não sabem libras com pessoas que sabem.

Você alguma vez já teve vergonha de ter os pais surdos?

Então se eu tive alguma vergonha assim dos meus pais isso daí eu não me recordo, mais eu acredito que já tive sim quando criança, porque toda criança que tem um pai deficiente, tem uma, aquela “poxa meus pais não são normais” apesar que hoje eu acho eles normais, mas quando criança você pensa nisso então sabe” ah meu pai tem um pai que é perfeito” sabe e meus pais e minhas mães não eles mexem com as mãos. Então eu acho que já tive sim vergonha ou algum não preconceito mas alguma coisa que me deixou bem retraído dos amigos, apesar que todos meus amigos conversavam com a minha mãe. Então eu nunca escondi o meu pai e a minha mãe, principalmente a minha mãe né, que meu pai ele fala, mas eu nunca eu escondi ela isso sem dúvida, com meus amigos eu ia levava minha mãe meus amigos conversavam e brincavam minha mãe sempre foi extrovertida né então ela nunca foi seria isso ajudou muito ela, e ela sabe se relacionar mesmo ela não falando ela consegue se relacionar, mas eu acredito que eu já tive assim um pouco de vergonha

Você sente que amadureceu muito depressa? Isso foi um fardo para você?

Não isso daí é um fardo e um pouquinho sim então meu irmão também quando meu avó faleceu quem foi atrás de caixão, o cemitério eu nem sabia onde era minha vó muito abalada agente perguntava onde é o cemitério onde é o tumulto agente ficou sabendo eu já tinha ido Lá, mas quando eu era criança aí quando ele me faleceu fui atrás de cemitério de cartório porque tinha que fazer exumação, atrás de certidão de óbito, então depois desse dia eu percebi que olha, porque a minha mãe ela tem um irmão o meu tio só que ele não mora aqui né e aí ele não tinha como ajudar também né e quando a minha avó faleceu há uns meses atrás eu já fiquei mais tranquilo eu já sabia o que fazer aonde ia, meu irmão também ele ia a um lugar e eu ia a outro agente foi resolvendo tudo assim tranquilo, antigamente era um fardo hoje não, eu fico até contente com isso porque hoje eu sei resolver muitas coisas da minha vida e eu vou saber resolver por ter passado já né, tem muitos filhos assim de pessoas que

não são surdas que tem 20 anos de idade e não sabe resolver quase nada né, banco não sabe resolver, se alguém falecer da família ai o que é que eu faço, eu sei que tem que enterrar, mas a onde, como e que eu tenho que fazer a onde eu tenho que ir, ah onde eu compro caixão então assim eles não sabem disso, muitos não sabem. E hoje por ser filho de surdo eu sei muita coisa por essa necessidade. O ruim porque as vezes você perde algumas coisas da sua infância, eu joguei bola, bolinha de gude e empinar pipa eu só não empinei porque eu não gostava, mas eu podia eu tinha essa liberdade né de brincar de esconde esconde, polícia e ladrão eu sempre tive essa liberdade sabe, mas eu fui criando mais responsabilidade também pelo motivo do meu pai ser surdo e eu precisar me impor muito, porque assim antes do meu avó faleceu ele estava com Alzheimer e minha avó tava velhinha já não podia ajudar muito quem ia atrás de médico era eu e o meu irmão e toda vez que não tinha carro também agente se virava para ir em algum lugar né depois que criou o carro foi tudo mais fácil de levar de buscar, mas era complicado sim. Tem esses dois lados de ser bom e de ser ruim.

Você já precisou abrir mão de algo para ficar com seus pais?

Se eu tive que me desfazer de alguma coisa para ficar com meus pais isso nunca, porque até então eu sempre tive os meus avós, o meu irmão, e que nunca me passou isso pela cabeça eu já tive vontade de fazer um curso fora isso sem dúvida, mas e por falta de condição mesmo de incentivo, mas por causa dos meus pais não.

E na escola, como era? Seus pais é que frequentavam reuniões ou seus avós?

quando tinha reunião, que você perguntou quem ia à reunião né, na verdade quem ia era a minha avó ela ia a todas as reuniões e minha avó sempre foi assim amiga minha, assim de proteger minha e do meu irmão né, de proteger de cuidar sabe ah e meu filho ela falava sabe ah e meu filho, então quando eu fazia alguma coisa errada para não contar para o meu pai que meu pai era muito bravo, ela falava ah tá tudo bem o Ricardo tá excelente na escola e não tava tinha nota ruim, fazia bagunça, brigava, não nossa olha tá excelente e escondia isso ai deles né e uma vez que dizer eu me lembro disso foi com uma diretora ela falou assim que iria chamar o meu pai, ela falou para a minha avó eu quero os pais dele eu não quero os avós, eu quero os pais a minha avó falou assim os pais deles são surdos e como você vai falar com eles, eles não vão conseguir te entender, lógico que meu pai podia ir meu pai ia entender algumas coisinhas se ela falasse mais sabe, só que ai ela falou os pais deles são surdos e não vão entender, porque se eu fizesse alguma coisa errada mesmo eu ia chegar em casa e meu pai ia dar uma bronca em mim e feia, então olha os pais deles são surdos não dá para vir na escola, eles não vão conseguir vim e quando eu ia para a escola a minha mãe ia junto comigo e com a minha avó, então a diretora via minha mãe e via que não conseguia conversar então ela pensava que meu pai fosse igual a minha mãe entendeu eu aproveitava disso daí também né.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Metodista de São Paulo-UMESP

PROJETO DE PESQUISA

Título: A Cultura Surda e sua influência os CODAs

Área Temática:

Pesquisador: Osmar Roberto Pereira

Versão: 2

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo - UMESP **CAAE:** 01871012.0.0000.5508

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 47607
Data da Relatoria: 21/06/2012

Apresentação do Projeto:

O projeto, de mestrado em educação, se propõe estudar como a relação com progenitores surdos pode influenciar a cultura de filhos ouvintes que vivem na fronteira entre duas culturas: a dos surdos e a dos ouvintes.

Apresentam-se claramente todos os componentes básicos de um projeto de pesquisa, tais como tema, objetivos, hipóteses, metodologia e bibliografia. O estudo incluirá pesquisa bibliográfica e de campo com uma amostra de 10 pessoas de 21 a 30 anos: 5 progenitores surdos e 5 filhos (ouvintes) de surdos.

Objetivo da Pesquisa:

Esclarecer até que ponto a relação com os progenitores pode influenciar a cultura dos filhos ouvintes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador informa os possíveis desconfortos decorrentes da pesquisa no projeto e para os entrevistados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de proposta de pesquisa bem elaborada, com objetivos apropriados e metodologia clara ao campo da Educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto e o TCLE estão devidamente apresentados.

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após leitura e análise do projeto e exame criterioso de todos os itens que compõem os documentos do Protocolo de Pesquisa, incluindo os itens presentes no Roteiro de Checagem para o parecerista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi constatado que nada consta do processo que fira os princípios e normas da ética em pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP-UMESP considera o projeto de pesquisa APROVADO, lembrando que a condição de aprovação da pesquisa propriamente dita exige o que segue:

- Que sejam encaminhados ao CEP-UMESP relatórios anuais sobre o andamento da pesquisa (parciais e finais).
- Que sejam notificados ao CEP-UMESP eventos adversos que tenham ocorrido no curso da pesquisa e que sejam significativos do ponto de vista ético e metodológico.
- Que sejam notificadas eventuais emendas e modificações no protocolo de pesquisa.

SAO BERNARDO DO CAMPO, 29 de Junho de 2012


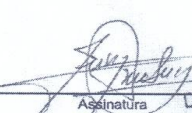
Assinado por:
Luciane Frizo Mendes

ANEXO B – FOLHA DE ROSTO ENVOLVENDO PESQUISA PARA SERES HUMANOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A Cultura Surda e sua influência nos CODA's		2. CAAE:	
3. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
4. Nome: Osmar Roberto Pereira			
5. CPF: 221.485.088-06		6. Endereço (Rua, n.º): CANANEIA, 340 VILA VALPARAISO casa 4 SANTO ANDRE SAO PAULO 09060480	
7. Nacionalidade: BRASILEIRA		8. Telefone: (11) 8148-6984	9. Outro Telefone: 10. Email: osmarrobertop@gmail.com
11. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>27</u> / <u>03</u> / <u>2012</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Metodista de São Paulo - UMESP		13. CNPJ: 44.351.146/0001-57	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (11) 4386-5817		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Jung Mo Sung</u>		CPF: <u>978.238.308-82</u>	
Cargo/Função: <u>DIRETOR</u>			
Data: <u>26</u> / <u>03</u> / <u>2012</u>		 Assinatura Jung Mo Sung Diretor da Faculdade de Humanidades e Direito	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

Pereira, Osmar Roberto

P414n Nascidos no silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação / Osmar Roberto Pereira. 2013. 140 f.

Dissertação (mestrado em Educação) --Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

Orientação: Zeila de Brito Fabri Demartini

1. Surdez 2. Relação pais-filhos 3. Língua de sinais 4. LIBRAS I. Título.

CDD 374.012